LEITURAS

ENSINO PRIMÁRIO ELEMENTAR

IV CLASSE

POR

MANUEL SUBTIL
CRUZ FILIPE
MARIA ARTUR
GIL MENDONÇA

Ilustrações de
Eduardo Romero

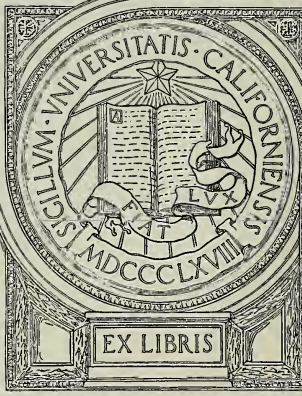
41.ª EDIÇÃO

Adoptado oficialmente para o ano lectivo de 1942-43

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA — LISBOA

A ESCOLA PRIMÁRIA

UNIVERSITY OF CALIFORNIA
AT LOS ANGELES



EX LIBRIS

Gift of
João de Bianchi, Minister
of Portugal

Chamo-me .....

Moro .....

Tenho ..... *anos*

Peso .....

Tenho de altura .....

Se êste livro for achado,
já sabem quem o perdeu:
todo aquêle que é honrado
entrega o que não é seu.

OFERTA DO
INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

LEITURAS

IV CLASSE

ENSINO PRIMÁRIO ELEMENTAR

IV CLASSE

LEITURAS

POR

MANUEL SUBTIL
CRUZ FILIPE
FARIA ARTUR
GIL MENDONÇA

71540

APROVADO OFICIALMENTE

1942

Livraria Sá da Costa - Editora
AUGUSTO SÁ DA COSTA & C.ª
Largo do Poço Novo, 24 - LISBOA
TELEFONE N.º 2 2016
TELEGRAMAS: LIVROSACOSTA

Reservados todos os direitos de reprodução

Todos os exemplares devem ser autenticados com as rubricas dos autores e editores.

1942
Bertrand (Irmãos), L.da
T. da Condessa do Rio, 27
:: :: Lisboa :: ::

UNIV. OF CALIFORNIA

PC
5069
S94
v. 4

AOS EDUCADORES

Dada a índole da classe a que se destina, êste livro não podia deixar de conter trabalho estranho, em vez de ser, como os de 2.ª e 3.ª classes, todo original.

Por um lado importa que a leitura seja variada, e por outro convém que o aluno desta classe conheça alguns pedaços de boa prosa e de boa poesia de escritores portuguses de entre os mais apreciados e consagrados.

No entanto, como se verá, só uma pequena parte deixou de ser escrita pelos autores, o que quere dizer que estes se não pouparam a trabalho.

Os trechos não podem deixar de ser mais extensos, como é natural, tendo havido, contudo, o cuidado de intercalar nêles alguns elementos que, ou recreando ou instruindo ou ainda tendo em vista os dois fins simultâneamente, possam amenizar a leitura.

447086

Continuam a aparecer neste livro alguns testes apropriados à 4.ª classe, dada a reconhecida utilidade dos anteriores.

Os quadros históricos são apresentados sob uma forma que nos parece vantajosa, pois se prestam, se forem inteligentemente compreendidos, a mais de um exercício eficaz.

Observação, compreensão, identificação, elocução, moral, civismo, redacção — a todos estes exercícios se prestam os quadros que apresentamos, com a coadjuvação valiosíssima do grande e consagrado artista que se chama Eduardo Romero, autor de todos os outros desenhos que esmaltam êste livro.

Continuamos a apresentar alguns exercícios de leitura silenciosa, dada a importância e a utilidade que nela reconhecemos.

A mesma boa vontade nos guiou, orientou-nos o mesmo desejo de ser úteis ao ensino do nosso país.

Se o não conseguirmos, não terá sido certamente por falta de boa vontade e de esfôrço, de diligência e de patrotismo.

Lisboa, 1931.

OS AUTORES.

A caminho da escola

— Olhem: lá vai o Gonçalo
caminho da Escola... além...
— Vamos depressa apanhá-lo,
vamos com êle também.

Tem sido meu companheiro
da primeira à quarta classe:
pontual como o primeiro,
nunca vi que êle faltasse!

É bondoso e aplicado
cortês e respeitador;
por isso é tão estimado
pelo nosso professor.

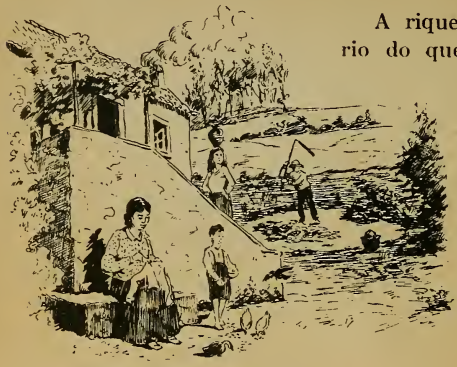
Não é tolo nem se gaba
de saber sempre as lições;
conforme começa, acaba,
modesto, sem pretensões.

Lá vai: nunca se demora
no caminho a conversar,
chega sempre antes da hora:
— é um aluno exemplar!

Rapazes! vamos a ver
se sabemos imitá-lo!...
se podemos proceder
em tudo como o Gonçalo.

A paz na família

Depois da saúde, o maior, o mais apreciável dos bens é a PAZ.



A riqueza, ao contrário do que muita gente julga, não é suficiente para nos dar a felicidade.

Pode uma família possuir abundantes meios de fortuna, ter posses para adquirir quanto precise ou apeteça, gozarem excelente saúde tôdas as pessoas que a constituem: mas, se estas se não estimarem, se não forem unidas, se a desarmonia as indispuser a cada passo, se entre elas houver discórdias freqüentes, essa família, apesar da sua riqueza, não pode ser feliz. Pode, pelo contrário, uma família pobre, não obstante a escassez de seus recursos, gozar de uma relativa felicidade, desde que os seus membros se conformem com a sua pobreza, se estimem sinceramente, se compreendam e se auxiliem uns aos outros.

Nada mais simpático, na verdade, do que uma família unida, ligada pelos mesmos sentimentos de amizade e dedicação, e trabalhando harmònicamente para o mesmo fim. Nada mais deplorável, pelo contrário, do que uma família desunida, dando aos estranhos o lamentável espectáculo de vergonhosa desarmonia.

A maior parte das vezes é a ambição que dá causa a essas discórdias. Questões, por exemplo, de partilhas de bens deixados pelos pais, dão muitas vezes motivo a malquerenças entre irmãos que anteriormente, em vida dos pais, viviam na melhor harmonia.

Não se entendendo, recorrem então à Justiça, para que ela faça aquilo que êles poderiam e deveriam ter combinado à boa paz, mas que, por ambição quási sempre, não souberam ou não quiseram fazer.

A intervenção da Justiça é dispendiosa: e o resultado dessa intervenção é terem os desavindos irmãos de herdar menos, ficando a detestar-se mais.

Quanto melhor não seria que essa partilha tivesse sido feita amigàvelmente, ainda que algum dos herdeiros viesse a ficar levemente prejudicado em relação aos outros.

Mais vale ruim acôrdo
que boa demanda.

Apenas *saia* da escola
irei p'ra casa num ai,
dar uma *saia,* de esmola,
à mendiga que ali vai.

¿Que palavra é *saia* no { 1.º verso? / 3.º verso? }

¿ Qual é o contrário de *saia,* no 1.º verso ?

Na família, o chefe é o Pai; na escola, o chefe é o Mestre; no Estado, o chefe é o Govêrno.

CASTILHO

A paz nas nações

Surgem às vezes conflitos entre as nações e, quando não chegam a acôrdo, isto é, quando se não harmonizam na solução dêsses conflitos, recorrem à guerra.

A guerra! Eis um dos maiores flagelos que, em todos os tempos, têm afligido a humanidade. ¡Por causa dela quantas desgraças ocorrem, algumas de todo irremediáveis! ¡Quantas pessoas ficam reduzidas à miséria por motivo de um conflito, para que não concorreram e do qual não tiveram, portanto, a menor culpa! ¡Órfãos sem pai, mulheres sem espôso, pais sem filhos, mães velhinhas sem o seu único amparo que lá ficou morto na guerra, soldados mutilados que antes eram homens válidos e que tão úteis podiam ser no amanho da terra, tornando-a fecunda — um grande cortejo enfim de misérias, de infortúnios, de desgraças!

Horrível coisa a guerra! Mas, embora o seja, de modo algum devemos deixar de tomar parte nela em defesa da nossa querida Pátria, se isso fôr necessário.

Mas devemos de preferência empregar tôda a nossa boa vontade em concorrer para a manutenção da paz, em evitar. por todos os meios legítimos, que seja declarada a guerra.

Na verdade, a maneira mais eficaz de a evitar é fazer a propaganda constante da paz, visto que na guerra vence sempre o mais forte; mas nem sempre o que tem mais razão.

Depois da Grande Guerra, que durou de 1914 a 1918, algumas nações, aceitando o nobre pensamento de um ilustre americano, presidente de um grande e rico país,

os Estados-Unidos, resolveram criar a chamada *Sociedade das Nações,* grande comissão constituída por alguns representantes seus, e que funciona em a cidade de Genebra, num país da Europa chamado Suíça.

A *Sociedade das Nações,* consagrada à paz dos países que nela estão representados, merece o apoio de tôdas as almas bem formadas, de todos aquêles que, integrados num pensamento generoso de concórdia e de amor da humanidade, preferem aos horrores da guerra os benefícios incomparáveis da **PAZ**.

RAMO DE OLIVEIRA

SÍMBOLO DA PAZ

Forme uma frase em que entre a palavra *paz.*

No barulho ninguém se entende, é por isso que na Revolução ninguém se respeita.

CASTILHO

O filho pródigo

UM pai tinha dois filhos, e um dia, o mais moço pediu-lhe que lhe desse a parte da herança que lhe havia de caber por sua morte. E, como a recebeu, se partiu para longes terras.

Rodeado de muitos amigos, entregou-se a todos os prazeres e à prática de todos os vícios, de modo que dentro em pouco, reduzido à miséria, os próprios amigos fugiam dêle.

Viu-se então obrigado a aceitar o lugar de guardador de porcos e a comer os sobejos das suas viandas.

E nesse estado lamentável, cheio do maior arrependimento, pensava consigo: — Quantos servos em casa de meu pai têm pão em abundância e eu estou aqui morrendo de fome. Por isso é forçoso que eu vá ter com êle e, prostrado a seus pés, lhe diga: — Meu pai, contra Deus e contra vós pequei, e não mereço que me chameis vosso filho; peço-vos que me recebais em vossa casa e me trateis como ao mais humilde dos vossos servos.

E, com estes pensamentos, se pôs a caminho.

De longe, o pai avistou-o; foi ao seu encontro; beijou-o e abraçou-o; e êle, com muitas lágrimas, lhe pediu perdão.

O pai mandou que lhe vestissem o melhor fato e matassem o vitelo mais gordo, e que se fizesse uma grande festa.

E quando o irmão mais velho chegou do campo, mostrou o seu ressentimento por tamanha alegria, ao que o pai lhe disse:

— Meu filho, tu sempre viveste comigo e tudo o que eu tenho é teu. Mas é justo que nos alegremos, porque teu irmão estava perdido e agora o achámos, estava morto e reviveu.

Contou Jesus esta parábola para mostrar a alegria que sente o Pai Celeste por um pecador que se arrepende, e ao mesmo tempo ensinar que não há pecado que não obtenha perdão desde que, humildemente arrependido, o pecador o confesse.

CEREJAS

A mãe de Maria era pobre: mas uma pessoa pode ser pobre sem deixar de ser asseada. No meio da sua pobreza, brilhava pelo esmêro com que arrumava a sua casa. Os filhos, embora pobremente vestidos, andavam sempre muito limpos. Era o que se chamava uma mulher muito arranjada. Na casa, muito limpa sempre, notava-se o mesmo arranjo e asseio.

Uma vez, quando a mãe tinha saído, a Maria, que era muito amiga dela, quís fazer-lhe uma surprêsa.

Havia então poucas flores no quintal.

Maria tinha visto a cerejeira, árvore de que ela tanto gostava, já com alguns ramos floridos. Colheu um dêles e foi pô-lo numa jarra. muito alegre com a idéia que tinha tido.

— ¡ Como a mãe vai ficar contente !

Quando esta chegou e deu pelas flores, em vez de mostrar o contentamento que Maria esperava, mostrou-se, pelo contrário, pesarosa e contrariada.

— ¿ Tu é que colheste estas flores ? — preguntou ela.

— Fui, sim, minha mãe.

— Fizeste mal.

— Porquê ? — preguntou Maria, admirada.

— Cada uma destas flores poderia vir a dar uma cereja.

— Sim? Não sabia.

— Bem sei que não sabias: por isso não mereces repreensão, por isso não ralho contigo. Fizeste mal sem o saber.

— ¿ Mas como é que as flores dão cerejas, minha mãe? Diga... diga... — pediu a Maria, muito interessada.

— Só te sei dizer isto. Espera que teu pai venha, e êle te explicará o que eu não sei.

A mãe de Maria era inteligente: mas como tinha andado pouco tempo na escola, não soube explicar à filha o que ela desejava saber. Maria teve de conformar-se.

Faz-me *pena* esta Maria...
que é muito boa pequena:
¡ mas é raríssimo o dia
em que não lhe esquece a *pena !*

— *¿ Que significa a palavra* pena *em o primeiro verso ?*

— *¿Que espécie de palavra é* pena?

— *¿ Que quere dizer* pena *no último verso ?*

— *Também é substantivo ?*

— *¿Como se chama aquêle conjunto de quatro versos?*

— *¿Diga uma quadra, se sabe.*

Honra em tudo e por tudo teu Pai e tua Mãe.

CASTILHO

Como nascem as cerejas

À tarde, o pai de Maria regressou a casa. A filha, depois de o beijar, preguntou-lhe:

— ¿ Como é que as flores dão cerejas ?

— Hás-de ver isso na própria cerejeira do quintal. Desde hoje vamos passar a observá-la todos os dias: queres ?

— Sim, meu pai.

— Mas, como essa observação tem que levar muitos dias, vou satisfazer já um pouco a tua curiosidade: tira uma dessas flores de cerejeira que estão na jarra. Essas partes brancas, a que muitas pessoas chamam erradamente fôlhas, têm o nome de *pétalas*. Arranca uma de cada vez, com cuidado: quantas são ?

— Cinco — respondeu a filha.

— Muitas flores têm, como essa, cinco pétalas, mas algumas têm menos e outras muitas mais, como a *rosa* e o *cravo*.

Agora repara nesses fios amarelados. Pouco importa que, por enquanto, lhes não saibas o nome. Arranca-os

com cuidado; mas nota primeiro que entre êles há um maior: deixa ficar só êsse.

—É verdade: cá está.

—Ora bem: na parte de cima tem uma cabecinha, e na de baixo, como vês, está ligado a êsse pequeno corpo arredondado. Êsse corpo chama-se *ovário*. Como hás-de ver na cerejeira, tudo na flor irá caindo, menos o ovário; êsse, pelo contrário, irá crescendo e mudando de côr, passando de verde a claro e depois a vermelho. Será então uma cereja madura, daquelas que tu tanto aprecias.

—Que graça, meu pai! Já sei porque é que a mãe me disse que fiz mal em apanhar estas flores.

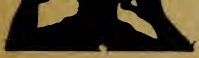
—Porque foi então?

—Porque, se as não apanhasse, cada flor dava uma cereja: e assim já não dá!

Maria contou as flores e os botões do raminho, e achou vinte e cinco. Depois disse:

—Que pena! Estraguei mais de duas dúzias de cerejas. Um *quarteirão* delas!

—Não seriam tantas,—disse o pai, porque sempre se perderiam algumas: nem tôdas as flores dariam cerejas.



—E eu que gosto tanto de fazer brincos com elas e de as comer. Que pena! Nunca mais tornarei, meu pai.

Desde essa tarde, pai e filha foram todos os dias observar as flores num ramo que o pai marcou, vendo Maria com satisfação que tudo se passava como êle lhe tinha dito.

Daí por diante, sempre que fazia brincos de cerejas,

lembrava-se do mal que tinha feito sem o saber e da bela lição que o pai lhe tinha dado.

Dos brincos mais esquisitos
não tenho a menor inveja:
não há brincos mais bonitos
que os meus brincos de cereja.

— ¿ Que qualidades tinha a mãe de Maria ?
— ¿Que fêz Maria para ser agradável à mãe?
— Fêz bem ?
— Porquê ?
— ¿ Porque não a castigou a mãe ?
— ¿ Porque não soube a mãe de Maria explicar o que ela quís saber ?
— ¿ Se tivesse andado mais tempo na escola, saberia responder à filha ?
— Porquê ?
— Devemos ir à escola ?
— Para quê ?

Obedece e saberás mandar.

CASTILHO

Mamíferos herbívoros

Há animais que se sustentam só do leite das mães, nos primeiros tempos da sua existência.

O *cão* e o *gato*, o *cavalo* e o *burro*, a *cabra* e o *boi*, o *morcego* e a *baleia* estão neste caso.

Êsses animais chamam-se *mamíferos*.

Passado algum tempo, começam a nutrir-se de outras coisas, embora continuando ainda a alimentar-se do leite materno: mas nem todos escolhem o mesmo género de alimentos.

Assim, o cão e o gato não comem ervas; o cavalo e o burro não se alimentam de carne; o boi e a cabra não comem insectos; o morcego e a baleia não se nutrem de fôlhas.

O burro e o cavalo, se andam a pastar em liberdade, escolhem sempre para seu alimento substâncias vegetais, verdes ou sêcas: raízes, fôlhas, caules delgados, flores, frutos, grãos ou sementes.

Se estão à manjedoira, são ainda alimentos de origem vegetal que lhes dão: palha, feno, milho, aveia, fava.

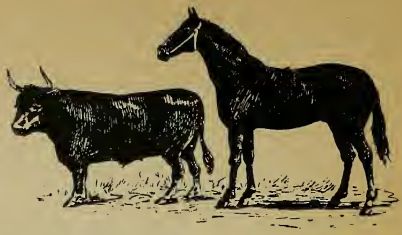
Os animais que, como estes, comem *ervas*, chamam-se *herbívoros*.

Forme uma frase em que entre a palavra mamífero.
Forme outra em que entre a palavra herbívoro.

Não te envaideças do que sabes, mas repara sempre no que fazes.

CASTILHO

RUMI-NANTES



Comparemos êstes dois mamíferos herbívoros.

Ambos têm:

4 patas (quadrúpedes),
o corpo coberto de pêlos (pelíferos),
cauda comprida,
orelhas pequenas.

Há, portanto, entre êles algumas *semelhanças.*

Mas um dêles tem chifres; o outro não.

Um tem as patas constituídas por uma só peça; o outro tem-nas como que *rachadas* ou *fendidas.*

Um é mal feito de corpo; outro é elegante e airoso.

Um tem os movimentos fáceis — é ágil; outro tem-nos muito lentos — é pesado.

Há, portanto, entre êles algumas *diferenças,* de fácil observação, porque são exteriores. Mas, além dessas, há outras interiores.

Quem já viu pastar estes dois animais notou talvez que o cavalo mastiga a comida e só depois a engole. Não sucede outro tanto com o boi, porquanto êste animal engole a comida sem a mastigar, dando à maxila inferior movimento de trás para diante.

Talvez já tenham reparado que o boi, quando não pasta, muitas vezes está a mastigar, ou antes, a *remoer.* Nesse acto dá à maxila inferior movimento lateral.

Se observarem com alguma atenção, hão-de notar que o animal faz voltar à bôca o alimento que tinha engolido; que em seguida mastiga essa porção de alimento, e que depois a engole de novo.

Após um pequeno intervalo, nova porção de alimento lhe volta à bôca para, depois de mastigada, tornar a ser engolida, e assim sucessivamente.

Com o cavalo não se dá o mesmo: êste animal, porque engole a comida já mastigada, não precisa *remoer* ou *ruminar*.

A estas diferenças correspondem outras: o estômago do boi consta de quatro partes: a *pansa*, o *folhoso*, o *barreto* e o *coagulador*.

A *pansa*, que é a parte maior, pode chegar a conter cêrca de 200 litros.

É nesse verdadeiro armazém que o animal junta a comida que apreendeu, e que, por uma espécie de vómito voluntário, faz voltar à bôca, de onde passa, depois de mastigada, ao *folhoso* e daí ao *barreto*, onde a digestão principia.

O estômago do cavalo é simples, isto é, tem apenas um compartimento.

A alimentação do boi compreende duas fases: a *provisão* e a *digestão* dos alimentos.

A do cavalo não.

Os mamíferos que têm, como o boi, o estômago dividido, e cuja alimentação compreende duas fases, chamam-se *ruminantes*.

A ovelha, a cabra, o veado, o camelo, são ruminantes.

Belezas de Portugal

PORTUGAL é um dos mais lindos países do mundo. Para lhe dar realce e beleza, o Sol lhe dá luz e calor, e as ondas do mar lhe banham as terras, lhe reflectem os choupos e os salgueiros que crescem nas suas margens. Os vales cobrem-se de boninas e de outras variegadas flores, e enfeitam-se no verão com o dourado das espigas e a variedade dos frutos pendentes das suas árvores. As suas montanhas, de onde se admiram horizontes sem fim, enfeitam-se com a ramaria dos arvoredos que por tôda a parte vão revestindo as encostas; e, para nada lhe faltar, até no inverno algumas das suas serras alvejam com a neve fria e branca, branca e leve como a espuma do mar.

E por isso a nossa terra
tem o encanto de um jardim,
onde cresce o rosmaninho
e viceja o alecrim.

Imaginemo-nos a percorrer tôda a costa do Minho ao Algarve. Lá está o monte de Santa-Luzia, dominando a linda Viana-do-Castelo, que se mira nas águas do fresco Lima, e de onde se avista o mar sem fim.

Sigamos mais para o sul; admiremos a linda Espozende, a piscatória Póvoa-de-Varzim e a braveza de Leixões, e desçamos até à quietude da ria de Aveiro, a estender-se

em inúmeros braços pelas terras dentro, rica de peixe, de sal e de moliço *, e rica também de côr e de beleza.

Depois, mais para o sul ainda, encontraremos a Figueira-da-Foz, orgulhosa da sua praia, o cabo Mondego e as Berlengas; o sítio da Nazaré, a Concha de S. Martinho, a praia de Santa-Cruz, a Ericeira, Sintra com o seu magnífico parque e palácio da Pena; e Cascais e os Estoris, chamados a Costa-do-Sol, de onde podemos admirar a barra magnífica do nosso formoso Tejo. Continuando ao longo da costa, divisamos a Arrábida, entre o Tejo e o Sado, da qual se avista, além dêstes dois rios, um soberbo panorama que tem por horizonte, de um lado, o mar, e de outro, os plainos infinitos das terras alentejanas. E, descendo mais, o cabo de Sines, a ponta de Sagres e a costa do Algarve com a Praia da Rocha e a graciosa baía de Lagos.

Juntemos agora a estas belezas os encantamentos do Bom-Jesus-de-Braga, a grandeza e quietação do Buçaco, com os seus horizontes e a sua magnífica mata, onde há sombras tão frescas e tão frescas águas; o Caramulo com os seus ares tão puros; a Estrêla com a aspereza dos seus Cântaros e a quietude das suas lagoas; o Alentejo com o ondeado das suas searas; o Algarve tão branquinho com as flores das suas amendoeiras — e teremos sentido, depois de tudo isto, o grato prazer de haver nascido em Portugal,

Portugal, terra tão linda
como não há outra igual.
Ó terra dos meus avós,
Salvè, lindo Portugal!

Órfãos

As andorinhas que voam
pelo espaço ilimitado
sob os beirais do telhado
têm, felizes, seu lar.
Tiveram já os cuidados
de seus pais em ninho amigo,
têm tôdas um abrigo,
onde se vão acoitar.

Em qualquer fenda, num tronco,
sob um fôlha, o insecto
encontra seguro teto,
onde se pode abrigar.
Até nas plagas * ignotas *
do Oceano infinito,
nesse pélago * bendito
se abriga o peixe do mar.

O réptil, o monstro, a fera,
o modesto passarinho,
qualquer animal mesquinho,
que a natureza contém,
todos têm seu asilo,
um canto, qualquer guarida,
a esperança não perdida,
que é um abrigo também.

¡Mas órfãos ao desamparo
há, infelizmente, tantos...
e dêsses quantos e quantos
sem terem nem pai nem mãe!

Tristes, sózinhos no mundo,
quantos vogam sem abrigo,
sem terem um braço amigo,
sem carinho de ninguém.

Abençoados aquêles
que aos tristes levam confôrto,
os conduzem a bom pôrto,
e lhes levam Luz e Pão.
Caminhar por esta vida
tão repleta de amarguras
é caminhar às escuras,
se não brilha a Instrução.

Leia em silêncio o que se segue, e depois responda, em voz alta, à pregunta que está no fim.

Dois indivíduos passeavam descansadamente num pinhal a respirar o ar fresco e agradável. Ambos conversavam com animação, e um dêles, que tossia muito, porque estava sempre a fumar, ao acender o cigarro deitou fora o fósforo, descuidadamente.

Passado algum tempo, ouviu-se grande vozearia. Eram as pessoas da vila próxima que, aflitas, acorriam com baldes e outras vasilhas cheias de água.

Porque seria isto?

A tia Virgínia adoeceu. Tinha perdido o apetite e começou a notar que os pés e as pernas lhe inchavam bastante.

A família, preocupada com isso, chamou o médico. Êste, depois que observou a doente com atenção, fêz uma receita e recomendou, entre outras coisas, que lhe não dessem alimento com sal, nem mesmo os próprios caldos. Depois saíu, prometendo voltar no dia seguinte.

Quando preparavam o primeiro caldo para a tia, a Cândida, que estava presente, preguntou à mãe se os caldos sem sal eram bons.

A mãe respondeu-lhe que não, por não terem *sabor,*

e deu-lho a provar. Ela experimentou, mais por obedecer à mãe do que por ter vontade disso; mas não gostou.

A mãe disse-lhe então que tôdas as comidas cozinhadas, sem sal, são assim desengraçadas e se chamam *ensossas*.

— O pão que não leva sal não se pode comer, não é agradável.

— Ainda bem que há sal — disse a Cândida. ¿E onde é que fazem o sal? É nalguma fábrica?

— Não, minha filha. O sal não é fabricado pelos homens. É tirado principalmente da água do mar.

— Da água do mar? — exclamou a Cândida admiradíssima. ¿ Então essa água tem sal? ¿e êle não se derrete na água?

— Pois é derretido ou, antes, *dissolvido* que êle está na água do mar.

— ¿Então como é que o podem tirar, se êle assim dissolvido não se vê? — disse a Cândida que residia no Alto Alentejo e nunca tinha visto o mar.

— Tens muita razão no que dizes: isso me prova que pensas nas coisas.

Ora vai buscar dois copos de vidro quási cheios de água.

A Cândida trouxe os copos, e a mãe foi buscar o saleiro, dizendo à filha:

— Agora deita uma porção de sal num dos copos. O sal vai ao fundo, como vês, e a água parece já um pouco turva. Mexe-a com esta colher até se dissolver o sal. Agora prova a água dos dois copos.

A filha obedeceu: mas apenas chegou a água salgada à bôca, cuspiu repetidas vezes, dizendo:

— Ih! que coisa tão salgada!...

A mãe continuou:

— A água do mar também assim é...

— Mas, interrompeu a filha — ¿como podem tirar de lá o sal?

— Vais sabê-lo.

Extracção do sal

Vamos fazer uma experiência: tira aí do guarda-louça um prato grande, largo e pouco fundo... Espera que eu o tiro, não quebres tu alguma coisa...

Agora vamos lá acima à janelinha, que deita para o telhado.

A mãe pôs o prato no peitoril da janela e disse à filha que deitasse dentro dêle tôda a água salgada do copo.

— Daqui a poucos dias, continuaremos esta lição.

Em seguida desceram: mas a Cândida não voltava satisfeita... A mãe percebeu isso muito bem e disse-lhe:

— Gostavas mais de ver e saber tudo já hoje: mas não pode ser, porque isto só se pode fazer com algum tempo. Saber esperar, isto é, esperar com paciência é conveniente. Espera, pois; o tempo não será muito.

Quando, ao fim de poucos dias, subiram até à janela, o prato não tinha água nenhuma.

— Foram os gatos que a beberam — disse a Cândida.

— Não foram, minha filha. Êles não gostam, como tu não gostaste, de água salgada.

A água desapareceu por si, sumiu-se.

Diz-se então que a água se evaporou. Repara no fundo do prato. Que vês lá?

— Uma espécie de pó branco.

— Com esta colherinha tira uma pequena porção e chega-a à língua.

Cândida assim fêz, bradando em seguida:

— Isto é sal...

— Pois é, disse a mãe. É o sal que tinhas deitado na água. Ela evaporou-se, mas o sal não: êsse ficou aqui.

— Que graça! — disse a Cândida. Hei-de fazer outra vez.

— Faze quantas quiseres. O resultado há-de ser sempre o mesmo. A questão é de tempo.

Aqui tens, em ponto pequeno, a maneira de extrair o sal do mar. Os homens fazem uns tanques largos e pouco fundos, perto da água salgada, em sítios próprios para isso. Êsses tanques enchem-se de água, e depois tapam-lhes a ligação com o mar. A água vai-se evaporando, como se evaporou a do nosso prato, e no fundo de cada tanque fica depositado o sal, que os homens depois juntam a pouco e pouco em grandes montes com ferramentas próprias. ¿Compreendeste agora como se extrai o sal da água do mar?

— Hás-de ver, quando formos a Setúbal visitar a avó.

— Obrigado, minha mãe.

Dê exemplo de um monossílabo.

CRIANÇAS

(Numa creche)

EU amo as loiras crianças
gentis, mimosas, rosadas,
alegres como esperanças,
risonhas como alvoradas.

Vêde as florinhas do prado
como estão frescas, viçosas,
com seu cálix perfumado
de essências maravilhosas.

Dão-lhes vida e côr e alento
os orvalhos do arrebol *,
as nuvens, o céu, o vento,
o calor, a luz do Sol.

Sem seiva que as avivente
sem calor, sem luz nem ar,
vê-las-eis- estiolar *,
enfraquecer lentamente.

As crianças sem ventura
também como as flores são,
quando lhes mingua o pão
e o desconfôrto as tortura.

As suas faces mimosas
vão perdendo a rósea côr
e não riem, desditosas,
não sabem sorrir à Dor.

Abrigam-se as criancinhas
neste ninho abençoado,
como implumes andorinhas
sob os beirais do telhado.

Educação cristã

PELAS longas noites de inverno, costumava o avô contar, durante os serões, aos seus três netinhos as mais variadas histórias, que êles muito apreciavam.

Era antigo hábito do bom velhinho escolher histórias que pudessem contribuir para os instruir e educar.

Em certa noite, falou-lhes assim o avô:

— Já tenho dito aos meus amiguinhos que os homens não precisam só de instrução; também precisam de ser educados, e a educação é tão necessária como o pão para a bôca.

— Mas o avôzinho já nos disse de outra vez que nem só as pessoas recebem educação, visto que até animais e plantas se podem educar.

— E é verdade. Os meus amigos já têm visto nos circos e nas feiras animais bravios a fazer habilidades, e até plantas nos jardins com formas caprichosas, que nunca teriam, se ficassem entregues a si mesmas. Pois se uma educação bem conduzida pela mão do homem consegue isso de animais selvagens e de plantas silvestres, ¿que

não será lícito esperar de seres inteligentes e com raciocínio, quando sujeitos a uma boa educação?

— ¿E onde é que a gente pode ser mais bem educada, avôzinho?

— Na família e na escola — pela palavra e, mais ainda, pelo exemplo. E aqui está porque os meninos devem fugir do convívio, na rua, das crianças mal-educadas, que só lhes ensinam coisas feias.

Bela e sã educação moral se contém naquela doutrina cristã que vossa mãe vos ensina e principalmente nos *mandamentos da lei de Deus.*

— Que nós sabemos na ponta da língua.

— Ainda bem. Não basta, porém, sabê-los de cor — é preciso entendê-los e praticá-los.

Da cidade à aldeia, no palácio do rico e na choupana do pobre, a religião ameniza a vida e até suaviza a morte. Vivem felizes os que passam a vida com os olhos postos nos bons preceitos cristãos, e devem morrer mais descansados, mais resignadamente, os crentes sinceros que, havendo passado a existência a praticar o bem, esperam, numa outra vida, receber a recompensa de Deus.

Muitos crimes, muitos males do mundo são devidos apenas à falta de religião.

Bem hajam, por isso, tôdas as mães que, como a vossa, sabem incutir no coração dos filhos os sublimes ensinamentos da Religião Cristã.

E assim terminou, naquela noite, o serão do avôzinho.

Quadro histórico

¿Sabe o que representa esta gravura?

Conte o que sabe a respeito de Egas Moniz

As más companhías

—¿PORQUE é que aquêle grosso bago de uva,
ainda há pouco são, está sentido?
—É porque, estando exposto ao vento, à chuva,
a pouco e pouco tem apodrecido.

—Mas o que está ao pé, do outro lado,
bem abrigado
e protegido,
quási se encontra já no mesmo estado.

—É porque, estando ao outro quási unido,
o companheiro o tem contaminado *.

Por isso podes tu avaliar
quanto as más companhias
podem prejudicar.

Evita quanto puderes
andar em más companhias:
procura as boas, se queres
ter suaves alegrias.

AVES

HÁ uma grande variedade de aves, que fàcilmente se distinguem pelo seu tamanho, pela sua plumagem, pelo seu canto.

Aves são o arrufado peru e o vistoso pavão; a arisca perdiz e os negros corvos e gralhas; os cantadores melros, rouxinóis e canários; os atrevidos pardais e as ligeiras andorinhas; as fortes águias e os carniceiros milhafres, que são o terror dos pintainhos; aves são, enfim, to-

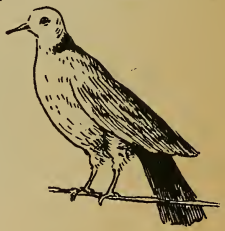
dos os animais com o corpo coberto de penas e com os membros superiores transformados em asas, desde a enorme avestruz, que abunda em África, à pequenina carriça, bem conhecida nos campos de Portugal.

Tôdas as aves se reproduzem por meio de ovos, que põem e chocam em ninhos, tão diversos entre si, como as espécies de aves que os constroem, mas nem sempre são feitos de modo a oferecerem bastante confôrto.

447086

Como algumas aves fazem os ninhos

A perdiz e a codorniz limitam-se a fazer, à maneira de ninho, uma pequena cova no chão; aos gaios e às rôlas, quaisquer pauzinhos sêcos, entrelaçados e postos em escolhidos ramos de altas árvores, lhes servem para ninhos; os tentilhões disfarçam-nos exteriormente com tal arte que, vistos a certa distância, mais parecem uma saliência natural de musgo, tão vulgar em muitas árvores; os pintassilgos e as milheirinhas e tantas outras aves, constroem-nos com fenos, musgos e penas: uns, pela ramaria das árvores e arbustos; outros, pelos silvados e buracos das árvores e paredes; e também existe uma ave preguiçosa e matreira — o cuco — que, ou por não poder produzir o necessário calor para chocar os ovos ou por não estar para canseiras com a criação dos filhos, deita fora os ovos que encontra nos ninhos que lhe agradam, e põe lá os seus, passando depois a fiscalizar, às escondidas, o trabalho da criação.



Deve ser o cuco, de entre tôdas as aves, a que menos amor tem aos filhos. Para tôdas as outras o ninho é a luz dos seus olhos, é o seu coração; para êle vivem e por êle são capazes de morrer.

Meus meninos, ¿quem me diz
que é, quanto ao acento tónico,
a palavra embaixatriz?
e a palavra filarmónico?

E, para terminar,
digam-me também: Ave
é — quanto a acento — aguda?
esdrúxula? ou grave?

Supondo que o balde está
cheio, acha bem esta gravura?

A OLIVEIRA

Pela luz desta candeia,
pelo azeite que nos dás,
bem hajas tu, oliveira,
velho símbolo da paz.

De tôdas as árvores dos nosos campos, a oliveira é, sem dúvida alguma, a que mais lucros oferece ao lavrador. Se produz muitos frutos, gasta-se mais com a apanha; se dá poucos, menos dinheiro nos leva a colheita; e quando, lá de longe em longe, nada produz, coisa alguma se dispende. Até mesmo quando é podada, a lenha que dela se tira paga bem o trabalho.

Em Portugal existem umas dez variedades de oliveiras, mas três são as principais: a *cordovil*, que nos dá azeitonas grandes, carnudas e esverdeadas; a *cordovil-bical*, que produz frutos do tamanho da anterior, mas terminando em bico; e a *galega*, que nos dá frutos mais pequenos e pretos.

A azeitona, depois de permanecer algum tempo em água e sal, perde a sua natural acidez e pode comer-se; mas a maior parte da azeitona produzida no nosso país é destinada ao fabrico de azeite, dependendo sempre a qualidade dêste de três factores principais: *variedade do fruto*, *solo* e *clima* em que se cria.

Tanto sob o ponto de vista da produção como da quali-

dade do azeite, as diversas azeitonas — cordovil, cordovil-bical e galega são as mais recomendadas entre nós. Vegeta qualquer destas variedades em todos os terrenos, mas dá-se melhor e produz melhores frutos em terrenos calcáreos, pouco úmidos. No litoral pouco se desenvolve e raramente dá frutos.

O clima, em que os frutos se desenvolvem, tem igualmente uma grande influência na qualidade e quantidade da produção. Quanto mais quente fôr a região onde o olival se desenvolva, mais cedo se verificará a maturação da azeitona, mas o azeite sai, por via de regra, mais grosso e ordinário; pelo contrário, o azeite das regiões frescas, onde o Sol se conserva mais tempo encoberto, embora aí a produção seja menos abundante, é sempre superior em qualidade ao das regiões quentes.

Os processos de fabricação também têm uma grande importância na qualidade do precioso óleo, não podendo dar nunca um bom azeite a má azeitona, já apodrecida ou com largos dias de *tulha* *.

A azeitona, depois de varejada da árvore para cima de panos, ou, o que é muito melhor, *ripada* * à mão, leva-se aos lagares, onde é triturada por galgas de pedra, postas em movimento por animais, por quedas de água

ou por motores a vapor, a gasolina, etc. Moída a azeitona, é o *bagaço* submetido à acção de prensas poderosas, que lhe extraem para *tarefas* * o azeite, de mistura com a *água-ruça* *; mas porque o azeite é menos denso que a água, esta, na tarefa, fica por baixo, podendo, assim, tirar-se fàcilmente por cima o precioso óleo.

A oliveira, que se reproduz por meio de estaca, enxertia, mergulhia ou semente, pode viver alguns centos de anos.

O azeite é uma das maiores riquezas de Portugal e, por isso, é dever de todos nós estimar as oliveiras.

Luar lindo, noite bela!
desliza à vela *um barquinho...*
enquanto à luz de uma vela
a mãe vela *o seu filhinho.*

— *¿Quantas vezes leu na quadra a palavra* vela?

— *¿Essa palavra tem ali sempre a mesma significação?*

— *Classifiquemos gramaticalmente a palavra* vela *na quadra.*

Quadro histórico

Que representa esta gravura?

Diga o que sabe sôbre o Infante D. Henrique.

Respeitai os ninhos

E' muito má acção os meninos roubarem os ninhos aos passarinhos, que nenhum mal lhes fazem.

Assim como vossos pais se afligiriam muito, se lhes roubassem os filhos, assim os passarinhos se devem doer bastante, vendo os seus ninhos desfeitos.

Um ninho é para as aves como que um berço e dá sempre muito trabalho a fazer, seja êle de andorinha ou tentilhão, de melro ou pintassilgo.

Um dia, o José encontrou um ninho de rouxinol escondido entre as roseiras do seu quintal. Não lhe tocou sequer e quando êsse ninho já tinha passarinhos, era para José um regalo vê-los abrir os biquitos e dar-lhes alguns bichinhos que apanhava.

Certa manhã, porém, foi encontrar o ninho deserto: os pequenos rouxinóis tinham-no abandonado, sem, ao menos, dizerem «adeus» ao amigo, que tanto os estimava, que tantos bichinhos lhes dera.

Mas nem tudo perdeu o José. Desde então, quando a primavera chega, êle vai para o quintal estudar as suas lições, e aquêles passarinhos, que êle ajudou a criar, vêm muitas vezes dar-lhe os *bons-dias* e enchê-lo de alegria, com as suas mais lindas cantigas.

O PORÇO

DE entre os animais que o homem cria com o fim de lhe aproveitar a carne para a alimentação, é, por certo, o porco o mais apreciado por tôda a boa dona de casa.

Em tempos que já lá vão há muito, o porco vagueava livremente, fossando, grunhindo e espojando-se até pelas ruas e praças das grandes cidades. Há notícias de, ainda no tempo do nosso rei D. João I, ser permitido na cidade do Pôrto, o livre trânsito ao cevado; mas em 1513, D. Manuel, não simpatizando com a vida airada * de tão incómodo transeunte, determinou que ao dono de todo o bácoro *, encontrado em lugar público, fôsse aplicada a multa de 500 réis, o que não devia ser pouco naqueles tempos.

Desde então, o útil animal passou a mais recatada vida, ora pelos campos, em *varas,* ora recolhido em estábulos.

Cria-se o porco em tôdas as regiões do nosso país, mas é principalmente a nossa província do Alentejo a que mais abastece os mercados, gozando de justa fama os enchidos de Castelo-de-Vide, Portalegre, Nisa, Montalvão, Vale-do-Pêso, Arraiolos, e outras terras alentejanas.

A carne de porco é boa,
quando não se abusa dela;
porém, antes de a comer,
deve haver tôda a cautela,
pois às vezes vermes tem
que não fazem nada bem.

A árvore e o camponês

ERA meia-noite, quando um velho eucalipto plantado à beira de uma estrada foi desassossegado no seu sono tranqüilo por uma machadada no tronco, vibrada com alma por um camponês.

— ¿Quem é que assim me bate, tão sem motivo e sem piedade?

— Sou eu, o dono destas terras próximas. O trigo e o milho, que semeio perto do teu tronco, criam-se a custo, tristes e enfezados sempre, porque as tuas raízes lhes roubam o alimento, o estrume e o adubo que me custam caros.

E nova machadada se fêz ouvir. A árvore voltou a implorar piedade.

— Não sejas cruel. Se as minhas raízes te incomodam, abre uma vala funda entre a estrada e as tuas terras, e verás como elas não mais chegarão ao que é teu.

— Sim, eu podia dessa forma evitar o mal que elas me custam às sementeiras; mas lá ficavam os teus ramos fortes a fazer-me sombra às terras, a prejudicar-me as colheitas.

Que egoísmo o teu! À sombra amiga e saüdavel dos

meus ramos, muitos viandantes se sentirão consolados; estes ramos irão depois secando e, ao seu lume acariciador, quem sabe lá quantas pessoas, tiritando de frio, encontrarão confôrto.

O camponês hesitava; mas, de repente, dispôs-se a tirar um anel de casca ao eucalipto, quando a velha árvore continuou:

— Escuta-me: É uma grande malvadez o que pretendes fazer. Ainda se, por necessidade da tua vida me cortasses de todo, para madeira ou lenha, eu resignar-me-ia, porque bem sei que só vim ao mundo para comodidade dos homens; mas quereres matar-me, roubando-me a casca, impedindo que a minha seiva, que é qualquer coisa de parecido com o teu sangue, circule em mim, o mesmo é que prolongares inùtilmente um sofrimento, uma escusada àgonia...

O camponês, então, comoveu-se, reconsiderou. Vendo a tempo a maldade da sua acção, pôs às costas o machado, dirigiu-se a casa e dormiu tranqüilamente o resto daquela noite.

Depois, daí em diante,
quando o vence a fadiga,
a descansar bendiz
a sua sombra amiga.

O AR

— SR. professor, a camada de ar que rodeia a Terra, a *atmosfera,* como nos ensinou, nunca mais tem fim?

— Tem meu pequeno, não há nada que não tenha fim.

— Então há-de acabar um dia e morrerão tôdas as pessoas.

— Vê-se que raciocinas bem.

Efectivamente, dizem os sábios que a atmosfera deverá ter uma altura de cêrca de cem quilómetros. Está provado que, quanto mais formos subindo, tanto mais parece que o ar vai faltando, a ponto de se tornar difícil a respiração no cimo das altas montanhas. E, sendo assim, há necessàriamente um ponto em que o ar deverá faltar de todo.

— Pois aí é que está... ¿E então não será para temer que o ar nos venha a faltar alguma vez?

— É verdade que deveria ser assim, meu rapaz, mas com o que tu não contas é com o grande e inesgotável reservatório de oxigénio de que a Natureza se serve, para substituir os enormes gastos de cada dia...

— Um reservatório? Onde está êle?

— É o mundo imenso e enorme constituído pelas plantas. Sim, é por meio delas que a Natureza renova constantemente as suas provisões de oxigénio, gás que entra na formação do ar e sem o qual a vida na Terra seria impossível.

— ¿E como é isso, sr. professor? Pois as plantas têm assim tanta importância?

— Sim, têm. Quando inspiramos o ar, absorvemos uma

certa quantidade de oxigénio. Depois, quando fazemos a expiração, já não é oxigénio que sai, mas outras substâncias, como o *anidrido carbónico,* impróprio para a respiração e para a vida.

Mas êsse elemento, impróprio para a respiração dos animais, é indispensável justamente à respiração das plantas, com as quais se passa absolutamente o contrário, isto é, enquanto os animais inspiram *oxigénio,* e *anidrido carbónico,* as plantas inspiram o *anidrido carbónico* e expiram o *oxigénio* de que tanto precisamos. Verdade é que tal facto só se dá com as plantas, em presença da luz do Sol, pois, às escuras, elas respiram exactamente como os animais. É até êsse o motivo por que já deves ter ouvido dizer que é perigoso ficar de noite com plantas nos quartos de dormir.

— Já ouvi, já, sr. professor, e compreendo agora a razão por que meu pai não deixa que, no meu quarto e no das minhas irmãs, fiquem de noite quaisquer flores.

— Exacto. ¿Compreendes agora, meu rapaz, como as plantas são o tal grande reservatório e como não há receio de que o ar acabe?

Vejam, pois, quanto devemos às plantas e como somos maus, quando maltratamos as árvores.

Não pode o ar dispensar
quem a vida quer' segura.
¿E que melhor p'ra a saúde
que o bom ar e a água pura?

Água corrente

Água clara da corrente,
que vais tu a lamentar?
¿São lembranças da nascente
ou pressa de ir ter ao mar?

Correndo, correndo,
sem nunca parar,
em busca do rio,
caminho do mar,

de noite e de dia,
a água a correr,
ao rio irá dar,
ao mar há-de ir ter.

Que dizes tu ribeirinho?
¿que dizes, que eu não te entendo?
¿não te cansas no caminho,
a tôda a hora correndo?

Correndo, correndo,
sem nunca parar,
em busca do rio,
caminho do mar,

de noite e de dia,
a água a correr,
ao rio irá dar,
ao mar há-de ir ter.

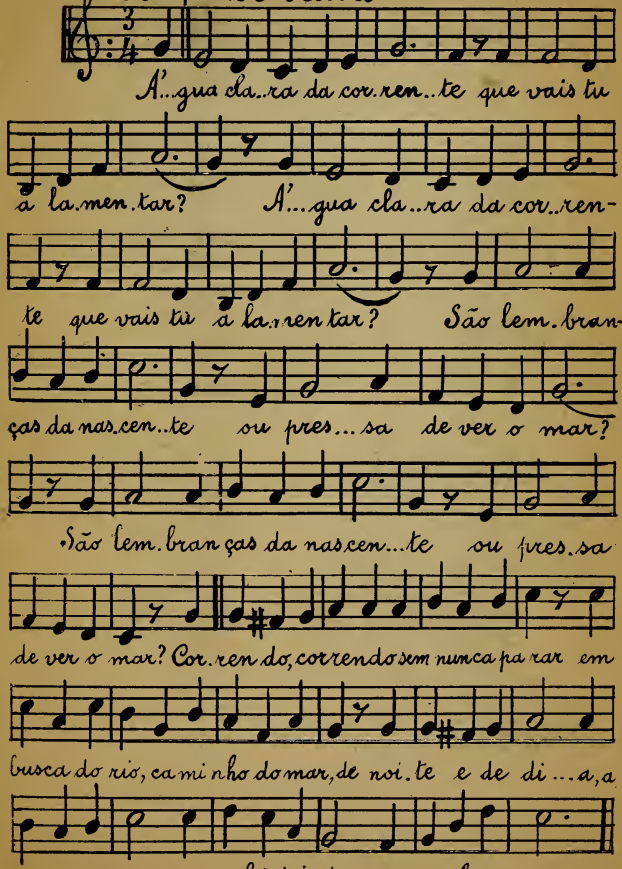
Lava a roupa à lavadeira,
põe a azenha a trabalhar,
não vás assim de carreira,
tens tempo de ver o mar...

Correndo, correndo,
sem nunca parar,
em busca do rio,
caminho do mar,

de noite e de dia,
a água a correr,
ao rio irá dar,
ao mar há-de ir ter.

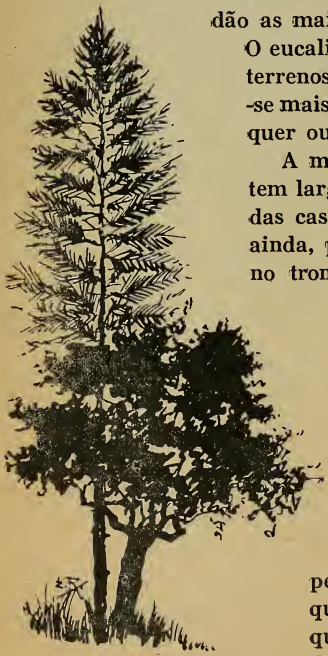
Agua corrente

Tempo de valsa



ÁRVORES

ENTRE nós há excelentes madeiras, tais como as de nogueira, cedro, carvalho, castanheiro, estando também modernamente muito em uso a madeira de eucalipto, a que hoje se dão as mais variadas aplicações.



O eucalipto cria-se muito bem em terrenos arenosos, desenvolvendo-se mais ràpidamente do que qualquer outra árvore do nosso país.

A madeira de pinheiro bravo tem largo emprêgo na construção das casas, e desta árvora se tira ainda, por meio de golpes feitos no tronco, a *resina,* da qual se extrai a aguarrás e o pez louro e prêto.

A madeira do pinheiro manso é de melhor qualidade que a do bravo.

Em Portugal dão-se ainda muitas outras árvores de fruto: laranjeiras, pereiras, pessegueiros, etc., e pena é que tantos terrenos incultos que ainda possuímos e que, desarborizados, tão tristemente se encontram por êsse país além, não sejam enriquecidos, ao menos com a

plantação de oliveiras ou de outras árvores, frutíferas ou não.

Diz um provérbio árabe que um homem só se tornará digno dêste nome, quando tiver dado à Pátria um filho, escrito um livro e plantado uma árvore. Se os homens dos nossos campos se não podem notabilizar escrevendo livros, que ao menos se dignifiquem plantando árvores, muitas árvores.

Elas ficarão também a constituir um grande e proveitoso livro, sempre aberto sôbre a Natureza, no qual os vindouros poderão *ler* uma bela lição, que eternamente os ensinará a amar a terra, a árvore, e a ser úteis a si próprios e à Pátria.

Não invejes os que te são superiores, porque estes têm responsabilidades e deveres que tu ignoras.

CASTILHO

Forme uma frase em que entre a locução com cuidado.

Acha bem esta gravura?

Estes dois animaizinhos eram amigos. Mas um dia o cão saiu para longe e, ao voltar, encontrou todos estes caminhos na sua frente, sem saber por qual dêles havia de seguir para chegar ao pé do seu amigo gato. ¿Serão os meninos capazes de o indicar a lápis?

O BANHO

ONTEM, pela manhãzinha,
tomei um banho no *rio*
e, ao sair da água, vinha
batendo o queixo com *frio*.
«O banho assim demorado
é bastante perigoso;
deves ser mais cauteloso»,
disse-me, sério, meu *tio*.

O banho é útil? Porquê?

Deve ser curto ou demorado? Porquê?

¿Que pode acontecer às pesoas que não trazem o corpo habitualmente bem lavado?

¿Todos os banhos servem só para limpeza?

¿Sabe se tôdas as pessoas podem tomar banho sem perigo?

¿Já esteve, de verão, nalguma praia?

Gostou? Porquê?

¿Só se tomam banhos no mar?

Compare a pronúncia das palavras *rio, frio* e *tio* com os finais dos dois versos seguintes:

Quando o Raúl se *feriu*,
inda achou graça e se *riu*.

Nota alguma diferença?

Para chegares ao teu fim não acotoveles ninguém: ai dos que vencem à custa da amargura dos outros.

CASTILHO

As árvores e as chuvas

COMO os alunos já tivessem um dia ouvido dizer ao seu professor que as plantas respiram, o Horácio preguntou-lhe se elas também têm pulmões.

— Não, não têm pulmões, mas possuem alguma coisa que faz as suas vezes e, por sinal, bem à vista. São as fôlhas.

— As fôlhas? — disseram logo alguns, muito admirados.

— Sim, as fôlhas. Se repararem bem, hão-de notar que a sua forma e colocação nos ramos, até parecem propositadamente dispostas para receberem com facilidade, não só o ar, como a luz do Sol de que elas tanto necessitam para a produção do oxigénio, de que já falei.

Mas, com o oxigénio, as plantas lançam também constantemente na atmosfera uma grande quantidade de vapor de água.

— Mas nós não vemos nada disso, sr. professor.

— Não vemos, mas podemos ver com uma simples experiência. Vêem aqui êste copo? Tragam agora o manjerico que está na janela. Coloca tu, Horácio, o copo emborcado sôbre o vaso. Assim... Esperem agora algum tempo. Sôbre as paredes dêle começarão a ver umas pequeninas gotas de água.

— ¿Mas quem vai deitar lá essa água?

— Ninguém, ou por outra, é o próprio manjerico que

lança de si o vapor de água, e êste, em contacto com a parede fria do copo, muda para o estado líquido, formando as tais gotazinhas de água.

Com as árvores e com a vegetação em geral, acontece a mesma coisa; por efeito da transpiração, lançam constantemente na atmosfera vapor da água. Daí se segue que, onde não houver arvoredo nem qualquer espécie de vegetação, há pouco vapor de água, não se formam nuvens, não chove regularmente, portanto.

Isso mesmo está comprovado por muitos factos que nos ensinam que países, onde outrora faltava o arvoredo, poucas vezes durante o ano eram regados com umas gotazinhas de água da chuva, ao contrário de agora, que são regularmente beneficiadas por ela, depois que imensas extensões de terreno foram destinadas à plantação de florestas.

Daí a necessidade que todos os povos cultos vão hoje sentindo de cobrir com arvoredo as encostas das suas serras, onde não pode chegar o arado do lavrador nem é fácil qualquer outra cultura.

Compreendem agora o amor que todos devemos dedicar a êsses seres, que tantos benefícios prestam ao homem.

— Olhe, sr. professor, lá estão no copo, com efeito, as gotazinhas de que nos falou.

Como tudo isto é curioso!

Desta frase: Ontem choveu,
diga lá qual o sujeito.
¿E do verbo da oração
qual o futuro imperfeito?

É fama que, estando em pazes
o lôbo mais o cordeiro,
ambos foram beber água
fresca, à margem de um ribeiro.

Esfaimado, o bicho mau
quer'comer o anho * então...
Mas, sem causa... — — Fome é lei —
Diz para si o vilão.

Nisto, irado, tôrva a vista,
diz-lhe em tom fero e horrendo:
— Meu amigo ¿porque turbas
a água que estou bebendo? —

Manso e humilde, volve o pobre,
forte da sua inocência:
— Senhor lôbo, ¿como pode
suceder tal ocorrência,

se eu estou cá mais abaixo,
e vós de onde a água vem?
Vêde se será possível
que tal coisa afirme alguém. —

Vê a sem-razão o lôbo...
Mas, torna, apesar do engano:
— Pois se a não turbaste agora,
já ma turbaste há um ano... —

— Não acho, responde o outro,
que tal possa acontecer,
pois de vida apenas tenho
seis meses, oiço dizer. —

— Pois então, se tu não foste,
foi teu pai... — E, desta sorte,
atirando-se ao cordeiro,
logo ali lhe deu a morte.

É assim que os maus procedem,
desde as mais velhas idades.
Com razões que inventam, escondem
seus crimes, suas maldades.

Forme uma frase em que entre a palavra mansamente.

QUEM olhar para um mapa da Europa, notará que, a um cantinho do ocidente, se acha representado um pequeno país — o nosso querido Portugal. Ao lado de nações de imenso território, como a Rússia, a França, a própria Espanha, êle parece um rectângulozinho de terreno fugido para o mar, como que envergonhado da sua pequenez.

Se do mapa da Europa, porém, passarmos a considerá-lo em presença de um *mapa-múndi;* se bem atentarmos na enorme extensão da terra portuguesa espalhada por êsse mundo fora, logo nos convenceremos de que Portugal é pequeno, sim, na Europa, mas grande, muito grande no mundo. Depois da Inglaterra e da França, nenhum outro país possui tão vastos domínios coloniais, que ainda hoje se elevam aproximadamente a vinte e três vezes a superfície de Portugal continental.

São genuínos territórios portugueses os arquipélagos dos Açores e de Cabo-Verde; as ilhas de Pôrto-Santo, Madeira, S. Tomé e Príncipe; as vastas províncias de Angola, Guiné e Moçambique; os territórios de Goa, Damão e Diu; a cidade de Macau; uma parte da ilha de Timor, além de

outras ilhas e ilhotas de menor importância.

De 1500 a 1822 o nosso país possuíu também a colónia do Brasil, tão vasta que dentro dela cabe cem vezes o nosso país.

O Brasil tornou-se há muitos anos independente; mas os brasileiros continuam a ser considerados nossos irmãos pelo sangue, pelos sentimentos e pela língua.

Devemos, pois, orgulhar-nos de ser portugueses.

A tua Pátria é a mais linda de tôdas as Pátrias: merece todos os teus sacrifícios.

CASTILHO

A FIGUEIRA

E' abundantíssima em Portugal, e dá-se em quási todos os terrenos e climas. Reproduzindo-se com facilidade, pertence à classe das árvores que evitam grandes cuidados ao agricultor.

De terra para terra são algumas das suas variedades conhecidas por nomes diferentes, mas tôdas elas se podem dividir em duas classes bem distintas: figueiras que, com o intervalo de 40 a 50 dias, dão duas camadas de figos, e figueiras que só produzem uma camada.

No primeiro grupo figuram aquelas que dão os apreciados *figos-lampos*, de pele arroxeada ou branca, também conhecidos por figos *temporãos*, que amadurecem, entre junho e julho, conforme o clima da região; à segunda classe de figueiras pertencem tôdas as outras, cujos frutos, por amadurecerem mais tarde, de meados de agosto em diante, são chamados *serôdios*.

Os figos mais saborosos são os de *sequeiro*, produzidos em terrenos onde a umidade não abunda.

Costuma dizer-se que não há frutos sem flor, mas não é raro ouvir-se preguntar:

— Onde estão as flores da figueira?

Realmente, poucas pessoas dão por elas; mas quem se der ao trabalho de abrir um figo, pouco antes de *inchado,* observando ao microscópio o interior dêsse fruto, lá verá umas pequenas flores, que não tardarão a converter-se nas grainhas do figo. Essas flores são femininas; as masculinas encontram-se na parte geralmente conhecida por «ôlho do figo».

Há uns insectos que vivem nos figos bravos ou não comestíveis, provenientes de certas figueiras selvagens, os quais uma vez levados para as figueiras cultivadas, se introduzem nos frutos destas árvores, acelerando-lhe bastante a maturação; porém, êste processo artificial de provocar o amadurecimento dos figos é muito pouco empregado entre nós.

Os figos que se produzem no nosso país são, na sua maior parte, «passados», isto é, convertidos em passas pela acção do Sol, e vendidos para consumo, uns; outros utilizam-se para o fabrico de álcool, destinado, geralmente, a fins industriais.

Há regiões muito ricas em figos, como quási todo o Algarve, Tôrres-Novas, Alto Alentejo, etc.

Sou vendedeira de flores
naturais de lindas côres:
e enquanto vendo *na praça,*
estou vendo *quem nela passa.*

— *¿Que espécie de palavra é* vendo?

Climas — Riquezas de Portugal

BEM pequeno em território é o nosso país, mas nem por isso, dentro dêle, se deixa de verificar a existência de variados climas, determinados pelo conjunto de três factores principais: *calor solar, regularidade das chuvas, fôrça e duração dos ventos dominantes.* Influem ainda nos climas os acidentes geográficos, tais como: cadeias de montanhas, proximidade dos mares, vales profundos, diversamente orientados, altitude dos lugares, existência de planícies áridas ou fortemente arborizadas, etc.; e tudo isto ocasiona muitas vezes uma acentuada diferença de climas, até entre duas terras bem próximas.

A vegetação é sempre uma conseqüência do clima em que se desenvolve; e, sendo assim, em face das variantes climatéricas que distinguem as regiões, não custa a compreender como o solo nos dá num ponto uns produtos, que logo adiante nos nega.

Não é só por efeito da acção do homem que o Alentejo, considerado o «celeiro de Portugal», nos dá, por hectare, mais trigo que o Minho, ou êste nos fornece o *vinho verde,* que todo o sul do país não produz; não é um mero acaso de sementeira que leva o habitante de Trás-os-Montes e Beira-Baixa a dispensar maior atenção à cultura do centeio; como não é a repulsa que o agricultor da beira-mar possa ter pelas oliveiras, que o leva a não plantar estas árvores, nos terrenos lavados pelos ares marítimos; — o que determina tudo isso é uma larga experiência de centos de anos, que tem levado a gente dos nossos campos ao convencimento de que nada vale trabalhar contra a indicação dos climas.

Ordenação lógica

Indique, a lápis, a ordem por que se sucederam estas acções, colocando a letra respectiva em cada um dos espaços abaixo dispostos, começando no primeiro da esquerda.

Os nossos produtos agrícolas

Há bastantes produtos agrícolas que, melhor ou pior, vegetam em tôda a parte; mas como o cultivador não pode entregar-se, por simples curiosidade, a fazer ensaios de sementeiras ou de plantações nas suas terras, cumprindo-lhe antes cuidar das que lhe trazem colheitas mais remuneradoras, o habitante do litoral do norte põe o seu braço ao serviço da cultura do milho, ao passo que o algarvio se empenha na produção de figos, amêndoas e alfarrobas.

Possuímos extensos vinhedos, em abrigadas e excelentes planícies, que deviam *andar a pão* *, e largas extensões de terreno inculto, onde a vinha, o trigo, o milho, podiam vegetar, mas onde só o mato cresce.

Uma grande parte do solo de Portugal encontra-se num estado quási improdutivo.

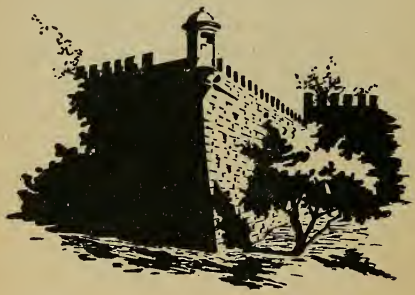
O nosso país tem superabundância de vinho e cortiça. Tem frutas e alguns minérios, que exporta; mas a importação de cereais, café, chá, tabaco, ferro, máquinas, carvão, enxôfre, etc., leva-nos todo o dinheiro que do estrangeiro recebemos em troca de géneros exportados, e até mais algum, que temos de obter, com a venda de outros produtos.

Forme uma frase em que entrem as palavras ainda bem.

A conquista de Santarém

Muito antes de fundada a nossa nacionalidade, foi a terra que, a partir do ano 653 da nossa era se chamou Santarém, possuída por diversos povos.

Pelo ano de 1147 achava-se ela em poder dos mouros e era considerada uma das mais importantes povoa-



ções de tôda a Lusitânia, defendida por altas e poderosas muralhas.

D. Afonso Henriques cubiçava-a; e um dia, em Coimbra, revelou os seus projectos de conquista a alguns fidalgos, que logo contrariaram quanto puderam a aspiração do monarca, alegando, entre outras razões, que Santarém era praça forte de mais para se deixar vencer por um pequeno número de soldados.

O rei pareceu esquecer-se de tal emprêsa mas, porque os mouros de Santarém não cessavam de assaltar

terras portuguesas, o rei quis vingar tais afrontas, e, a pretexto de celebrar pazes com os mouros, mandou a Santarém o fidalgo Mem Ramires, secretamente encarregado de escolher o melhor local para um futuro assalto à importante terra mourisca.

Mem Ramires desempenhou-se, como um leal fidalgo, da missão que lhe havia sido confiada; e, pouco tempo depois, contava ao rei tudo o que vira, e punha tais facilidades na guerreira emprêsa que não teve dúvida em prometer que seria êle o primeiro a arvorar sôbre os muros da praça a real bandeira portuguesa.

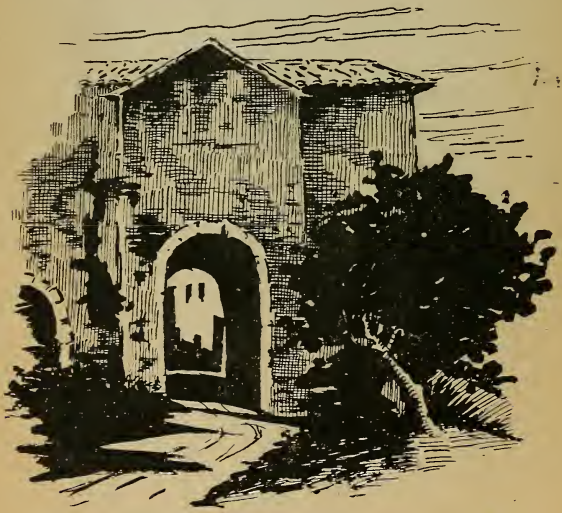
Foi então que D. Afonso Henriques se decidiu à conquista. Sem dar conta a ninguém dos seus planos, partiu de Coimbra com os seus homens de armas, sem aparato, a uma segunda-feira, 3 de Maio de 1147; e, seguindo sempre pelos caminhos menos concorridos, chegaram as tropas, quatro dias depois, a certa mata situada a quinze quilómetros para o norte da terra apetecida.

Foi aí que D. Afonso Henriques, possuído do maior entusiasmo contou aos que o acompanhavam o propósito em que estava de, no dia seguinte, ir atacar Santarém. Alguns fidalgos lembraram então ao rei a conveniência de não se expor aos perigos dos combates; mas D. Afonso Henriques, como resposta, foi-lhes dizendo que a conquista se faria ou êle não sairia vivo da peleja.

Forme uma frase em que entre a expressão não receie.

O ASSALTO

Dispôs-se tudo para o assalto; construíram-se doze escadas de madeira e combinou-se que por elas subiriam 120 soldados, naquela memorável noite de sábado, 8 de Maio de 1147. Aproximaram-se os nossos das muralhas, no alto das quais duas sentinelas mouras se encontravam



vigilantes. Esconderam-se os portugueses em meio da seara, à espera de que adormecessem as sentinelas; e, de madrugada, Mem Ramires trepou ao telhado da casa de um oleiro, encostada à muralha e tentou subir por uma escada; esta caíu com estrondo e as sentinelas acordaram.

Mem Ramires não desistiu; e, ajudado por um soldado, conseguiu subir. A sentinela preguntou quem estava ali, e êle respondeu, em língua moura, *que era dos homens que andavam rondando...*

Daí a pouco a sentinela era morta e a sua cabeça atirada para fora da muralha por Mem Ramires. A outra sentinela dava o sinal de alarme e, sem demora, dez soldados cristãos travavam renhida luta com os mouros. Entretanto outros iam subindo, enquanto Mem Ramires corria, com cinco companheiros, a despedaçar as portas, com um maço de ferro que de fora lhe atiraram. O rei e as tropas que ainda não tinham podido trepar pelas escadas, entraram, de roldão, na praça e a carnificina * foi terrível.

Horas depois, Santarém estava tomada, para não mais voltar à posse dos mouros, não obstante a diligência que, para o conseguir, empregaram por mais de uma vez, dispondo de muitas tropas.

Santarém é hoje uma cidade muito importante, cheia de recordações históricas e de apreciáveis monumentos, que são verdadeiras maravilhas de arte.

Os seus campos são fertilíssimos, e, por certo, não os há melhores em todo o nosso país.

— Dê exemplo, Joãozinho,
de um monossílabo:
— Vê.
— É verdade: e chama isso
monossílabo, porquê?

Diálogo infantil

Ninhos, ninhos, gosto tanto
de os achar entre a ramagem...
ocultos pela folhagem,
são o meu maior encanto.

Aqui p'ra nós: outro dia
achei um tão delicado...
¡não calculas que alegria
me causou aquêle achado!

Era de musgo, de penas
e de pêlos muito finos:
tinha dois ovos apenas,
pequeninos... pequeninos...

Sorri de satisfação
e ali fiquei encantado...
— E tiraste-os?
— Eu não! —
deixei-os no mesmo estado.

— Fizeste bem.
— Êsse ninho,
quero mostrar-to também:
é daqui muito pertinho;
mas não digas a ninguém...

— Não é preciso, agradeço,
eu não preciso saber;
mas uma coisa te peço:
que tens tenção de fazer?

— Tirar o ninho, pudera!
quando tiver passarinhos.
Eu gosto da primavera
por ser o tempo dos ninhos.

— ¡Não faças tal, meu amigo,
isso é um crime!
— Porquê?
— Ora escuta o que te digo
e hás-de dar-me razão, crê.

Essas aves inocentes
não fazem mal a ninguém;
deixa-as lá viver contentes,
criar os filhos que têm.

— Não fazem? Oh! tal não digas!
vê, por exemplo, os pardais...
fazem um mal às espigas...
fazem um dano aos trigais...

— Mas muito mais do que os bagos
com que os pardais se alimentam,
valeriam os estragos
dos insectos que os sustentam.

Em troca dos grãos que comem
ou que levam para os ninhos,
prestam bom serviço ao homem,
matando insectos daninhos.

Roubar um ninho, em verdade,
sem proveito p'ra ninguém,
além de ser crueldade,
é êrro grave também.

¿E já pensaste algum dia
na ternura e no carinho,
no cuidado e na alegria,
com que foi feito êsse ninho?

Conservá-lo é que importa:
vês? cada ninho roubado
é uma esperança morta,
é um lar aniquilado.

— Já vejo que tens razão:
fazer mal aos passarinhos
é um êrro. Mas então?
eu gosto tanto dos ninhos...

— Tens irmãos, tens pai e mãe
que te adoram com ternura:
¿gostavam êles que alguém
lhes roubasse essa ventura?

Não julgues que os passarinhos
não sofrem, que não padecem,
quando lhes roubam os ninhos
com os filhos que estremecem.

Coitadinhos! quando voltam,
se encontram o ninho só,
uns pios tão tristes soltam,
que fazem imenso dó.

— Prometo não mais tornar
a cometer a loucura
de às avezinhas roubar
filhos, amor e ventura.

— Roubar um ninho denota
maus instintos e vileza:
cada ave é uma nota
no côro da Natureza.

— Pensas como um homem velho...
Deixa-me apertar-te a mão
por êsse nobre conselho,
por esta bela lição.

O homem de ontem e o de hoje

ESTÁ hoje averiguado que os homens existem há muitos milhares de anos sôbre a Terra. Em tempos remotos tinham, é claro, costumes muito diferentes dos que distinguem os homens de hoje. Andavam nus, viviam pelas grutas, pelas tocas de velhas árvores; e por todos êsses lugares se escondiam, em dias chuvosos e frios ou quando o Sol baixava no ocidente, tapando por vezes a abertura dessas escuras habitações com pedras, livrando-se assim de ser incomodados durante a noite pelos animais ferozes.

Ah! ¡Quantas vezes, nas noites frias de inverno, êsses homens não sentiriam o roçar de potentes garras de leões, de ursos, de lôbos famintos, nas paredes de suas tôscas habitações! ¡E que vida de sustos e de incertezas não passariam tais homens nesses angustiosos momentos, num tempo em que nem sequer dispunham de melhores armas de defesa que umas pedras em forma de machados!

Não podiam, porém, assim viver, de dia e de noite, sempre escondidos; tinham necessidade, pelo menos durante o dia, de procurar alimentos — frutos de árvores ou pequenos animais fàcilmente caçáveis — o que sempre oferecia o perigo de um mau encontro com as feras.

Tecidos para fatos eram desconhecidos naqueles tempos, motivo por que as peles dos animais eram muito

apreciadas para agasalho dos homens. Representou um grande confôrto a descoberta casual do fogo, que pela primeira vez se viu sair da fricção de duas pedras.

Nas proximidades de rios e lagos, os homens sentiam menos a necessidade de se abrigar nas grutas dos rochedos ou nos buracos da terra, abrigos tantas vezes conquistados às feras. Dentro dêsses rios e lagos, a alguns metros da terra, em geral sôbre estacarias, construíam uns casinhotos tecidos com ramos de árvores, para os quais passavam por uma ponte, que de noite recolhiam, livrando-se, assim, dos ataques de animais perigosos, que não se aventuravam a meter-se à água.

¿Os homens que viveram há milhares de anos tinham costumes parecidos com os de hoje?

Qual era o seu vestuário?

¿Porque não se vestiam êles com fatos como os de hoje?

Como eram as suas habitações?

¿Porque é que não moravam em casas como as nossas?

¿De que é que se alimentavam?

¿Porque é que se não alimentavam como nós?

¿Decorria tranqüilamente a vida dêsses homens?

Porquê?

Nos tempos modernos

COM o andar dos tempos, melhores habitações se foram construindo; os homens passaram a viver em sociedade, em tribos; descobriram o ferro, de que não tardaram a fazer as suas armas e outros utensílios; começaram a cuidar das árvores e a amanhar a terra, até que, progredindo sempre, o homem pôde chegar aos tempos de hoje em que, à parte os muitos selvagens que ainda existem em algumas regiões da Terra, vive rodeado de confôrto e de comodidades.

Não lhe faltam hoje magníficas estradas, boas escolas, telégrafos, sumptuosos * palácios; cultiva e aproveita os mais belos e variados frutos; veste-se de aperfeiçoados tecidos; viaja, em suma, em luxuosos navios sôbre os mares ou mergulha nas águas em submarinos; transporta-se velozmente em caminhos de ferro e automóveis e domina os ares, até há pouco só reservados às aves, em aviões já muito seguros e confortáveis.

¡Que diferença existe, pois, entre o homem primitivo, que habitava as cavernas, confundido, em muitos dos seus costumes, com os animais ferozes, e o homem dêste século XX que atravessamos, em que tudo é progresso!

Infelizmente nem todos os homens podem utilizar êste conjunto de comodidades, visto que nem todos têm meios para isso.

Diga o que vê neste quadro.

A CAÇA

DESDE a mais remota antiguidade que os homens sentiram a necessidade de caçar.

Nos velhos tempos em que se não cultivavam as terras; em que as árvores, votadas ao abandono, por tôda a parte formavam densas florestas; em que os matagais eram contínuos e impenetráveis, é evidente que deviam abundar os animais bravios, alguns de grande corpulência.

No território que hoje é ocupado pelo nosso querido Portugal, existiu outrora grande variedade de animais selvagens, desde o elefante ao cabrito montês, e do urso ao coelho; presentemente, não obstante ainda em alguns pontos do país se encontrarem lôbos, veados, porcos bravos, também conhecidos por javardos ou javalis, a caça que mais aparece é a perdiz, o coelho e a lebre.

Em tempos antigos, as caçadas faziam-se, no geral, com armadilhas, à paulada ou à pedrada. Mais tarde vieram as espingardas de *pederneira*.

Presentemente as armas de caça estão muito aperfeiçoadas, usando-se em muitas delas pólvoras sem fumo.

O exercício da caça entusiasma muitas pessoas, e não há caçador, desde a cidade à aldeia, que se não sinta contente nos dias em que percorre montes e vales em procura da caça, que tão apreciada é para a alimentação do homem.

Alguns animais de caça produzem grandes estragos

nas vinhas, hortas, searas, etc., e, por isso, se os não perseguíssemos, muitas plantações e sementeiras seriam por êles bastante prejudicadas.

É preciso, todavia, haver muito cuidado no manejo das armas, pois já bastantes pessoas têm perdido a vida em desastres ocasionados por elas.

Muito bons eram os bolos
que a mãe há pouco nos deu
todos iguais: o do Rui,
o do Luís, mais o meu.

O Rui não pôde conter-se...
logo seis sextos comeu;

o Luís não comeu mais
que cinco quintos do seu.

E eu então comi apenas
uns... quatro quartos do meu.

Quem tem o resto maior?
o Luís, o Rui ou eu?

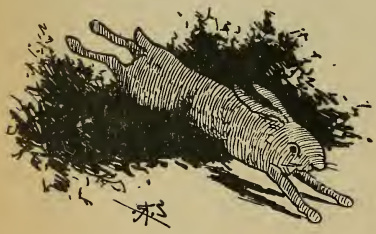
¡Que afortunado, que invejável, não terá de ser o País, onde, desde os palácios até às choças, todos os homens, tôdas as mulheres e tôdas as crianças, (sem excepção) souberem ler, e amarem a leitura, e onde em cada casa se encontrar uma pequena biblioteca, não dourada por fora, mas verdadeiramente de ouro por dentro, para o espírito, para o coração, para a saúde e para a fortuna!

CASTILHO

O coelho bravo

O coelho selvagem abunda em Portugal. Mais pequeno que o coelho doméstico, a sua carne é, contudo, mais saborosa. Alimenta-se de ervas e de certos frutos, mas, de ordinário, só pasta de noite, a não ser nos dias muito grandes de verão, em que procura comida antes de o Sol se esconder.

É muito tímido e desconfiado; ao mais pequeno ruído, põe-se em pé sôbre as patas traseiras, escuta e, se pressente inimigo próximo, corre a esconder-se em qualquer parte, de onde apenas sai, quando bem refeito do susto, mas sempre com as maiores precauçoes.



Passa os dias deitado, ora em pequenos *covis*, que escava ao abrigo de tojos ou de outras plantas, ora metido nas tocas das árvores ou nos buracos das pedreiras.

Às vezes, êle próprio, com as unhas, abre compridos e complicados buracos pela terra dentro, nos quais permanece durante o dia.

As coelhas têm filhos quási todos os meses, alimentando-os a leite durante algumas semanas. Fazem a sua *loura* ou *lousa*, que é o lugar onde criam os filhos, em um buraco que abrem na terra, com um metro de comprido, pouco mais ou menos, tendo sempre o cuidado de

juntar lá no fundo, para confôrto dos coelhinhos, boa porção de pêlo, que arrancam do próprio corpo.

Não criam, de cada vez, mais de meia dúzia de filhos, que, ordinàriamente, só amamentam de noite. De dia, a bôca da lousa é tapada com terra e feno, mas com tal arte que é difícil distingui-la.

Nos terrenos baixos, próximos dos grandes rios, é vulgar, em ocasião de cheias, os coelhos treparem às árvores, para não morrerem afogados, conservando-se lá durante semanas, às vezes, até que as águas, baixando, lhes permitam descer às plancies.

Os coelhos, enquanto pequenos, têm o nome de *láparos:* quando já adultos, chegam a deixar-se apanhar com facilidade no covil, sendo para notar que não é avançando para êles com precaução que tal se consegue, antes se deixam aprisionar com mais facilidade, quando o caçador manhoso lhes deita a mão, assobiando ou cantando.

Que representa esta gravura?

Estuda e faze-te homem para poderes ter opinião que os outros oiçam.

CASTILHO

Pus-me um dia a percorrer
êste lindo PORTUGAL,
pois queria ver, sentir
seus encantos sem igual.

Fui e vi campos no *Minho*
sempre mimosos e frescos,
e vi as gentes minhotas
com seus trajos pitorescos.

Em *Trás-os-Montes* alpestres,
com os seus vales sombrios,
vi águas dos altos montes
despenharam-se nos rios.

E no *Douro* verdejante,
com vinhedos e choupais,
ouvi rouxinóis à noite
cantar suspiros e ais.

Nas acidentadas *Beiras*,
vi brilhar a branca neve,
perto das «Penhas Douradas», *
onde o ar é já mais leve.

Percorri a *Estremadura*.
¡Que lindas, férteis campinas,
onde cresce o louro trigo
e pastam vacas turinas!

No *Alentejo* vi as messes
ondeando como o mar,
e muitas casinhas brancas
como noivas a noivar.

E mais ao sul, no *Algarve*,
terra das amendoeiras,
vi os quentes, doces frutos
que pendem lá das figueiras.

Mas não pára aqui o encanto
que deslumbra o meu olhar.
Vamos, meu coração, vamos
para as terras de além-mar.

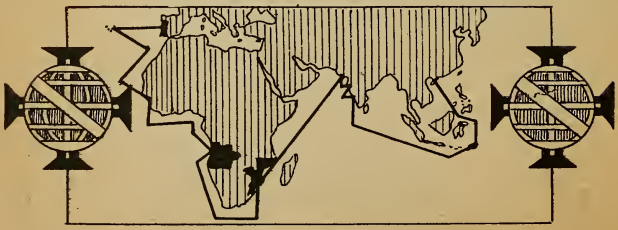
onde os *Açores emergem,*
como pérolas mimosas,
e onde a ilha da *Madeira*
tem o perfume das rosas,

e por sua formosura
é a «Princesa-dos-mares»...
Mais adiante, *Cabo-Verde*
e a *Guiné* com seus palmares,

S. Tomé e as suas roças.
Em *Angola* descansei
sob os ramos do embondeiro *
e a sua sombra gozei.

Passo o Cabo e *Moçambique*
que tão lindo pôrto tem;
depois, *Diu, Damão* e *Goa,*
Macau e *Timor,* também.

E de tudo quanto vi,
trouxe esta impressão final:
Que não há terra tão linda,
como o nosso PORTUGAL.



ESPERTEZAS

CHEGOU o Natal. Dois soldados, como de costume, queriam ir passar êsse dia de festa com a família: não tinham dinheiro para a viagem, e, por isso, resolveram seguir a pé. A meio do caminho, porém, tiveram fome, entraram numa hospedaria e dirigiram-se nestes têrmos ao dono da casa:

— Precisamos comer. ¿Pode o senhor fazer-nos o favor de nos fiar o jantar, até que voltemos da nossa terra?

O hospedeiro, desconfiado, sorriu-se. Farto estava êle de ouvir contar espertezas de soldados, mas porque também tinha prosápia de espertalhão, em vez de se recusar a servir a comida, preferiu dizer aos dois homens:

— Sim senhores; não lhes fio o jantar; dou-lho, se os senhores forem capazes de o comer sem, do princípio ao fim, dobrarem os braços.

Os soldados espantados olharam-se, pensaram um instante no caso, aceitaram e sentaram-se à mesa, um defronte do outro.

Daí a pouco chegava a sopa, o cozido, o assado; e qual não é o espanto do hospedeiro, quando vê os soldados, sempre de braços direitos, metendo um a comida na bôca do outro.

E pronto. Findo o jantar, os soldados seguiram con-

tentes para a sua terra, e o hospedeiro, todo envergonhado, prometeu de si para si não mais querer medir a sua esperteza com a dos militares que lhe passassem pela porta.

Leia em silêncio o que se segue, e depois responda, em voz alta, à pregunta que está no fim

Era um rapaz muito habilidoso o Josèzito.

Sabia fazer lindos trabalhos de cartolina e, para dar um presente ao irmão no dia dos anos, pensou em fazer um automóvel.

Fêz o desenho na cartolina e depois recortou tudo: a primeira roda ficou muito redondinha, a segunda e a terceira também ficaram bem feitas. Depois colou as peças e ofereceu o brinquedo ao irmão, que o achou engraçado.

No entanto, o automóvel não rodava bem.

Porque seria?

Forme uma frase em que entrem as palavras se eu fôr.

Se tu soubesses o que custa mandar, gostarias mais de obedecer tôda a vida.

CASTILHO

Nacionalismo

NUM dia de verão, à hora do recreio, brincavam alegremente muitos dos alunos da escola, enquanto à sombra de uma árvore um grupo dos mais adiantados se mostrava bastante interessado com a leitura de um jornal, que o professor, sempre atento e vigilante, notou, mesmo de longe, não ser jornal de bonecos...

Aproximou-se o professor e quís saber que leitura era aquela. E fêz bem, porque nem tôdas as leituras convêm às crianças.

Mas desta vez não era assim. Tratava-se de um bom jornal; e a leitura que tanto interessava os pequenos era um artigo que se intitulava *Nacionalismo.*

Aquêle artigo, porém, não tinha sido escrito para crianças, e por isso não podia ser bem compreendido por elas. Foi então que o Pedro, o mais velho do grupo, aproveitou a presença do professor para preguntar:

— Mas, ó senhor professor, que vem a ser *Nacionalismo?*

— *Nacionalismo* é uma palavra derivada de *nação* e significa o culto por tudo que representa o bem da Nação — que é tôda a nossa terra, a nossa gente, o nosso lindo Portugal. Amar o *Nacionalismo* é ser bom português, é ser *Nacionalista.*

— Então todos nós somos *nacionalistas!*

— Pois está claro. Todo o bom patriota só deve prezar o *Nacionalismo* da sua Terra.

— E como, sr. professor?

— Pondo sempre os interêsses da Nação acima das suas conveniências pessoais, e repelindo, com indignação, tôda a intervenção de estranhos na nossa vida nacional.

Portugal é nosso e só nosso; e só por bons portugueses deve ser governado: está nisso, em grande parte, o nosso *Nacionalismo.*

— ¿Mas então também há estranhos que procurem intervir no govêrno desta nossa grande casa, que é a Nação?

— Infelizmente, há. Há gente boa, mas também há muita gente má noutras nações, a qual se não contenta só em ter a desordem em sua casa; procura também com habilidosas mentiras, levar essa desordem para fora do seu país.

— Parece impossível!

— Pois parece; mas é assim mesmo. Os meninos já devem saber os inconvenientes que os maus conselhos podem originar. Nada, meus amiguinhos: Portugal é nosso e só nosso.

O que de mau houver lá por fora não consintamos nunca que estranhos, dizendo-se falsamente nossos amigos, nos tragam para cá; porque tal gente é suspeita, só pensa em si, e não pode sentir o nosso *Nacionalismo.*

De entre o que em outras nações houver de bom, o govêrno português saberá escolher e ir buscar o que possa interessar-nos, o que possa bem servir a nossa querida Pátria.

— Está muito bem, disseram os alunos. Acima de tudo, amemos a independência do nosso Portugal.

— E os meninos já sabem, da história, o que essa independência custou no tempo de D. João I e de D. João IV.

— Sabemos, sabemos.

— Ainda bem. Procuremos, pois, todos ser bons *Nacionalistas*, fazendo *tudo pela Nação, nada contra a Nação.*

Para que nesta nossa boa e linda terra portuguesa continui a reinar a paz, a alegria, a felicidade, basta que também continuemos a amar, e cada vez mais, a nossa casa, a nossa família, a nossa Terra e ajudemos os nossos governos a bem servir-nos.

Há um mandamento da lei de Deus que nos manda *amar a Deus sôbre tôdas as coisas:* pois também se pode dizer que há um mandamento na Religião da Pátria que nos manda *amar a nossa Pátria acima de tôdas as outras.* E isso consegue-se prestando um grande culto ao *Nacionalismo* a que o vosso jornal se refere e que vocês não compreenderam bem.

— Mas agora já compreendemos.

— Pois se compreederam, procurem sempre ser bons portugueses, amando a nossa Pátria mais do que tôdas as outras Pátrias, certos de que daí só resultarão benefícios para vós e vossas famílias e o aumento de prestígio do nosso querido Portugal.

O Papa e a Igreja Católica

— ENTÃO, filho, gostaste hoje da lição de história?

— Gostei, meu pai, como sempre; mas ouvi uma coisa que não compreendi bem.

— Que foi?

— Que D. Afonso Henriques pôs Portugal sôb a protecção do Papa, declarando-se seu vassalo espiritual. O Papa tinha então tanta importância?

— Tinha, meu filho, e tem.

O Papa é o Chefe supremo da Igreja Católica e, portanto, o principal representante da maior fôrça espiritual que há no mundo: *A Religião Cristã.*

Por isso, desde S. Pedro, que foi o primeiro Papa, dirige a Igreja e faz que se mantenha, através dos séculos, a pureza das sublimes doutrinas prègadas por Jesus Cristo na terra.

— Agora já entendo. E onde vive o Papa? Não vive em Portugal, pois não?

— Não. Reside em Roma, na Cidade do Vaticano. É de lá que dirige os milhões de fiéis que constituem a Igreja Católica e estão espalhados por todo o mundo.

Todos os anos vão àquela Cidade milhares de peregrinos de todos os países, a fim de prestarem homenagem ao Papa e receberem a sua bênção.

Antigamente tôdas as nações cristãs lhe prestavam vassalagem espiritual, como prova de fé e acatamento às doutrinas que Jesus Cristo ensinou aos homens, recebendo em troca a sua protecção que era bastante valiosa. Foi o que fêz D. Afonso Henriques. Compreendes agora?

— Sim, meu pai. Muito obrigado pela explicação, que nunca mais esquecerei.

A formiga e a cigarra

A cigarra cantadeira
buscava o seu alimeno;
e em cima de uma parreira
todo o seu contentamento
mostrava, numa cantiga,
que par'cia não ter fim.

Nisto, chega-se uma amiga
que, ao vê-la, lhe fala assim:

—Boa tarde, comadrinha.
¿Quere ouvir o que p'ra aí
anda a formiga vizinha
espalhando contra si?

Espalha que é escandalosa
a vida que está levando,
que é vida de preguiçosa
a de andar sempre cantando;
e que era muito melhor
gastar em útil acção
êste tempo de calor,
para ter, no inverno, pão,
e fazer como ela faz:
enceleira no estio,
para ter casa capaz,
quando vem o tempo frio.

— Oh! — responde neste passo
a cigarra: — Quem lhe disse

que eu só canto e nada faço,
afirmou grande tolice;
porque eu canto, mas também
busco o pão e o agasalho;
e o que como, certo é bem
produto do meu trabalho,
que faço com alegria,
e onde tenho recompensas,
pois passo melhor o dia
sem guerras nem desavenças.
Por isso, cá vou cantando;
nem me importa o que se diz,
encho bem o papo, quando
me apetece... sou feliz.

Leia em silêncio o que se segue, e depois responda, em voz alta, à pregunta que está no fim

A Fernanda foi passar uma tarde a casa da avózinha e, quando regressou, lembrou-se de trazer à irmã um ramalhete de flores frescas, colhidas no quintal da avó.

Bastante satisfeita, pois, ofereceu-as à irmã, que muito agradeceu, e logo as pôs numa jarra, que perto estava.

Porém, qual não foi o espanto da Fernanda quando, tempo depois, olhava para essas flores que trouxera e as via tôdas murchas.

¿Por que é que isto aconteceu?

Bons Portugueses

QUEM já leu com atenção qualquer compêndio de História de Portugal, notou que nêle se fala com entusiasmo e carinho em nomes de antigos portugueses que, pelos séculos fora, serviram com dedicação o seu país, longe, muito longe dêste pedaço de terra querida, que se chama Portugal.

Em três classes podemos dividir êsses bons portugeses: os que descobriram novas terras, os que as conquistaram e os que as civilizaram e engrandeceram.

De entre os descobridores, destacaremos aqui os nomes de Gonçalo Velho Cabral, Gil Eanes, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral.

Aos que tanto alargaram pela conquista, ou consolidaram pela fôrça das armas, o nosso império colonial são bem queridos os nomes de Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, D. João de Castro, Salvador Correia de Sá,, Mousinho de Albuquerque, Azevedo Coutinho e João de Almeida.

Finalmente, de entre os que, numa missão bendita, dedicaram pela palavra e pelo exemplo, o melhor do seu esfôrço à cultura, à civilização dos naturais de tantas e tão longínquas terras conquistadas, aqui apontamos ao respeito de todos os patriotas os nomes de S. Francisco Xavier, Padre Anchieta e Padre António Vieira, e mais modernamente D. António Barroso, que foi bispo do Pôrto.

Muitas das terras descobertas pelos portugueses foram depois conquistadas aos povos bárbaros que as habitavam; mas assim como os antigos romanos, uma vez senhores de tôda a península hispânica, ensinaram aos lusi-

tanos muito do que sabiam da sua adiantada cultura, também os portugueses da época dos descobrimentos, uma vez senhores de vastos territórios em África, na Índia e no Brasil, mostraram que não era só o propósito de se enriquecerem que os levava àquelas paragens — mas sim o de ensinarem a êsses povos uma nova religião, que os ia tornar melhores, e uma nova civilização que, pouco a pouco, os iria arrancando do estado de barbaria em que viviam.

Não parou ainda, porém, essa missão bendita, porque nas nossas colónias muitos portugueses continuaram a trabalhar com entusiasmo e com fé, para valorizar a terra e chamar os seus naturais a uma vida activa que esteja bem dentro da civilização actual.

Também nos tempos de agora, se distinguem vultos notáveis a que a Pátria muito deve.

Em 1910 foi implantada a República em Portugal e, afora curtos intervalos de paz e sossêgo e equilbrio financeiro, o nosso país havia já entrado num período constante de lutas civis e perdia pouco a pouco a consideração e o respeito de nacionais e estrangeiros.

Por isso, em Maio de 1926, o glorioso exército português, tendo à frente o prestígioso general Gomes da Costa, revolta-se contra o poder tão mal representado pelo seu parlamento, e estabelece uma ditadura militar que trata de organizar em novos moldes todos os serviços públicos e particulares.

Nova era de trabalho e confiança começa em Portugal. Cessam as revoluções, equilibram-se as finanças, restauram-se portos e estradas, organiza-se o exército e a marinha, constroem-se barcos de guerra, abrem-se escolas, restabelece-se a moral, baseada nos princípios da doutrina cristã; e hoje, enfim, Portugal restaurado entrou num

período de bem-estar e de esplendor, graças aos esforços e boa vontade de um grupo de verdadeiros patriotas, à frente dos quais estão o Presidente da República, Senhor General Carmona e o ilustre chefe do Govêrno, Senhor Doutor Oliveira Salazar.

Necessidade da Religião

A religião é necessária a todos os homens.

O homem é um ser racional, isto é, dotado de razão que lhe permite distinguir o bem do mal.

Mas a razão, entregue apenas a si própria, pode enganar-se e ser causa de grandes males.

Precisa, portanto, de sujeitar-se a uma entidade superior que lhe dite a lei moral, sem o que o homem se tornará pior que as feras, as quais apenas obedecem aos seus instintos. Não faltam, infelizmente, tristes exemplos na história.

Obedecendo às leis da religião, o homem não abdica os atributos da liberdade, com que Deus o dotou. Pelo contrário, exerce-os com a certeza de que da sua acção nunca virá prejuízo para o seu semelhante.

Jesus Cristo, Homem Deus, foi a suprema Verdade e o supremo Bem. A sua doutrina, portanto, encerra o bem e a verdade.

Logo, devemos seguir a sua religião, que é a religião católica, a qual tem na terra como chefe supremo o Papa, ao qual todos os católicos devem respeito e obediência.

O actual chefe do Estado

O Presidente da República Portuguesa é o Sr. General Óscar Carmona.

A sua acção tem sido justamente considerada no país e no estrangeiro, onde o seu nome é muito respeitado.

É um Chefe de Estado que acompanha dedicadamente tôdas as iniciativas populares, sendo deveras apreciável e muito louvável o seu grande interêsse pelas obras de assistência, às quais dispensa muito do seu coração e do seu auxílio.

Sente prazer em estimular o progresso de todos os empreendimentos e, assim, com a sua presença, demonstra bem quanto carinho e atenção lhe merece todo o esfôrço realizado para o bem da nossa Pátria.

Não há nenhuma manifestação da actividade nacional que não acompanhe e encorage sempre, com o desejo veemente de engrandecer a nação, que tão inteligentemente tem sabido orientar, dentro das melhores normas da ordem e do trabalho.

A sua afectividade, a simplicidade dos seus actos e a sua inteireza de carácter grangearam-lhe há muito as mais dedicadas simpatias do povo português, que não se cansa de provar o seu muito respeito e a sua grande admiração pela obra que os seus governos têm realizado.

Sob os auspícios do seu govêrno o nosso país tem conquistado o lugar de relêvo no concêrto das nações. Tal facto deve causar orgulho a todos os portugueses.

Louvemos, por isso, a sua acção e congratulemo-nos com o progresso que tão notàvelmente se observa actualmente no nosso país.

Justiça curiosa

Embora pareça anedota inventada o que vai contar-se, não o é; passou-se, por sinal, em certa comarca do nosso Alentejo.

Um dia foi julgado um caçador, acusado de ter morto *três perdizes,* ainda no tempo defeso, em que a lei não permite caçar. As testemunhas, porém, afirmaram ao juíz que não foram tal *três perdizes* que o caçador matara, mas sim *três perdigões.* Pois tanto bastou para o juíz absolver o réu, baseando a sentença no facto de a lei, que então regulava o exercício da caça, só falar em *perdizes,* e os juizes não terem o direito de deixar de distinguir sexos, contràriamente à determinação bem expressa da lei, que não punia a caça aos *perdigões...*

E assim se mostra que nunca se perde em cada um ser bem claro, quando fala ou escreve.

Depois do trecho acabado,
vamos a ver quem me diz:
qual a fêmea do veado?
qual o macho da perdiz?

Forme uma frase em que entre a palavra jardim.

Forme uma frase em que entre a expressão deves dar.

Estradas — Caminhos de Ferro

QUEM viaje hoje em automóvel, por estradas alcatroadas, admiràvelmente estendidas através dos campos, mal poderá imaginar as dificuldades que teriam os povos primitivos em se deslocar de um para outro lado.

Nesse tempo, as ligações de uns com outros povos deviam ser apenas carreiros mal abertos, através das florestas.

Os séculos, porém, passaram, e os processos de abertura e conservação de estradas foram-se aperfeiçoando.

Assim, os romanos, para terem bons caminhos, cavavam o terreno até à altura de um homem, enchendo depois o fundo com uma camada de pedra, cuja espessura equivalia pouco mais ou menos ao actual meio metro, e calcando até ficar tudo muito bem endurecido. Sobrepunham-lhe em seguida uma sólida camada de cascalho e tejolo, de quinze centímetros, aproximadamente, coberta de cal e areia de dobrada espessura; e, finalmente, estendiam-lhe um pavimento de lajedo cimentado, feito de pedra bem dura.

Um tal pavimento era apenas destinado a carros e a cavaleiros. Para os peões construíam-se dois passeios laterais.

Estas estradas comunicavam tôdas com a sua capital, sendo talvez daí que vem o dizer-se ainda hoje que todos os caminhos vão dar a Roma.

Por elas se dirigiam também os seus correios. Para êles se colocava, de longe em longe, um serviço de mudas,

admirável e previdentemente montado, a fim de terem sempre cavalos folgados.

Não admira, pois, que, com tal solidez, muitas dessas estradas se mantenham ainda hoje em regular estado de conservação.

Nos meados do século XVIII, começaram a adoptar-se estradas macadamizadas, assim chamadas do nome do seu autor, o engenheiro escocês Mac-Adam; mas estas estão muito longe de possuir a consistência e solidez das dos romanos.

Para as grandes velocidades construiram-se na Inglaterra, depois da descoberta do vapor, linhas de caminhos de ferro, devidas principalmente a um engenheiro inglês, que, num concurso realizado em 1829, apresentou uma locomotiva, a que chamou *Foguete*, e que, posta em movimento, atingiu, carregada, a velocidade de 6 léguas numa hora, e, sem carga, 10 léguas.

Para vingar, porém, teve de sustentar uma luta enorme contra a oposição dos proprietários e lavradores, os quais viam na sua máquina uma obra de bruxaria.

Por isso os trabalhos e planos da colocação das linhas tinham de ser feitos de noite, chegando-se até a usar de vários artifícios para afastar os que contrariavam a sua acção.

Mas, enfim, tudo se foi vencendo, até chegarmos aos combóios que hoje cruzam os continentes em todos os sentidos, com velocidades enormes, e empregando-se, para os mover, não só o vapor de água, como a electricidade.

Em Portugal, o primeiro trôço de caminho de ferro, de Lisboa ao Carregado, inaugurou-se no reinado de D. Pedro V.

CÓ - CÓ - RÓ - CÓ

Já vem rompendo a aurora
festiva, criadora...
No céu uma estrelinha
inda se vê luzir,
como que a sorrir
à luz que se adivinha.

É a hora de acordar,
e de principiar
o homem seu labor;
hora bendita e santa
de que depende tanta
honra, ventura, amor.

E então o galo altivo,
alegre e sempre vivo,
olhando céu e terra
atento e vigilante,
levanta a voz vibrante
como um clarim de guerra,

e ou em côro, ou só
canta:

Có-có-ró-có

.....

Meio-dia. O Sol intenso
requeima o plaino imenso...
Sob o calor do v'rão
o homem sua trabalhos
e pesam mais os malhos
na debulha do grão.

Co'a a fôrça do calor,
sentem certo torpor
as almas fatigadas...
Na tôrre da igreja
que lá ao longe alveja
dão doze badaladas...

E o galo, em côro, ou só
canta:
Có-có-ró-có

.....

O Sol vai pôr-se agora...
À mata acolhedora
recolhem passarinhos;
e em busca do curral
já rebanho e zagal
vão seguindo os caminhos.

Nessa hora de harmonias
em que as Avè-Marias
soam nos campanários,
a tarde cai amena;
surgem estrêlas na arena
do céu, quais lampadários...

E o galo, em côro, ou só
canta:
Có-có-ró-có

.....

Na aldeia tudo dorme;
e sob o céu informe
dessa noite que avança,
em tôrno do casal,
o silêncio geral
é grato a quem descansa.

Nesse momento grave
só o pio de alguma ave
quebra a monotonia...
É meia-noite agora;
soa na tôrre a hora,
vai entrar novo dia...

E então o galo altivo,
alegre e sempre vivo,
olhando o céu e terra
atento e vigilante,
levanta a voz vibrante,
como um clarim de guerra,

e, ou em côro ou só,
canta:
Có-có-ró-có

Quadro histórico

Que representa esta gravura?

Diga o que sabe sôbre Vasco da Gama.

A perdiz

É a perdiz uma ave apreciadíssima pela sua saborosa carne. Vive quási sempre no chão, em bandos, e só raras vezes sobe às árvores, o que, para os homens do campo, é indício * de mudança de tempo, de chuvadas próximas, que raramente falham.

Como tôdas as aves, reproduz-se por ovos. À maneira de ninho, faz uma pequena cova no solo, nem sempre em sítio bem escondido, nela põe de doze a dezoito ovos, que choca durante três semanas. Como a perdiz, o macho, que tem o nome de perdigão, igualmente se ocupa do chôco, enquanto a fêmea vai procurar alimento.

O macho distingue-se da fêmea por ser um pouco mais corpulento e também por uns pequenos esporões que tem nas pernas, curtas e vermelhas, os quais, por irem crescendo com os anos, indicam às pessoas entendidas a idade aproximada de tais aves.

As perdizes gostam muito de trigo, de uvas e de azeitonas.

Há anos, achámos um ninho de perdiz já em pleno chôco. Movidos pela curiosidade de contar os ovos, aproximámo-nos, procurámos afugentar a perdiz, mas debalde. Fizemos gesto de a apanhar; e, então, aquela mãe aflita deu-nos duas bicadas nos dedos e saíu, não se afastando, porém, para mais de dois ou três metros do ninho.

Mas qual não foi o nosso espanto, quando vimos que os perdigotos estavam naquele momento saindo dos ovos.

Retirámo-nos imediatamente para não perturbar aquêle momento solene da vida de uma mãe e, voltando lá no dia seguinte, só encontrámos as cascas.

É que os perdigotos, logo que nascem, abandonam o ninho para sempre, seguindo atrás da mãe à procura de alimento, e assim se criam juntos, para viverem quási sempre em bandos.

BRASIL

PORQUE será que o *Brasil*,
— diz à mãe o filho amado —
é, de entre os outros, por nós
o país mais estimado?

— Porquê, filho? Pois não sabes,
acaso, quem descobriu
as Terras de Santa-Cruz?
quem foi que primeiro as viu?

— Bem o sei, minha mãezinha...
— Então deves saber bem
que foram os portugueses
que lhe levaram também

a religião e a língua,
os costumes e a cultura,
luz da civilização
que inda hoje lá perdura.

Rebento de portugueses
de outros tempos, de outras eras,
a alma dos brasileiros
é como a nossa deveras.

Por isso, as suas virtudes
delas nos vangloriamos;
suas dores e alegrias
delas comparticipamos.

E se pudesses saber
quantos, quantos portugueses
remédio lá vão buscar
da vida contra os reveess... —

— Ah! já compreendo agora
êste amor tão natural;
sim, são como dois irmãos
o *Brasil* e *Portugal*.

Leia em silêncio o que se segue e depois responda, em voz alta, à pregunta que está no fim

A Violante apreciava muito as flores.

Gostava de as aproximar do nariz, o que não é bom, como veio a reconhecer.

Num dia de primavera, foi ao jardim, onde havia muitas rosas já abertas e outras ainda em botão.

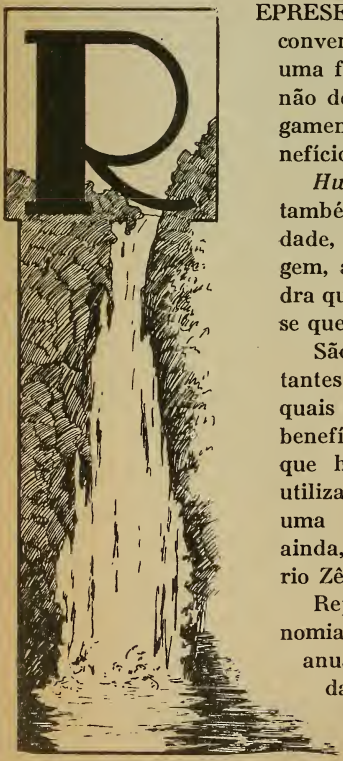
Muitas abelhas voavam de flor em flor, pousando ora numa ora noutra.

Violante viu, entre as rosas, uma que lhe pareceu mais bonita. Chegou-se a ela e levou-a ao nariz.

Mas, de repente, deu um grito de dor, e ao mesmo tempo largou a rosa.

Que teria acontecido?

Quedas de água e minas de carvão



REPRESENTAM as quedas de água, convenientemente aproveitadas uma fôrça motriz barata que se não deve desperdiçar e que largamente se pode traduzir em benefícios de vária ordem.

Hulha branca se lhe chama também, porque, em boa verdade, ela substitui, com vantagem, a hulha ou carvão de pedra que se extrai de minas e que se queima em máquinas.

São já hoje muitas e importantes as quedas de água, das quais os homens tiram largos benefícios, sendo notável uma que há pouco começou a ser utilizada na Ribeira de Nisa, e uma outra, mais importante ainda, que se vai aproveitar no rio Zêzere.

Representa já uma economia de milhares de contos anualmente o aproveitamento da fôrça motriz, produzida pelas quedas de água dos nossos rios, que põem em

laboração variadas fábricas, onde se empregam numerosos operários.

Mas as quedas de água não se podem improvisar em tôda a parte; por isso, forçoso se torna recorrer ao carvão de pedra, que é necessário queimar em máquinas e que, portanto, não pode deixar de ter um largo consumo no nosso país.

Há algumas minas dêsse carvão em Portugal: em S. Pedro-da-Cova, no Cabo Mondego, etc., andando há anos em exploração uma das mais importantes, no sítio da Bezerra, concelho de Pôrto-de-Mós, onde é tal a abundância dêsse mineral que se tornou necessário construir, através de uma serra cheia de precipícios, uma linha férrea de via reduzida, por onde todos os dias transitam combóios carregados do precioso combustível.

Às vezes é cheiazinha,
outras nem metade é bem;
e, em geral, vê-se à noitinha.
O que será? — diz alguém?

Forme uma frase em que entre a expressão ficar bem.

Quem dá aos pobres não tema
Pobreza extrema;
Quem o despreza
Cai na pobreza.

JOÃO DE DEUS

Valor do carvão de pedra

carvão desempenha hoje uma acção importantíssima na vida das nações.

Já lá vai o tempo em que todo o trabalho era manual e, portanto, caro. Hoje, tudo mudou.

Está calculado que uma tonelada de carvão, queimado em uma máquina, representa, aproximadamente, o trabalho de cinco homens, *durante um ano.*

Pois em algumas minas estrangeiras, aonde tanto carvão vamos buscar ainda, um só trabalhador extrai, em média, duzentas toneladas por ano, isto é, combustível suficiente para poder produzir um trabalho que equivale ao de mil operários.

Suponhamos que um operário trabalha 300 dias por ano, ganhando 15$ diários. Êsse trabalho importará em 4.500$ e o trabalho de 5 operários terá o valor de 22.500$.

¿E sabem quanto gasta em média uma máquina para produzir o mesmo serviço? — *Uma tonelada de carvão mineral!*

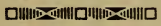
E aqui está porque a Inglaterra, a Alemanha, a França, os Estados-Unidos, nações onde o carvão é abundante e baratíssimo, muito podem desenvolver as suas indústrias, espalhando depois pelo mundo os seus produtos a tão baixo preço que as nações, como a nossa, não poderiam competir com elas, se, à entrada dêsses produtos estran-

geiros, a alfândega não criasse dificuldades, cobrando pesados direitos de importação.

No entanto, convém registar que o facto de no nosso país se estar intensificando a extracção do carvão de pedra, ao mesmo tempo que tanto se está cuidando do aproveitamento das quedas de água, representa um bom sintoma, que necessàriamente se há de reflectir no engrandecimento da nacionalidade.

Caia bem esta parede,
dá-lhe mais uma demão;
toma cuidado não *caia*
alguma pinga no chão.

¿Que espécie de palavra é caia?



Leia para si só o que se segue e depois responda, em voz alta, à pregunta que está no fim

Um rapaz mau subiu a uma cerejeira, que não era sua, com o fim de apanhar cerejas.

Mas, pouco depois de ter subido, ouviu qualquer ruído e começou a descer com tanta pressa que caíu.

Levantou-se logo, e largou a correr para sua casa, que ficava a alguma distância.

Quando encontrava alguém, tapava o joelho direito com o chapéu de palha.

Ao chegar a casa, a mãe ralhou com êle.

Que teria acontecido?

As cobras

Pertencem as cobras à classe dos répteis, animais que se movem rastejando. São hibernantes, isto é, passam parte do outono e inverno escondidas pelos buracos, sem comer nem beber, num sono profundo, de que só despertam quando chegam os primeiros calores da primavera.

A cobra alimenta-se de pequenos seres vivos, é muito gulosa de pássaros, e não deixa de ser curioso conhecermos a luta que ela tantas vezes trava com o lagarto.

Êste, ao ver-se perseguido por ela, foge-lhe, se pode, para o primeiro buraco que encontra, ficando todavia com a cabeça de fora, e de bôca aberta espera o ataque. A cobra investe e, daí a pouco, os dois répteis, com a bôca de um metida na do outro, seguram-se com ânsia, e assim, de ordinário, morrem ao cabo de bastante tempo de luta.

Pelos campos não é raro as cobras devorarem os pássaros nos ninhos: e nos beirais dos telhados, aonde elas podem chegar, devoram as pequenas andorinhas em seus ninhos, como já presenciámos.

É curiosa, porém, a forma como elas se apoderam de pássaros, servindo-se desta simples arma: *os olhos.*

No olhar da cobra há qualquer coisa de extraordinário, que lhe permite *hipnotizar,* isto é, atrair, fazer perder todo o sentimento de defesa aos pequenos animais em que ela fixa demoradamente os olhos.

— Os olhos? — dirão os meninos — Sim; os olhos da cobra, fitos, por exemplo, nos pássaros, estonteiam-nos por

tal forma que as pobres aves não resistem à tentação de se lhes irem meter na bôca.

Já um dia presenciámos um caso dêsses, que vale a pena referir.

A cobra e os pássaros

Era em junho, quando as vinhas já se encontravam bem vestidas de fôlhas. Sôbre uma videira esvoaçava um pintassilgo, num pipilar tão dorido, tão estranho que nos chamou a atenção. Aproximámo-nos e vimos nesse momento uma cobra enroscada na videira, com a cabeça ligeiramente saída sôbre as últimas fôlhas superiores.

Afugentámos a cobra, e a pobre ave fugiu também; mas, passado um quarto de hora, pintassilgo e cobra voltaram à mesma, e daí a pouco, vimos horrorizados que a avezinha se foi meter, voluntàriamente, na bôca do réptil, atraída por aquêle olhar penetrante e fascinador.

Correndo então pressurosos sôbre a cobra, conseguimos matá-la e dar liberdade àquêle pobre passarinho.

É também servindo-se do olhar que muitas vezes a cobra consegue apoderar-se de outros animais, como o rato, o láparo, etc., que depois devora.

Forme uma frase em que entrem as palavras tenho dito.

OS BARCOS A VAPOR

Á relativamente pouco tempo que existem barcos a vapor, pois êles foram uma conseqüência da descoberta do vapor de água.

Nos fins do século XVII ou princípios do XVIII, um francês ilustre, numa ocasião em que se aquecia ao lume, onde estava colocada uma panela com água, observou que, de vez em quando, de dentro da panela saía qualquer coisa que lhe pareceu fumo, e que fazia alternadamente levantar e baixar a tampa da mesma panela. E pensou de si para si, que se uma tão pequena quantidade de água aquecida ao lume, produzia uma fôrça capaz de levantar a tampa, quanta fôrça não seria capaz de desenvolver uma grande quantidade de água submetida a uma temperatura mais elevada.

Esta observação despertou-lhe a idéia de construir uma máquina a vapor, aplicando-a aos barcos.

Com efeito, em 1707 realizou o seu intento; mas os barqueiros, assim que viram o barco, receando que um tal invento se desenvolvesse, resultando daí a falta de trabalho para êles, destruíram uma noite todo o maquinismo; e o seu inventor, desalentado, desgostoso, pobre e sem coragem para recomeçar, desapareceu, ignorando-se ainda hoje aonde teria ido acabar seus dias.

Mais feliz e corajoso que êle foi um americano, um século depois.

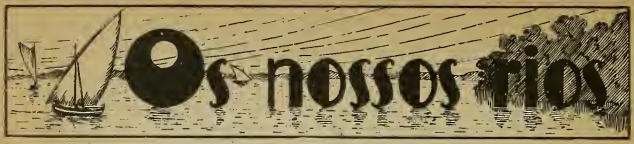
Êste, auxiliado por um compatriota, construíu o seu barco em Inglaterra, mas vendo a pouca importância que aí lhe davam, dirigiu-se a França, onde não foi mais feliz.

Partiu então para a América do Norte e aí começou as suas experiências definitivas.

A princípio tomaram-no como um louco, e o seu invento foi acolhido desdenhosamente. Mas, quando em 1803, os seus compatriotas começaram a ver o barco cortando as águas com grande rapidez, sem o auxílio de remos nem de velas, e com uma segurança que estavam longe de esperar, os risos cessaram, e vários passageiros se foram aventurando e perdendo o mêdo.

Finalmente, como a tudo sucede, a confiança foi-se acentuando, até que se começaram a organizar carreiras regulares de vapores, e êsse americano pôde amontoar uma boa fortuna, fruto do trabalho, da persistência e da coragem.

Hoje impossível seria dispensarmos a navegação a vapor. O seu progresso cresce de ano para ano, havendo barcos que são verdadeiras cidades flutuantes, com amplas casas de jantar, jardins, piscinas *, depósitos de água fresca, frigoríficos *, belos dormitórios, etc., etc., fruto da inteligência do homem e, convém não esquecer, da sua aplicação e constância no trabalho.



Bastantes rios correm em Portugal.

De um modo geral, todos êles ajudam a fertilizar as terras que banham, já fornecendo-lhes água para regas, já estrumando, com as suas enxurradas, os campos baixos das margens.

¡Quão ricas seriam muitas terras do nosso país, se lá pudesse chegar a acção benéfica das águas dos rios!

¡Que riqueza não representaria, por exemplo, a nossa extensa província do Alentejo, se fôsse possível espalhar por tôda ela uma bem estudada rêde de canais!

É o pequeno rio Alviela que fornece a Lisboa quási tôda a água que esta cidade consome, e é ao pequeno rio Sousa que o Pôrto vai buscar a água de que necessita.

Aos rios vamos pescar muitos e saborosos peixes, desde os afamados salmões, do rio Minho, ao barbo, lampreia e sável, do Tejo e outros rios.

Se olharmos atentamente para um bom mapa de Portugal, notaremos que muitos rios que o atravessam, servem de natural limite entre o nosso país e Espanha. Em muitos outros pontos, demarcam províncias, distritos, simples concelhos e freguesias; por alguns podem transitar embarcações, que prestam os melhores serviços na condução barata de produtos de uma terra para outra. Outros fornecem apreciável fôrça motriz, aproveitada em fábricas de tecidos, de papel, de moagem, geradores de electricidade, de torneados de madeira, lagares de azeite, etc.

Não obstante os rios, à vezes, causarem prejuízos com

as suas enchentes, êles constituem para nós uma grande riqueza.

¡Felizes das terras que se podem mirar em suas águas espelhentas!

Forme uma frase em que entre a palavra guelras.

Minha tia deu um bôlo
a meu primo Joaquim,
e ordenou-lhe que partisse
um bocado para mim.
Êle, como é meu amigo,
dividiu o bôlo assim:
fêz dois bocados iguais
e deu-me logo um a mim.

—¿Quantas décimas do bôlo
teve o primo Joaquim?

Gosta de bolos?

¿Em que estabelecimentos costumam vender-se bolos?

¿Qual dos dois primos de que acima se fala teve mais décimas de bôlo?

OS PESCADORES

NTARDECE. Os pescadores
vão-se na praia juntando
e aproveitando a brisa
tão precisa,
vão seus barcos arrastando.

E lá seguem para o mar
sempre cheios de incertezas;
¿pois quem poderá contar
do mar com a mansidão,
ou então
prever as suas bravezas?

E gritam, e gritam
dos barcos em riba:
— Ala! Ala! Ala!
Arriba!

E as mulheres e as crianças
ficam na praia a olhar,
cheias de angústia e de esp'ranças...
e os pobres pescadores,
sem temores,
continuam a remar.

E lá seguem esperançados,
içando as velas ao vento.
Que importa que vão cansados?
Mas, se a fome é inimiga
da fadiga,
nesta buscam o alimento.

E gritam, e gritam
dos barcos em riba:
— Ala! Ala! Ala!
Arriba!

Pronto. Agora é só pescar.
— À água as rêdes, eh! gentes!
rapazes, rêdes ao mar. —
E o peixe pica-que-pica,
já lá fica,
e todos estão contentes.

Já lá vem a madrugada,
e, para a praia alcançar,
é só mais uma remada.
— Ala, gentes, vamos, eia!...
E na areia
já se vê peixe a saltar.

E gritam, e gritam
dos barcos em riba:
— Ala! Ala! Ala!
Arriba!

A Serra da Estrêla

¿Já subistes alguma vez ao mais alto desta serra? O quadro é dos mais belos que o espírito do homem possa imaginar...

Afigurai-vos uns poucos de gigantes, de bruços sôbre a terra; os dorsos de um cinzento azulado, dobrados em arco e parecendo dormir um longo sono. Aqui e além, os espinhaços cobertos por uma terra fôfa e mole, a fugir-nos debaixo dos pés, e onde principalmente crescem o zerbum * e o zimbro * de bagos azuis; de onde em onde, ao pé e ao longe, por tôdas as bandas, lapas enormes a tocar os céus, muitas vezes mantidas num milagre de equilíbrio. Um veio de água, procurando o vale lá muito em baixo, e ocultando-se por vezes sob o terreno que pisamos, segue manso, muito de mansinho, que parece estar dormindo, tão manso é o seu deslizar.

O Poço do Inferno

Quási no cimo, entre paredões a pique, onde os nossos

gritos fazem eco, as lagoas do *Peixão,* da *Clareza,* a *Escura,* a *Comprida* e a *Redonda.*

Mais longe, os penedos do *Cântaro Magro* e da *Fôrca dos Cães* e a *Fonte do Pires,* de água corrente e cristalina, a mais alta decerto que brota em terras de Portugal.

A curta distância, a *Tôrre,* que marca os dois mil metros de altitude, ponto culminante da serra da Estrêla.

Cantaro Magro

O alto da serra é assim: chapada enorme, de onde irradiam, como uma estrêla, todos estes gigantes, onde se levantam lapões desmesurados e onde se abrem cavernas e gargantas, para lá das quais a vista se perde na imensidade do horizonte.

Sentimo-nos pequenos, muito pequeninos no meio de tamanha grandeza. Choca-nos e impressiona-nos a quietação e o silêncio que ali reinam, só interrompidos de quando em quando e de longe em longe, pelo chocalhar soturno do rebanho do tio Bernardo, ou pelo ladrar dos cães. Sente-se o ar muito leve e, a cortá-lo, só muito espaçadamente, passa algum raro passarito, que

parece perdido e receoso daquelas altitudes silenciosas e ermas. Raríssimas flores silvestres.

O resto é granito puro, escalvado e nu, que produz um som cavo, quando as patas das montadas se firmam, buscando o equilíbrio, no seu declive escorregadio e perigoso.

Lugar das Caldas de Manteigas (Após um nevão)

Na minha memória perdurará sempre êsse espectáculo imponente das *Penhas-Douradas,* do *Vale-das-Éguas* e da *Barca,* do *Pôço-do-Inferno,* e as barrocas bravias por onde, na primavera, no degêlo das neves do inverno, se despenham em busca dos vales, as torrentes do *Zêzere,* do *Ceira* e do *Mondego.*

Lá em baixo, muito em baixo, rodeando a linda vila de Manteigas, vêem-se os vales toucados com a ramaria escura dos castanheiros e dos pinheiros.

¡Um encanto a Serra da Estrêla!

Quadro histórico

Que representa esta gravura?

Diga o que sabe sôbre Pedro Álvares Cabral.

A vingança da violeta

...Modesta a violeta se escondia
no meio da erva brava
e humilde se ocultava
à viva luz do dia
e ao indiscreto olhar de quem passava.

Inútil precaução:
Amélia a descobriu, cosida ao chão,
p'lo cheiro que exalava.

Baixou-se para mais de perto vê-la,
ou quis talvez colhê-la:
porém, irreflectida e desastrada,
ao afastar a erva perfumada,
picou-se fortemente numa urtiga.

Então a turbulenta rapariga
ficou exasperada
e logo quis vingar-se:
porém, temendo ir outra vez picar-se,
deixou a vil urtiga em boa paz
e à pobre violeta,
com voz irada, diz:
— Foi tua a culpa... — E zaz!...
a planta humilde arranca p'la raiz!

Foi má, irreflectida e incorrecta.

¿E sabes de que modo a violeta
vingou tão feia acção
daquela desastrada, impaciente?
...Foi perfumando a mão
que a maltratara tão injustamente...

E, reflectindo então,
a Amélia arrependeu-se grandemente.

Imita na modéstia a violeta,
ó tímida criança
imita, sobretudo, a flor dilecta
na generosidade e na *vingança*.

Leia em silêncio o que se segue e depois responda, em voz alta, à pregunta que está no fim

O professor, depois de uma lição de botânica, pediu aos seus alunos que, no dia seguinte, cada um levasse uma flor desenhada e colorida.

Todos desenharam bonitas flores, e até o Arnaldo, que era o mais pequeno da classe, desenhou uma papoula bem traçada.

Depois foi buscar uma caixa de lápis de côr, tirou um lápis verde e coloriu todo o desenho.

Quando levou o trabalho ao professor, êste não gostou dêle e tornou a dar-lho, para que o emendasse.

Porque seria?

Forme uma frase em que entre a expressão não o creio.

A CAIXA ESCOLAR

Jorge, o bom aluno, falta à escola

ORGE possuía, além de outras boas qualidades, a de ser muito pontual. O seu professor tinha por êle grande estima, visto ser cumpridor, como poucos, dos seus deveres escolares.

Naquele dia, o Jorge, que nunca faltava, não apareceu na escola.

Isto causou admiração ao professor, que por isso preguntou aos outros seus discípulos se êle estaria doente.

— Não está, sr. professor — disse o Albano. Encontrei-o, quando vinha para a escola, e êle disse-me que tinha de faltar.

— Porquê?

— Porque a mãe ainda ontem não lhe pôde comprar o livro de leitura, e nem sequer tinha dinheiro para o caderno que o sr. professor nos mandou trazer para exercícios de redacção.

— ¿E êle falta à escola por isso?

— Disse-me que já se envergonhava de vir tantas vezes sem o livro e sem o caderno... Que o sr. professor havia de julgar que êle era descuidado.

E disse-me isto quási a chorar. Tive tanta pena dêle que, se pudesse, comprava-lhe o livro e o caderno.

— Gosto de ouvir o Albano. Vejo que tem bom coração e isso agrada-me bastante.

— Não lhe comprou então o livro, porque não tinha dinheiro, não é assim?

— Eu só tinha aqui um tostão...

— Dez centavos.

— Dava-os de boa vontade para ajudar a compra: mas é tão poucochinho...

— Eu também dou os meus cinco centavos, se fôr preciso; é ainda menos, mas dou o que tenho — disse dali o Raúl.

— E eu dou os meus 50 centavos, que eram para comprar um lápis. Mas êste ainda pode servir — disse o Carlos — que era o mais irrequieto, mas dotado de um belo coração.

— Eu não tenho aqui nada, mas peço ao meu pai e êle com certeza não diz que não. Amanhã posso trazer... — gritou o Duarte do seu lugar, com grande entusiasmo e visível satisfação.

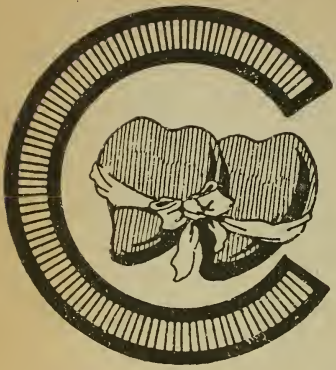
— E eu também.

— E eu... — disseram quási todos os outros ao mesmo tempo.

Apenas o Pedro e o Mário, que já não tinham pai e cujas mães eram muito pobrezinhas, ficaram silenciosos e tristes. O professor reparou nêles e viu que tinham os os olhos brilhantes e úmidos.

— ¿Quem é capaz de dizer-me
se a palavra ramalhuda
é, quanto à sílaba forte,
grave, exdrúxula ou aguda?

BONS CORAÇÕES



HAMANDO-OS de parte, preguntou-lhes: — ¿Estais tristes, porque não podeis contribuir para a compra do livro do Jorge, não é assim?

Ambos baixaram a cabeça, com as lágrimas a bailarem-lhes nos olhos e sem poderem articular palavra. O professor, comovido também, procurou suavizar aquela amargura e disse-lhes assim:

— Vejo que sois bons. Não vos aflijais. Iremos agora combinar a forma de ajudarmos o vosso condiscípulo Jorge. Todos vamos contribuir para isso. E, como ambos tendes desejo de concorrer também, tudo se remediará com satisfação vossa e minha.

Como, sr. professor? — interrogou o Pedro, com grande curiosidade.

— Empresto-vos eu a quantia com que haveis de concorrer para a compra do livro destinado a Jorge, sim?

No rosto das duas crianças manifestou-se uma grande alegria. Mas foi de pouca duração, pois logo a seguir, o Mário, principalmente, entristeceu de súbito. É que se lembrou de que sua mãe, pobre como era, não poderia satisfazer tão cedo ao seu professor a quantia que êle ia emprestar-lhe.

Mas o profesor, adivinhando fàcilmente o motivo daquela tristeza súbita, apressou-se a dizer:

— É claro que esta dívida só será paga com dinheiro ganho pelos meninos.

— Mas nós não ganhamos nada ainda, sr. professor — disse o Mário.

— Não ganham, mas hão-de ganhar, quando forem homens, e então poderão satisfazer a sua dívida para comigo.

— Tanto tempo!

— Não importa. Empresto com essa condição e ainda com outra: não dizerem nada disto aos outros meninos. Querem?

Ambos os pequenos concordaram, e, depois de agradecerem ao professor, entraram de novo na sala, onde os outros alunos falavam com entusiasmo do que esperavam fazer em favor do Jorge, tão bom estudante e tão bom companheiro.

Olhe com atenção para esta gravura:

Diga o que é que representa.

Acha bem?

Satisfação do professor

DIRIGINDO-SE a tôda a classe, o professor disse:

— Estou muito satisfeito com os meninos, por ver a boa vontade que todos mostram em auxiliar um seu companheiro. É muito louvável êsse desejo. Vamos,

pois, contribuir, para dar ao Jorge uma grande alegria; e nós também sentiremos prazer com a alegria dêle.

— O Jorge, se pudesse, também era capaz de fazer por um seu companheiro o mesmo que nós vamos fazer por êle.

— Era, era... — disseram todos ao mesmo tempo.

— Bem: mais uma razão para o ajudarmos. Tragam

amanhã o que puderem, eu farei outro tanto. Amanhã mesmo, o Jorge receberá o livro e o caderno que sua pobre mãe lhe não tem podido comprar.

Não lhe digam nada sôbre a tenção que temos. Depois combinaremos a maneira de lho entregar , de modo que êle se não sinta vexado.

Alegria justificada

No dia seguinte todos os alunos chegaram alegres e sorridentes.

A convite do professor, cada aluno foi escrevendo numa fôlha de papel o seu nome, e, a seguir, a quantia que pôde juntar.

Nem só um deixou de inscrever-se. Até o Pedro e o Mário concorreram para a subscrição, o que não deixou de causar espanto aos seus companheiros, visto saberem que êles eram extremamente pobres.

O professor foi o último a assinar, depois de ter juntado às dos alunos uma importância que êles não perceberam qual fôsse.

Contado o dinheiro, viram todos, com grande satisfação, que não só chegava para pagar o livro e o caderno, mas que ainda sobravam 7$55.

— Eia! — disse o Carlos, traduzindo com esta exclamação o seu contentamento, que era afinal como o de todos.

O professor aproveitou a ocasião para dar a resolver o seguinte problema: Para comprar um livro que custa 3$50 e um caderno do preço de $55 temos 11$60. Que dinheiro sobra?

Todos se lançaram de boa vontade, e como em desafio, à resolução do problema, sendo o Carlos quem primeiro disse em voz alta, muito contente:

— Certinho. Sete escudos e cinqüenta e cinco centavos.

É verdade: a mim também me dá o mesmo — disse um.

— E a mim, disseram outros.

— Bem hajam pela sua boa acção, disse o professor. ¿Não é verdade que sentem uma satisfação íntima por irem praticar o bem?

Todos responderam afirmativamente.

— Agora vamos comprar o livro e o caderno. Eu me encarrego disso, se querem.

— Sim, sr. professor.

Muitos poucos fazem muito

Enquanto o portador não voltava com o desejado livro, o professor disse aos discípulos:

— Aqui tendes um exemplo do que se pode conseguir com a boa vontade e a união de todos.

Um de vós, sòzinho, não podia, sem sacrifício pelo menos, comprar uma coisa que tão apreciada vai ser por aquêle a quem se destina. Com o auxílio de todos já juntámos mais do que o necessário para essa compra se realizar. Infelizmente outros alunos há e outros hão-de aparecer nas condições do Jorge, pois os pobres são muitos. E será uma pena que alguns dêles não tenham meio de adquirir o que lhes faz falta, para poderem continuar a freqüentar a escola.

Se os meninos quisessem...

— O quê, sr. professor?

Podíamos arranjar meio de valer a todos, sem grande sacrifício para nenhum de nós.

— Eu quero — disse logo o bondoso Eugénio. Mas...

— Diga, diga — disse logo o professor.

— Como pode isso ser?

— Muito fàcilmente: cada um dos meninos e eu também comprometemo-nos a pagar com regularidade, todos os meses, uma certa quantia. Se formos muitos a concorrer, no fim de cada mês os nossos poucos hão-de prefazer uma quantia já relativamente importante e no fim de dois meses, de quatro, de dez, teremos já muitos escudos.

Suponhamos, por exemplo, que em cada mês pagávamos ao todo tanto como juntámos hoje, isto é, 16$60. No fim de 10 meses teríamos juntado...

— ...116$00 — disseram alguns alunos ao mesmo tempo.

— É certo. Vêdes que já é uma quantia importante, com a qual se podiam comprar uns poucos de livros, como o de Jorge.

— Tantos livros quantas as vezes que 116$00 contenha 3$50 — disse logo o espertalhão do Carlos, que já havia tempo não falava.

— É certo.

— Mas só no fim de dez meses é que se podia comprar essa porção. ¿E se algum aluno precisasse pelo ano adiante de qualquer coisa? — observou o Américo.

— Comprava-se-lhe, é claro, em qualquer altura: livros. papel, aparos, lápis, enfim, aquilo de que precisasse.

Mãos à obra

— ACHO muito boa idéia — aplaudiu o Alfredo.

— E eu, disseram outros. ¿Mas, porque não fazemos já isso?

Porque é preciso que os meninos sejam autorizados a entrar nesta combinação pelas pessoas a cargo de quem estejam — pais ou tutores.

— Eu tenho a certeza de que meu pai me dá licença.

— O meu também.

— A minha mãe talvez não possa, por ser pobre — disse o Alves com muita pena.

— Não entra senão quem puder pagar. Já se vê que ninguém é culpado de ser pobre, nem isso é vergonha, disse o professor.

É justamente para valer aos alunos pobres que esta Associação se vai fundar.

— ¿Que temos então a fazer, sr. professor?

— Pedir autorização a suas famílias para serem sócios da Caixa Escolar, depois de explicarem os fins a que ela se destina.

Se alguma pessoa de suas famílias tiver qualquer dúvida sôbre isto, digam-lhe que me procure, pois da melhor vontade darei esclarecimentos, independentemente daquilo que espero dizer numa reünião, para a qual hei-de convidar seus pais e outras pessoas que têm meios.

Depois importa que me tragam nota da importância que querem pagar por mês.

— E quem guarda o dinheiro?

— Posso guardá-lo eu, disse o professor. Mas há-de ser administrado por uma comissão de alunos, a qual será escolhida pelos meninos.

— Mas nós não sabemos nada disso, sr. professor.
— Eu lhes indicarei o que têem a fazer.

O livro novo do Jorge

Nesta altura chegou o portador do livro e do caderno destinados ao Jorge, o que foi motivo de grande regozijo na classe. O sr. professor desfez o embrulho para se certificar de que não tinha havido engano.

Combinou-se depois que alguns alunos — os que quisessem e pudessem ir — fôssem a casa do Jorge levar-lhe os objectos comprados e o dinheiro que sobrara da subscrição, mas com a condição de só lhe contarem o que se tinha passado quanto à fundação da Caixa Escolar, ocultando tudo o que se fizera para a subscrição aberta em seu favor.

Assim se fêz.

A comoção de Jorge

Jorge ficou muito admirado, quando viu tantos dos seus condicípulos, com a alegria impressa no rosto, à porta da sua modesta casa, no momento em que êle voltava de fazer um recado a sua mãe.

Foi o Carlos, seu companheiro de carteira, quem lhe deu conta do que estava resolvido quanto à fundação da Caixa Escolar.

— Em seguida, e sem reparar na tristeza de Jorge, apresentou-lhe o livro e o caderno e disse-lhe com grande satisfação:

— Aqui tens, Jorge: são para ti.

— Mas quem me manda isto? preguntou Jorge espantado.

— É a nossa Caixa Escolar.

— É, é, confirmaram alguns.

— Viva a nossa Caixa Escolar!

— Viva, viva!

— Viva o nosso professor!

— Viva o Jorge!

Êste, com lágrimas nos olhos, nem sabia o que havia de dizer. Depois de alguns momentos de comoção, disse finalmente:

— Obrigado meus amigos.

— A nós, não. Obrigado à nossa Caixa Escolar. Mas olha que ela não está aqui, disse o Carlos rindo.

Viva a nossa caixa escolar!

Quanto aos 7$55 é que não foi possível o Jorge aceitá-los.

— Aceito estes objectos, porque preciso dêles, e minha

mãe não pode comprar-mos. Mas êsse dinheiro não me pertence: deve voltar para a Caixa Escolar. Assim já poderá auxiliar outro necessitado como eu.

Todos sentiam grande desejo de o informar do que se

tinha passado, mas todos se calaram, lembrando-se da combinação que tinham feito.

Depois de abraçar sua mãe, a quem mostrou o que aquêles bons condiscípulos lhe tinham trazido e contou o que se passara, comovendo-a muito, saíu com os seus condiscípulos, dirigindo-se todos a casa do bondoso professor.

Êste abraçou o Jorge que chorava de comoção, e não

sabia como havia de exprimir o seu reconhecimento.

— De ora àvante — disse o professor — ficará sob a protecção da nossa Caixa Escolar e não mais faltará à escola por não ter o material de que precisa.

Quanto ao dinheiro que não quere aceitar, far-se-á o que deseja: dará entrada na Caixa.

A sua atitude é digna.

— Viva o sr. professor! — exclamou o Carlos.

— Viva! — responderam os outros, conforme tinha sido combinado.

— Viva o Jorge!

— ¡Viva a Caixa da nossa escola!

O Mário, que tinha certa inclinação para a poesia, tentou, desde que haviam partido de casa do Jorge, compor uns versos de agradecimento, mas só conseguiu fazer uma quadra.

Quando passou aquêle entusiasmo dos «vivas» é que êle, adiantando-se, disse tìmidamente:

¡Viva quem nos tem amor
e nos quere auxiliar!
Viva o nosso professor!
e a nossa *Caixa Escolar!*

¿Porque era o Jorge tão estimado pelo seu professor?
¿E porque eram os seus condiscípulos tão amigos dêle?

O filho, que amargura
Os pais,
Jamais
Conte com ventura.

JOÃO DE DEUS

ERA UMA VEZ....

Era uma vez
um português
que começou a cismar
em tornar
Portugal muito maior.

E pôs-se então a pensar
que lá nos confins do mar,
em paragens
nunca ainda
navegadas,
haveria talvez terras
de tôda a gente ignoradas.

E pensou em descobrir
essas terras afastadas.
Para isso foi morar
numa casa ao pé do mar,
que fitava longamente
num profundo meditar.

Fundou depois uma escola,
ali bem perto do mar,
onde os homens se instruíam
nas artes de navegar.

A pensar em terras novas,
mandou, em procura delas,
guiadas por mareantes,
umas frágeis caravelas.

Foi assim que os portugueses
ousados e destemidos,
se lançaram à procura
de mundos desconhecidos.

O amor da Pátria lhes dava
coragem e valentia:
tinham por bússola a Cruz
e tinham a Fé por guia.

E encontraram finalmente,
depois de lidarem tanto,
uma terra a que chamaram
a *Ilha do Pôrto-Santo.*

E dali, lá muito ao longe,
outra terra lobrigaram;
e navegando até lá
da *Madeira* lhe chamaram.

E o português de que falo
sempre a esperar, a esperar...
sentado sôbre os rochedos
espraiava ao largo o olhar,
esperando os portugueses
que tardavam em voltar...

Mas quando êles regressaram
de suas longas viagens,
dando notícias estranhas
das mais remotas paragens,
aquêle vulto sereno,
cheio de espanto e surprêsa
animou-os,
incitou-os a voltar,
p'ra tentarem nova emprêsa.

E lá foram corajosos,
com idêntico fervor;
dobraram o Cabo Não,
mais o Cabo Bojador.

Além daquele arquipélago
que dos *Açores* chamaram,
na longa costa africana
muitas terras encontraram.

O homem que aos descobrimentos
deu um impulso brilhante
teve um nome glorioso
— foi *D. Henrique, o Infante* —.

Ecos do Alentejo

Voz

Val' do Pê..so é ter..ra bo..a, Val' do Pê...so é ter..ra

Côro

bo..a, Val' do Pê..so é ter..ra bo..a, Val' do Pê..so é ter..ra

Voz

be..la, mui..ta gen..te de Lis..bo..a mor..re de a..mo..res por

Côro

e.....la. Mui..ta gen..te de Lis...bo.....a mor-

re de a..mo..res por e.....la. Lá lá lá lá lá lá

lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá

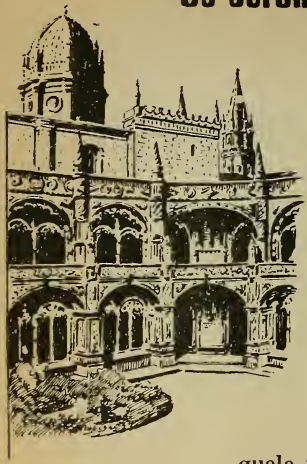
lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá

lá. Se fo....res ao A..len..te..jo, ó...lá! não

fal....tes em Val' do Pê..so, ó..lá! E' ter..ra hos..pi..ta-

lei...ra, gen..te mais fran..ca não há, não há. Val'

Os Jerónimos — A Casa Pia



Êste admirável e majestoso monumento que o rei D. Manuel I mandou erigir em memória do descobrimento marítimo para a Índia, no local onde outrora era a praia do Restêlo, é, a par do mosteiro de Santa-Maria-da-Vitória, na Batalha, o mais belo testemunho das glórias lusas, alcançadas naquele feito imorredouro de Vasco da Gama.

Edificado não muito longe da foz do Tejo, perto dessoutra jóia arquitectónica que é a Tôrre de Belém, o mosteiro dos Jerónimos é bem o símbolo das qualidades viris * de uma raça que, depois de conquistar aos mouros, palmo a palmo, o território da sua nacionalidade, estendeu a sua fama por todo o mundo, em feitos de maravilha e de assombro, tornando conhecido por todo êle o mais belo nome da história da civilização: PORTUGAL.

Aquêles, porém, que visitam hoje os Jerónimos, alguma coisa mais têem que admirar do que a grandiosidade dos seus claustros, a abóbada e as altas colunas da igreja, e o rico mausoléu de Herculano, na Casa do Capítulo. É

a bela instituïção de caridade que Pina Manique fundou no reinado de D. Maria I, e que outros beneméritos foram desenvolvendo e enriquecendo através dos anos: a *Casa Pia.*

Se os inúmeros emblemas entalhados na dura pedra lembram a época gloriosa dos nossos descobrimentos, os órfãos que lá se criam e se educam, preparando-se para a vida e para se tornarem úteis à sociedade e à Pátria, são um símbolo vivo, e sem igual, da caridade de um povo, bem digno de figurar ao lado dessoutros pios estabelecimentos, chamados as Misericórdias, a que tamanho incremento deu a bondade da formosa rainha D. Leonor, mulher do rei D. João II.

Efeito do local ou influência que dia a dia ali se recebe, a Casa Pia tem sido viveiro de muitos varões ilustres que, honrando a Casa que os educou, são valores com que a Pátria tem podido contar, quer servindo-a no campo das letras, das artes e das ciências, quer nos campos de batalha, como ùltimamente na Grande Guerra, quer ainda nos variados ramos do comércio e da indústria por todo o Portugal espalhados.

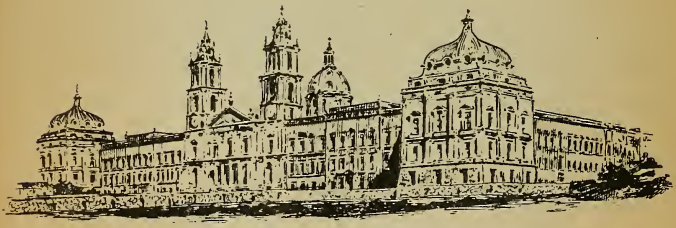
A Casa Pia de Lisboa, nos Jerónimos, é uma instituïção que honra o Portugal dos tempos modernos, como o monumento cinzelado na dura pedra é a imorredoira lembrança dos dignos sucessores do infante D. Henrique, ínclito filho do rei D. João I.

O Convento de Mafra

É Mafra uma povoação antiqüíssima, cuja fundação data do tempo dos romanos. Foi tomada aos mouros por D. Afonso Henriques, em 1147.

D. João V escolheu esta vila para nela levantar a famosa Basílica, conhecida pelo Convento de Mafra.

Começou essa obra gigantesca. em que chegaram a trabalhar 45.000 operários, em 1717, e só com as festas do



lançamento da primeira pedra nos alicerces se gastaram oitenta contos. Durou treze anos a construção.

O convento tem duas tôrres, de 70 metros de altura, tendo a do norte 56 sinos e 54 a do sul. Em ambas as tôrres há 45.000 quilos de metal, pesando o sino das horas 12.000 e o respectivo martelo 300.

Conta-se que, havendo D. João V encomendado apenas o maquinismo de um carrilhão *, ao ser-lhe pedida pelo construtor a quantia de *dois milhões de cruzados,* encomendou logo um segundo, nestes termos: «Visto ser tão barato, quero dois carrilhões, em vez de um».

O convento possui 5.200 portas e janelas.

Desde 1834, data em que foram extintas as ordens religiosas em Portugal, tem-lhe sido dadas diversas aplicações.

Actualmente, a parte do convento outrora destinada aos aposentos do rei, serve de Museu; na antiga sala dos Actos Escolares, funciona o Tribunal de Justiça da comarca; a Casa do Capítulo é aproveitada para sala de esgrima da Escola Prática de Infantaria, e noutras dependências do convento estão alojadas tropas.

—¿Sabe onde fiça a vila de Mafra?

—É muito longe de Lisboa?

—¿Quem mandou construir o convento de Mafra?

—¿Foi muito útil essa construção?

—¿D. João V foi um rei económico ou perdulário?

—Porquê?

—¿Foi muito dispendiosa a construção do convento?

—Porquê?

—¿Sabe de outras construções notáveis do seu tempo?

—¿Qual foi a mais útil de tôdas?

—Porquê?

—¿Donde proveio o dinheiro para pagar tão grandes despesas?

—¿Sabe se havia muitas escolas em Portugal nesse tempo?

—¿A instrução estava muito adiantada?

—¿E as estradas eram muitas e boas?

—¿Que melhor aplicação poderia ter tido o ouro vindo do Brasil?

ANGOLA

ESTA nosa província ultramarina, cujo território é aproximadamente catorze vezes maior que o da metrópole, é muito rica e fica situada na África ocidental.

Já está bastante colonizada, mas não tanto quanto seria para desejar. Produz café, algodão, que brota espontâneamente, cana de açúcar, tabaco e muitos frutos. Cria-se também muito gado, principalmente nos planaltos. Tem indústrias importantes, como a do açúcar, aguardente e outras.

O cobre, o ferro, o petróleo, o carvão, o ouro, e os diamantes constituem uma grande riqueza mineira daquela província.

Se em todos os pontos desta o clima fôsse saüdavel, como o é nos planaltos, fresco e sêco, como no litoral sul, maior seria a corrente migratória * dessa província, tomando a agricultura e as indústrias um acentuado desenvolvimento.

Tem altas montanhas e grandes rios, como o Zaire e o Zambeze, que só em parte são portugueses, o Cuanza, o Cunene e o Cubango, que não são fàcilmente navegáveis, em tôda a sua enorme extensão, por causa das cataratas.

Possui uma costa com cêrca de 1:600 quilómetros, mas

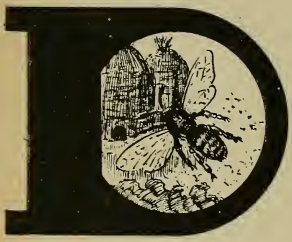
com poucos portos que sejam seguros ancoradouros *, pois em muitos dêles há a *calema*, ondulação especial e arrebatada do mar, que dificulta a ancoragem. Alguns abundam em peixe.

Existem na província largos troços de vias férreas.

Nas suas grandes e densas florestas, onde há ricas madeiras, e nas vastas planícies incultas há muitos animais: elefantes, leões, tigres, búfalos, girafas, zebras, leopardos, hienas, bois pacaças *, antílopes, macacos e muitas aves; nos rios há grande quantidade de hipópotamos e perigosos crocodilos. Todos êstes animais dão motivo a larga e por vezes arriscada caça, e muitos dêles têem ardis curiosos para se defenderem. Por exemplo: há os *mabecos*, cães selvagens, que andam sempre em numerosas matilhas, escapando-se com facilidade ao perigo, mas, quando perseguem o caçador, êste, para se defender, tem de subir às árvores. E por tal forma o bloqueiam, que, se não vier alguém em seu auxílio, é rendido pela fome e pelo cansaço, chegando a ser vítima daqueles pequenos animais selvagens que, para agüentarem o cêrco, se revezam temporàriamente.

De um saboroso pudim
comeu o António um quarto,
e três sextos o Joaquim;
com o resto fiquei farto.
¿Quem dirá agora aqui
quantos quartos eu comi?

AS ABELHAS



E todos os insectos nossos conhecidos, as abelhas são, incontestàvelmente, os mais úteis. Vivem em enxames, constituídos por alguns milhares de *obreiras*, tôdas fêmeas, por um a dois milhares de machos, chamados *zângãos*, e por uma *abelha-mãe*, também impròpriamente chamada abelha-mestra, que é a única a pôr os ovos, de onde nascem novas abelhas.

Estas fornecem-nos o mel e a cêra. O mel vão extraí-lo das flores; a cêra sai-lhes do próprio corpo, estando calculdo que, enquanto produzem um quilo de cêra, consomem dez quilos de mel. É por isso que, modernamente, se estão instalando os enxames em colmeias especiais, onde as abelhas já vão encontrar os favos, fabricados pela mão do homem.

Tem hoje o mel muitas aplicações, utilizando-se em bebidas, em doces variados; da cêra também se faz um largo uso, empregando-a no polimento de móveis e sobrados, no fabrico de velas e fósforos; e até na medicina o seu emprêgo é considerável em emplastros, ungüentos, etc..

Quando atacadas, as abelhas não mordem: defendem-se com a única arma que possuem — o *ferrão*. A ferroada é bastante dolorosa, não tanto pela picada, que

pouco incomodaria, como pelo veneno que sai pela ponta do aguilhão, e que, às vezes, produz sérias inflamações, principalmente quando a ferroada é dada na cara, próximo dos olhos. No entanto, os efeitos da picada são bem menos dolorosos se, depois de tirado o ferrão, esfregarmos a parte picada com vinagre forte, fôlhas de hortelã ou de qualquer outra erva aromática.

Além do mel e da cêra, as abelhas, no seu esvoaçar de flor em flor, ainda prestam um grande serviço, na fecundação de flores, que mais tarde nos darão frutos.

Estimar e proteger, pois, as abelhas, é dever de todos nós.

O meu avôzinho toca
tão bem o seu violino
que eu *também* quero aprender,
apesar de pequenino.

Note a diferença entre tão bem *e* também.

—*¿ Que espécie de animal é a abelha?*

—*É animal vertebrado? Porquê?*

—*¿Sabe de quantas partes se compõe o corpo da abelha?*

—*¿Como se chama o macho da abelha?*

—*¿Que espécie de substantivo é a palavra* enxame*?*

—*¿A palavra* abelha *é substantivo* epiceno?

—*A abelha é útil?*

—*¿Quais são os serviços que presta?*

Nos tempos muito antigos, em que os povos viviam quási sempre em contínuas guerras, todos sentiam a necessidade de transmitir o resultado das batalhas às populações inquietas que lá tinham os maridos e os filhos.

Para isso, colocavam-se vários homens a distância de poderem ser ouvidos uns dos outros, ao longo dos campos, e assim passavam as notícias de uma vitória ou de uma derrota, que não tardavam, por êste processo, em se espalhar por tôda a parte.

Quere dizer, em todos os tempos os homens compreenderam a necessidade de transmitir, com a maior rapidez, as suas notícias.

Em plena Idade Média *, anunciava-se a aproximação do inimigo por meio de fogueiras acesas em altas torres ou no pico das montanhas. Êste telégrafo apenas anunciava o alarme por ocasião das guerras. Logo que do alto dos castelos se via uma fogueira, todos os cidadãos válidos corriam a pegar em armas.

Os árabes serviam-se de pombos correios, de que ainda hoje, por vezes, tem de se fazer uso em ocasião de guerra.

É também vulgar o emprêgo de espelhos combinados, postos em sítios altos, que transmitem a distância, por meio de reflexos do Sol e sinais convencionais, o que se pretende comunicar.

Telégrafo aéreo

Mais modernamente, foi nos fins do século XVIII que os irmãos Chappe, filhos de um astrónomo francês, tendo sido internados, o mais velho num colégio e os outros três num outro, distante daquele 2 quilómetros, para poderem conversar freqüentemente, inventaram o *telégrafo aéreo por meio de sinais*, com três réguas compridas e largas: uma no meio e duas móveis nas extremidades. Com as suas diversas posições, conseguiam assim formar duzentos sinais distintos e conversar perfeitamente, servindo-se de óculos de grande alcance, que lhes deixara o pai. Mas só de dia o podiam fazer.

Foi um telégrafo semelhante que o govêrno francês aproveitou, colocando-o de tôrre em tôrre, desde Paris, quando em 1792 a Europa declarou guerra à França.

Telégrafo eléctrico

Em 1833, um alemão inventou o telégrafo eléctrico, cuja corrente passa através de fios metálicos, mais tarde aperfeiçoado por Morse.

Êste é o mais rápido meio de comunicação.

Se fôsse possível fazer uma prévia combinação com tôdas as estações por onde um telegrama tem de passar, êle poderia dar uma volta ao mundo no curto intervalo de alguns segundos apenas.

Tal é a velocidade prodigiosa de uma corrente eléctrica.

Mais modernamente ainda, e de progresso em pro-

gresso, chegou-se à telegrafia sem fios, devida principalmente a um sábio italiano, Marconi.

Foi devido a essa maravilhosa descoberta que muitos navios se salvaram durante a Grande Guerra, e ainda hoje, por ocasião de temporais no mar, ou quando se declara um incêndio a bordo, é possível socorrer muitos milhares de pessoas, que sem ela, teriam uma morte horrorosa.

Hoje quási todos os grandes barcos são providos de um aparelho de telegrafia sem fios.

O telégrafo, porém, transmite as notícias por meio de sinais convencionais, que sempre são escritos.

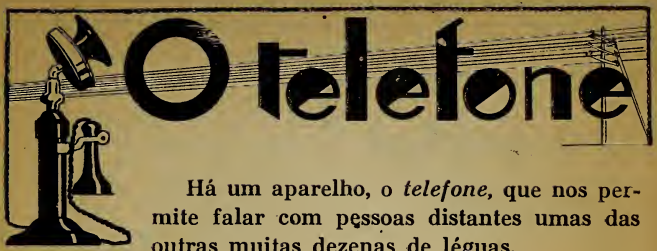
¿Qual a coisa, qual é ela,
quem é, quem é que me diz,
que, sem pernas e sem pés,
sem ter bôca nem nariz,
vai ao longe, muito ao longe,
e mais rápido que os ventos
levar prestes meus recados
e dizer meus pensamentos?

Na sua terra há telégrafo?

¿Como se chama a pessoa que trabalha com êsse aparelho?

O telégrafo é útil?

Dê exemplo de qualquer circunstância em que se mostre a sua grande utilidade.



Há um aparelho, o *telefone*, que nos permite falar com pessoas distantes umas das outras muitas dezenas de léguas.

Mas, superior a quanto aí deixamos dito, há a *telefonia sem fios*, por meio da qual até já é possível a uma pessoa colocada, por exemplo, em Lisboa, ouvir nìtidamente um concêrto, um discurso, qualquer outra coisa, enfim, em Paris, em Madride ou em Londres.

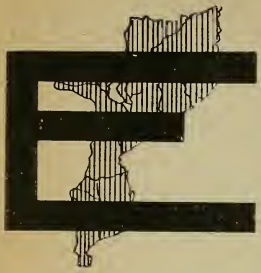
E aqui está como a inteligência do homem, ao serviço de um trabalho porfiado e constante, pode operar maravilhas.

E por êste andar e com as esperanças na *televisão*, que consiste em ver, a grande distância, as pessoas com quem se fala, ¿aonde chegarão os progressos do telefone?

¿Ora com que tu me sais!...
Se é bom o sal da cozinha,
outros sais *são perigosos*
para quem preza a vidinha.

¿Quem me diz já, sem detença,
em sais *qual a diferença?*

MOÇAMBIQUE



ESTA colónia está situada na Costa Oriental da África, e é cêrca de nove vezes maior que Portugal.

É uma província ultramarina bastante rica, mas a falta de capitais dificulta o seu desenvolvimento, e a de braços origina o atraso agrícola, em que relativamente se encontra. E se a nossa frota mercante fôsse maior, mais facilidade haveria no transporte, para a metrópole, de muitos produtos de que necessitamos, mas que chegam a inutilizar-se nos portos, por se conservarem ali muito tempo à espera do embarque.

Os caminhos de ferro também são insuficientes para as suas necessidades.

O comérico é importante, sendo avultada a exportação de algodão, tabaco, anil, cana de açúcar, cereais, minérios, peles, etc..

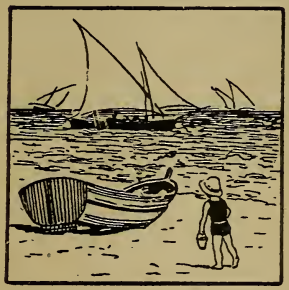
A indústria, principalmente de açúcar, aguardente, óleos e serração de madeiras, já hoje se faz em larga escala.

É uma província abundante em minérios — ouro, hulha, ferro, cobre, petróleo. Tem grandes florestas, nas quais abundam árvores da borracha, sândalos, cedros, ébanos, etc..

Possui bons portos, sendo o de Lourenço-Marques um dos melhores do mundo, pela sua bela situação privile-

giada e grande extensão. Também possui grandes rios em que a navegação se torna mais ou menos difícil, e montanhas de enorme elevação, extensos planaltos e grandes serras.

O clima é insalubre, muito úmido, quente e chuvoso, mas nos planaltos a temperatura é bastante benéfica.



Que representa esta gravura?
¿Que forma têem as velas que se vêem?
¿O menino leva botas ou sapatos?
¿Que espécie de terreno vai êle pisando?
Diga-me se já tomou banhos de mar.

NOITE DE INVERNO

(A uma criança)

QUE escuridão, que tristeza,
que noite, o vento a uivar!...
e sem pão tanta pobreza
e tantos tristes sem lar!

¡Quantos dêsses desgraçados
irão caminhando agora
com os membros regelados,
descalços, estrada fora!

¡Quantos, famintos, sózinhos,
quási nus a tiritar,
irão por êsses caminhos!
talvez — quem sabe? — a chorar!

¡Ai quantos — miséria horrenda —
órfãos de pai e de mãe,
sem um braço que os defenda,
sem amparo de ninguém!

A chuva cai inclemente,
a noite é escura, sem Lua:
¿Quem socorre o indigente,
que passa triste na rua?

Se outra coisa não tiveres
que dar aos desgraçadinhos,
¡que bem farás, se lhes deres
consolações e carinhos!

TIMOR

A ilha de Timor, que é a mais afastada das nossas colónias, faz parte de um arquipélago chamado da Sonda. O solo, vulcânico, é atravessado por uma grande cadeia de montanhas.

Há grandes planaltos e largas planícies na parte setentrional.

O pôrto principal é o de *Dili*, que é a capital.

O clima é tropical. É quente e chuvoso, mas, em alguns pontos, em virtude das altitudes, torna-se sadio e próprio para a colonização, especialmente o da zona central. No litoral norte o clima é úmido e insalubre; na parte sul está sujeito a ventos secos com grandes diferenças de temperatura.

Possui matas espêssas, ricas em sândalo, cânfora, pau-rosa, caneleira, ébano, bambus, palmeiras, etc..

Nas regiões planas e fàcilmente inundáveis cresce o tabaco, o café, a cana-do-açúcar, o algodão, o milho, o arroz, o chá, etc..

A videira chega a dar três e quatro produções no ano, apesar da cultura estar ainda atrasadíssima. O comércio é rudimentar e a indústria poderia ser valiosa, pois o solo é rico em ferro, ouro, carvão e estanho. O petróleo e tanto que chega a brotar espontâneamente.

Se houvesse mais comunicações e se elas se estabelecessem regularmente com a metrópole, talvez Timor pudesse ser uma das nossas mais ricas colónias ultramarinas.

Quadro histórico

¿Sabe o que representa esta gravura?
¿O maior dos poetas portugueses foi muito feliz?

O Gigante Adamastor

Luís de Camões é o nosso primeiro poeta e os *Lusíadas,* que êle escreveu, o mais belo livro dos feitos ilustres dos portugueses.

Entre as admiráveis criações do genial poeta, conta-se a do Cabo Tormentório, como lhe chamou o seu descobridor, Bartolomeu Dias, nome que D. João II substituíu pelo de Cabo da Boa-Esperança, e que, no canto V dos *Lusíadas,* Luís de Camões nos descreve, como se fôsse um enorme gigante que ali fôra transformado nos penhascos temerosos e bravios que o formam.

Ouçamos o que nos diz Camões:

«Porém, já cinco sóis eram passados
que de ali nos partíramos, cortando
os mares nunca doutrem navegados,
pròsperamente os ventos assoprando:
quando uma noite, estando decuidados,
na cortadora proa vigiando,
uma nuvem que os ares escurece,
sôbre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha, e carregada,
que pôs nos corações um grande mêdo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
como se desse em vão nalgum rochedo.
Ó Potestade*, disse, sublimada;
¿que ameaço divino ou que segrêdo,
êste clima e êste mar nos apresenta,
que mor coisa parece que tormenta?

Não acabava, quando uma figura
se nos mostra no ar robusta e válida,
de disforme e grandíssima estatura,
o rosto carregado, a barba esquálida;
os olhos encovados, e a postura
medonha e má, e a côr terrena e pálida,
cheios de terra e crespos os cabelos,
a bôca negra, os dentes amarelos.

Não termina aqui a prodigiosa descrição do poeta.

Mas só nisto que aí se lê ¡que poder de imaginação e de descrição!

Todos os portugueses, dignos dêste nome, deviam ler os *Lusíadas*, imorredoiro padrão da nossa nacionalidade.

Li o *canto* primeiro dos «Lusíadas»
desde o primeiro até, se não me engano,
ali àquêle ponto em que se diz:
«eu *canto* o peito ilustre lusitano»

¿Que espécie de palavra é { *canto* no 1.º verso? / *canto*, no 4.º verso? }

Quadro histórico

¿Sabe o que representa esta gravura?

Padre António Vieira

Nasceu êste admirável cultor da nossa língua em Lisboa, tendo vivido no século XVII e vindo a morrer com cêrca de 90 anos.

Cedo começou a revelar-se a sua extraordinária inteligência, nunca diminuída, apesar dos inúmeros trabalhos e canseiras por que passou.

E os escritos que nos legou, reünidos principalmente nos seus *Sermões* e *Cartas*, são fonte inesgotável para os estudiosos que se interessam pela cultura da língua portuguesa.

O ESTATUÁRIO

Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tôsca, bruta, dura, informe; e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, — primeiro, membro a membro, e depois feição por feição, até à mais miúda: ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a bôca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos; aqui desprega, ali arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito, e talvez um santo que se pode pôr no altar.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Padre Manuel Bernardes

Pertence aos séculos XVII e XVIII êste notável escritor, natural de Lisboa, que podemos colocar a par de Vieira, a quem excedeu mesmo, *pela harmonia do seu estilo e pela suavidade da dição,* na opinião de um ilustre escritor.

Nos seus escritos não se encontram os arrebiques por vezes forçados, tão comuns em Vieira, nem se nota a preocupação de quem tem os olhos postos nos que o ouvem ou lêem. A sua linguagem é natural e simples, clara e pura, e tem tanta harmonia e tanta suavidade que dá gôsto lê-la, proveito estudá-la.

As suas melhores obras são *LUZ e CALOR* e *NOVA FLORESTA.*

Quem quere vai, quem não quere manda

Mui judicioso é o apólogo, que se conta das cotovias, que tinham seus ninhos entre as searas. Dissera o dono do campo a seus criados que tratassem de meter a fouce, se vissem estar os pães já sazonados; e ouvindo êste recado uma delas, foi pelos ares avisar as outras, que mudas-

sem de sítio, porque vinham logo os segadores *; porém, outra mais velha as aquietou do susto, dizendo: deixemo-nos estar, que, de mandar êle os criados, a fazer-se a obra, vai ainda muito tempo. Dali a alguns dias, ouviram que o amo se agastava com os criados, porque não tinham feito o que lhes recomendara, e que mandava selar a égua para êle mesmo ir ver o que convinha.

Agora sim (disse então aquela cotovia astuta), agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda.

PADRE MANUEL BERNARDES

¿Sabe o que é uma seara?
Já viu uma cotovia?
¿Que espécie de animal é êsse?
¿Quais são os principais caracteres das aves?
A cotovia é um pássaro?
Diga o nome de outros.
Tôdas as aves são pássaros?
As cotovias antigamente falavam?
¿Porque é que se apresenta uma cotovia a falar, no trecho que se leu?
¿Pensava acertadamente aquela cotovia?
Conte resumidamente o que se leu sôbre as cotovias.
Diga o presente do indicativo do verbo selar.
¿Sabe que diferença há entre sela *e* cela*?*

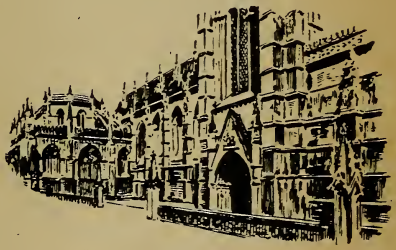
Quem suou na luta, descansará na abundância.

MANUEL BERNARDES

O MOSTEIRO DA BATATHA

FOI EM 1387 que se iniciou a construção do mosteiro de Santa-Maria-da-Vitória, conjunto admirável de arquitectura, evocador de um feito de armas dos mais brilhantes da nossa história.

Foi mandado erigir por D. João I, não muito longe do campo em que se travara a batalha de Aljubarrota, para cumprir o voto que fizera, se saísse vencedor daquela memorável peleja, em que se praticaram actos de grande valor, conseguindo a pequena hoste portuguesa pôr em debandada o grande exército inimigo.



É um formoso monumento digno de aprêço. As *Capelas Imperfeitas,* assim chamadas porque não foram concluídas, são ricas de ornamentações, tendo lavores que nos encantam.

Para o monumento, cujo plano fundamental, pode dizer-se, pertence ao grande artista português Mestre Afonso Domingues, foi aproveitada a pedra da região que, sob a acção do tempo, adquiriu uma côr típica, que se harmoniza bem com a vistosa diversidade de côres dos lindíssimos vitrais antigos.

A *Casa do Capítulo* é vasta, sóbria de decorações, mas imponente. É ali que repousa o *Soldado Desconhecido.*

Alexandre Herculano

Foi um dos maiores escritores portugueses do século passado e até um dos maiores de todos os tempos, o que é uma glória para Portugal. Grande como poeta, notável como romancista, êle foi, sobretudo, gigante como historiador.

Amou muito a nossa Pátria, que serviu com as armas, e ainda mais com a pena. Pelo seu amor à liberdade, teve de sofrer o exílio. Voltando à Pátria e depostas as armas com a vitória dos liberais, consagrou-se à tarefa, de escritor, tão agradável ao seu espírito.

Escreveu entre outras obras: *A Harpa do Crente*, a *Voz do Profecta, Lendas e Narrativas, Eurico, o presbítero*, o *Monge de Cister* e a *História de Portugal* — trabalho notabilíssimo, apesar de incompleto, pois não vai além da época de D. Afonso III.

É verdadeiramente notável tôda a sua obra: mas merece referência especial o *Eurico*, espécie de poema em prosa, que os meninos muito hão-de apreciar, quando puderem compreendê-lo.

Alexandre Herculano, além de grande escritor, foi também um grande carácter, porque foi um completo exemplar de homem honesto, merecendo por isso o maior respeito dos homens de bem.

Nasceu em Lisboa, na Rua de S. Bento, e faleceu na

quinta de Vale de Lôbos, perto de Santarém, sendo depois trasladado para um rico mausoléu *, erigido no grandioso mosteiro dos Jerónimos, em Belém.

Honremos a memória do grande português, com aquêle respeito que devem inspirar-nos os verdadeiros patriotas e exemplares homens de bem.

O alcaide do castelo de Faria

Um trôço de besteiros e de homnes de armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves.

O Adiantado de Galiza seguia atrás com o grosso da hoste *, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodrigues de Viedma, estendia-se, rodeando os muros pelo outro lado. O exército vitorioso ia tomar posse do castelo de Faria, que lhe prometera dar nas mãos o seu cativo alcaide.

Quando o trôço dos homens de armas que levavam prêso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distância da barbacã *, os besteiros que coroavam as ameias encurvavam as bestas e os homens dos engenhos preparavam-se para arrojar sôbre os contrários os seus quadrelos e virotões, enquanto o clamor e o chôro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saíu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã; tôdas as bestas se inclinaram para o chão, e o ranger das máquinas converteu-se num silêncio profundo.

«Moço alcaide, moço alcaide — bradou o arauto — teu pai, cativo do mui nobre Pedro Rodrigues Sarmento,

Adiantado da Galiza pelo muito excelente e temido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo, de fora do teu castelo».

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbacã, disse ao arauto: — A Virgem proteja meu pai, dizei-lhe que eu o espero.

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e, depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbacã.

Chegados ao pé dela, o velho guerreiro saiu de entre os seus guardadores e falou com o filho:

«¿Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é êsse castelo, que, segundo o regimento de guerra, entreguei à tua guarda, quando vim em socorro e ajuda do esforçado conde de Seia?»

«É — respondeu Gonçalo Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por êle fizeste preito e menagem».

«¿Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas dêle?»:

«Sei, ó meu pai! — prosseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?».

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então: — «Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castelo de Faria. Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas, o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castelo, sem tropeçarem no teu cadáver».

«Morra! — gritou o almocadém castelhano — morra o que nos atraiçoou». — E Nuno Gonçalves caíu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

«Defende-te, alcaide!» foram as últimas palavras que êle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacã, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o próprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos acometeram o castelo; no primeiro dia de combate o terreiro da barbacã ficou alastrado de cadáveres tisnados e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodrigues Sarmento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cêrca; o vento suão soprava nesse dia com violência, e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castelo, pereceram juntamente com as suas frágeis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pai: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o último grito do bom Nuno Gonçalves: — «Defende-te, alcaide!».

O orgulhoso Sarmento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castelo de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exército castelhano foi constrangido a levantar o cêrco.

ALEXANDRE HERCULANO
Lendas e Narrativas

Mandar não é escravizar: é dirigir. Quanto mais fácil fôr a obediência, mais suave é o mando.

CASTILHO

ALMEIDA GARRETT

Foi um dos maiores escritores portugueses do século XIX.

As suas obras, quer em prosa quer em verso, têm um cunho patriótico, que bem revela o amor que Almeida Garrett consagrava à Pátria, pela qual combateu e sofreu o exílio.

Foi êle quem reformou o teatro português, para o qual escreveu, entre outras coisas, o *Frei Luís de Sousa* e *O Alfageme de Santarém*.

Além de obras para o teatro, escreveu Almeida Garrett o *Camões*, poema em verso, *Viagens na minha terra*, o *Arco de Sant'Ana*, *D. Branca*, *O Romanceiro* e outros, que o colocam a par dos nossos melhores escritores.

LINDA-A-PASTORA

Já me eram familiares de anos aquêles sítios; mas posso dizer que os não conheci bem, e como êles são deveras, senão quando, haverá hoje três anos, ali fui um dia

primeiro de Maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas, chegando à ribeira do Jamor, parei extasiado no meio da sua ponte, porque a várzea que daí se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma beleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor até os altos onde velejam centenares de moinhos. Árvores grandes e belas, rodeavam melancòlicamente, no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodízio.

E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia da Suíça com suas casinhas brancas, suas ruas em socalcos, seu presbitério ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreiras, jardinzitos, e uma graça, uma simplicidade, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difícil de encontrar tão perto de uma capital.

O lugarejo é bem conhecido de nome e fama; chama-se Linda-a-Pastora...

Namorei-me do sítio por modo que ali passei o verão todo; e dali fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças que tôdas são bonitas.

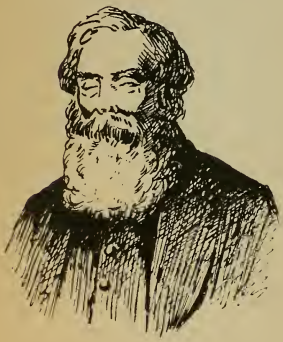
ALMEIDA GARRETT
(Do Romanceiro)

Quem foi Almeida Garrett?
¿Devemos admirá-lo só por ser escritor?
¿Sabe o nome de alguma obra sua?

António Feliciano de Castilho

Nasceu em Lisboa êste ilustre escritor — um dos mais notáveis do século XIX.

Uma grave doença que adquiriu, quando ainda era criança, e «encetava apenas a carreira dos estudos», fêz-lhe perder a vista: mas não lhe diminuíu o amor pelas letras.



Apesar de cego, continuou os estudos, guiado por um seu irmão, e grande amigo, que foi, por assim dizer, a luz dos seus olhos, apagados para sempre. Assim conseguiu matricular-se na Universidade de Coimbra, onde se formou.

A sua vida foi um exemplo vivo do muito que pode conseguir-se com tenacidade, persistência e boa vontade.

Estudando muito, Castilho chegou a conhecer profundamente a nossa língua, vindo a ser um grande poeta e um notável prosador. Conhecia também as línguas francesa, castelhana e italiana, um pouco a inglesa e muito a latina. Além de muitas e variadas obras em prosa e verso, publicou um método de leitura muito engenhoso e muito diferente dos que anteriormente se empregavam.

Castilho foi um grande amigo da instrução, e as crianças devem ser gratas à sua memória.

A rosa

É a rosa a rainha das flores; distingue-se pela forma graciosa, pela distribuïção e abundância das fôlhas, pela ordem e harmonia do seu todo: o aroma e as côres lhe dão realce: mas ah! ¡quanto é transitória e frágil entre as suas companheiras!; cedo perde os atractivos que a glorificam! De tão linda obra da criação, em breve só ficará uma pequenina haste árida e talvez morta; duraram um instante a sua vida e gentileza; as fôlhas desfalecem , as côres amortecem; e a flor, que ainda há pouco era comparada à virgem graciosa, no viço da mocidade, jaz convertida, como à donzela acontecerá um dia, em espectro do que foi, em esqueleto disforme.

Louçã e fogosa juventude, considerai nas flores a imagem do destino que vos aguarda; pareceis-vos com elas na formosura, com elas vos parecereis na brevidade da duração. Pensai, mancebos, na sorte que vos ameaça, não vos jacteis de dotes corpóreos. E vós, sexo delicado, que as sedutoras graças adornam, a quem os regozijos e passatempos circundam, e que com a vossa risonha presença os sítios mais melancólicos amenizais, não confieis em transitórios atractivos, que pelo mais leve imprevisto acaso se perdem; não vos ensoberbeçais com a frescura da juvenil idade. ¡Vêde quanto duram as lindas rosas! ¡Como se dissipou a fragrância tão grata que exalavam!

ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO
(Noções rudimentares)

Tomás Ribeiro

Foi um dos mais primorosos escritores do século passado, para quem nem a prosa nem o verso tinham segredos, versando com proficiência os assuntos mais desencontrados, como a história, o jornalismo e outros.

Foi, porém, como poeta que mais se popularizou, sendo muito apreciados os seus livros *Delfina do Mal, Sons que passam, Vésperas, Mensageiro de Fêz,* e mais que todos, o *D. Jaime,* onde êle fêz vibrar o seu grande patriotismo.

Muitos dos seus versos foram e são ainda hoje decorados e recitados com justa razão.

Bênçãos

Bem hajas, ó luz do Sol,
dos órfãos gasalho e manto,
imenso, eterno farol
dêste mar largo de pranto.

¡Bem hajas, água da fonte,
que não desprezas ninguém:
¡bem haja a urze do monte,
que é lenha de quem não tem.

¡Bem hajam rios e relvas,
paraíso dos pastores!
¡bem hajam aves das selvas,
música dos lavradores!

¡Bem haja o cheiro da flor
que alegra o lidar campestre;
e o regalo do pastor,
a negra amora silvestre!

¡Bem haja o repouso à sesta
do lavrador e da enxada:
e a madre-silva modesta
que espreita à beira da estrada!

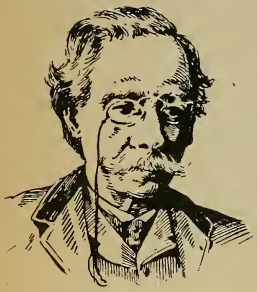
¡Triste de quem der um ai
sem achar eco em ninguém!
¡felizes os que têm pai,
mimosos os que têm mãe!

TOMÁS RIBEIRO
(D. Jaime)

Quem foi Tomás Ribeiro?
¿O menino gostou de ler as Bênçãos*?*
Sabe dizer porquê?
¿Como se chama esta composição?
¿Que nome damos a cada grupo de quatro linhas, nos versos que estão nesta página?
Recite uma quadra que saiba.

Camílo Castelo Branco

De todos os escritores portugueses, nenhum foi mais fecundo que êste, pois o número das suas obras é superior a 200.



Além de poeta, historiador, dramaturgo, etc., êle foi principalmente romancista.

Conhecendo profundamente a nossa riquíssima língua, escreveu páginas admiráveis, que os meninos mais tarde saberão apreciar devidamente, quando puderem compreendê-las. Ninguém, como Camilo, soube descrever em poucas palavras a dor ou a alegria, os factos que arrancam lágrimas ou aquêles que provocam risos.

HONRADEZ

O espingardeiro de Guimarães tinha apenas o seu ofício e a nota de rapaz honrado e trabalhador.

A figura não explicava o sucesso: era comum, sem distinção que o estremasse do vulgo. Nenhuma das raparigas invejava a sorte da Rosa.

Sabida a história do casamento, contou o pai da noiva o seguinte: Havia na sua casa um bacamarte * sem fechos, muito velho, o qual tinha sido do seu bisavô, almocreve de Basto; mas já em tempo de seu pai andava lá pelos forros da casa, enferrujado e sem fecharia. João Carneiro

resolveu um dia mandar pôr armação no bacamarte de bôca de sino, e para isso o levou ao espingardeiro de Guimarães.

Francisco Roixo arrumou o cano ferruginoso, aprazando o dia em que o entregava. Tratou de o brunir* e conheceu que estava encravado e entupido à altura de cinco dedos. Desencravou-o a muito custo, e extraíu-lhe do bôjo de grande calibre cinqüenta meias peças, que, naquele ano de 1838, valiam pròximamente duzentos mil réis. Continuou a tarefa da limpeza, ajustou-lhe caixa nova, assentou-lhe a fecharia e esperou o freguês.

João Carneiro, contente da perfeição da obra, puxou da saquita de linho para pagar; e, no acto de abri-la, Francisco tirou de uma gavêta as cinqüenta meias peças, e disse, lançando-lhas na bôlsa:

—Êste dinheiro é de vocemecê.

—Meu?

—Sim, senhor. Estava dentro do bacamarte. O que vocemecê me deve é três pintos*.

—Que me diz?—volveu o lavrador, alternando os olhos espantados entre o oiro e o artista. Êste dinheiro estava dentro?

—Estava, sim senhor—respondeu Francisco, lustrando umas braçadeiras.

—¿Pois ainda há neste mundo homens honrados da sua laia, senhor Francisco?—exclamou João Carneiro.

—Eu quero só o que é meu—disse sêcamente o espingardeiro.

—Não—tornou o outro—vocemecê há-de ficar daqui com algum dinheiro.

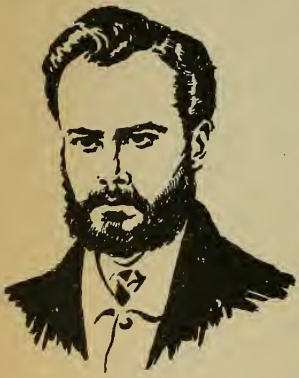
—Três pintos é o que me deve.

CAMILO CASTELO BRANCO

(Mistérios de Fafe)

Júlio Dinis

É êste o pseudónimo por que é mais conhecido o grande romancista que se chamou Joaquim Guilherme Gomes Coelho, que, no dizer de Herculano, foi o primeiro romancista do seu tempo.



Dotado de um grande poder de observação e de uma sensibilidade de coração, rara num médico como êle era, os seus romances, de uma grande simplicidade de enrêdo, despertam a atenção e o interêsse de tôda a gente, porque soube imprimir nêles, a par de uma linguagem primorosa, o cunho * chão * e ingénuo dos sentimentos populares do norte do noso país, cujas païsagens êle descreve também admiràvelmente.

São bem conhecidos os seus livros: *Pupilas do Sr. Reitor, Fidalgos da Casa Mourisca, Morgadinha dos Canaviais, Uma família inglesa* e *Serões na Província,* além de um volume de versos.

A chegada do correio

Chegou enfim o homem das cartas, e a custo conseguiu romper até ao mostrador, onde pousou a mala. O «director», depois de tossir, de assoar-se, suspirar e de

limpar os óculos com umas delongas, que formavam com a ansiedade do povo um contraste desesperador, abriu fleumàticamente o saco, extraíu um não muito volumoso maço de cartas, que despejou num cêsto de vime, e tomou apontamentos.

Era digno do pincel de um artista aquêle grupo de fisionomias, que seguiam ávidas todos os movimentos de mestre Bento. Olhos e bôcas abertas, mãos juntas, pescoços estendidos, a cabeça inclinada para receber o menor som, tudo caracterizava profundamente a ansiedade que lhes dominava os ânimos.

Mestre Bento Pertunhas, em vista disto, começou em voz lenta e fanhosa a leitura dos sobescritos.

Seguiu-se novo e não menos interessante espectáculo.

A cada nome proferido, erguia-se quási sempre uma voz, às vezes um grito; estendia-se por cima das cabeças um braço, e, podemos acrescentar, ainda que se não visse. alvorotava-se um coração. Outros, os não nomeados ainda, olhavam com ansiedade para o maço, que diminuía, e cada vez mais se lhes assombrava o semblante.

— Luísa Escolástica, do lugar dos Cojos — lia o mestre Pertunhas.

— Sou eu, senhor, sou eu; ai o meu rico homem. Exclamou uma mulher jovem, apoderando-se ávidamente da carta.

— Joana Pedrosa, do Serzedo — continuava êle.

— Aqui estou; será do meu António, senhor? — disse uma velha pobremente vestida.

— Será do seu António, será — respondeu o insensível funcionário; — o que lhe posso dizer é que traz obreia preta.

A mulher, que já tremia ao receber a carta, deixou-a cair, ouvindo aquelas sinistras palavras. Apanharam-lha:

e ela, tomando-a, saíu da loja, a chorar lastimosamente.

— Se foi o filho que lhe morreu, não sei o que há-de ser dela — disse um dos circunstantes.

— Coisas do mundo! — respondeu outro.

Estes comentários foram interrompidos pela continuação da leitura.

— João Carrasqueiro.

— A mesada, hein? — disse Bento Pertunhas, fitando-o por cima dos óculos. — O rapaz não se esquece.

— Deus Nosso Senhor o ajude, que bem bom filho tem saído.

JÚLIO DINIS
(A Morgadinha dos Canaviais)

¿Gostou do trecho que acabou de ler?

Sabe dizer porquê?

¿Acha natural aquela ansiedade dos que esperavam correspondência?

¿Porque iam êles entristecendo, à medida que o maço de cartas diminuía?

¿Aquêles que receberam cartas ficaram satisfeitos ou tristes?

Porquê?

Na sua terra há correio?

— ¿Que nome se dá ao homem que entrega as cartas em nossa casa?

¿Para que é que se põem estampilhas nas cartas?

¿Para quem é o dinheiro das estampilhas?

Acha que o correio é útil?

Respeita a velhice: ela é a depositária da experiência.

CASTILHO

João de Deus

Nenhum poeta português teve, como êste, o singular condão * de exprimir em versos simples e claros as idéias mais puras e mais formosas.

Dotado de uma grande ternura, as suas poesias reflectem muitas vezes a bondade do seu coração.

João de Deus foi um poeta espontaneo * e popular, como êle próprio se classificou, com verdade, quando disse:

Estas honras e êste culto
bem se podiam prestar
a homens de grande vulto:
mas a mim, poeta inculto,
espontâneo, popular...
é deveras singular.

Isto escreveu êle por ocasião da manifestação grandiosa que em Lisboa a mocidade escolar lhe prestou, em Março de 1895, quando completava 65 anos.

João de Deus compôs versos de uma adorável simplicidade. As suas numerosas poesias foram publicadas em volume com o título de *Campo de Flores*.

Mas não foi sòmente poeta: imaginou um método de ensinar a ler, mais fácil e mais racional que os anteriores, e publicou-o com o nome de *Cartilha Maternal*, facilitando assim a aprendizagem da leitura.

As crianças não devem esquecer o nome do autor da *Cartilha Maternal* e grande poeta que, com tanto carinho, para elas trabalhou: — JOÃO DE DEUS.

Dia de anos

¡Com que então caíu na asneira
de fazer na quinta-feira
vinte e seis anos! Que tolo!
Ainda se os desfizesse...
mas fazê-los não parece
de quem tem muito miolo.

Não sei quem foi que me disse
que fêz a mesma tolice
aqui o ano passado...
no que vem, agora, aposto,
como lhe tomou o gôsto,
que faz o mesmo? Coitado!

Não faça tal: ¿porque os anos
que nos trazem? Desenganos
que fazem a gente velho:
faça outra coisa; que em suma
não fazer coisa nenhuma,
também lhe não aconselho.

Mas anos não caia nessa.
¡Olhe que a gente começa
às vezes por brincadeira,
mas depois, se se habitua,
já não tem vontade sua,
e fá-los, queira ou não queira!

JOÃO DE DEUS
(Campo de Flores

Quem era João de Deus?

Êste poeta escreveu o Dia de anos, *que acabou de se ler: e Júlio Dinis escreveu a* Chegada do correio, *também já lida: diga o menino que diferenca nota entre aquelas duas composições* — Dia de anos *e* Chegada do correio.

¿Que nome se dá ao homem que compõe versos bem feitos?

¿E ao que escreve em prosa?

¿E a uma senhora que seja autora de versos bem feitos?

Sabe alguns versos, de cor?

Quere recitá-los?

¿Onde está a graça da poesia de João de Deus chamada Dia de anos?

¿ João de Deus escreveu sòmente versos?

¿Que benefício lhe devem as crianças?

Quem teve a grande desgraça
De não aprender a ler
Sabe só o que se passa
No lugar onde estiver.

JOÃO DE DEUS

Trindade Coelho

Foi um dos mais brilhantes escritores portugueses dos últimos tempos.

Nasceu em 1861, na vila de Mogadouro, província de Trás-os-Montes. Havendo estudado na Universidade de Coimbra, aí se formou em direito, tendo escrito um livro que é um feixe de recordações e de saüdades daquela cidade.

Interessando-se muito pela cultura do povo e desejando que todos soubessem ler, mandou imprimir à sua custa alguns livros de educação e ensino, destinados à realização dêsse belo ideal, distribuindo gratuitamente grande número dêles.

Os resultados não corresponderam, é certo, aos seus bons desejos; mas nem por isso êle tem menos direito à nossa veneração *, antes é digna de maior respeito a sua memória, pelo empenho que manifestou pela educação do povo português.

Entre as obras que deixou, sobressai aquela que se intitula «*Os meus amores*», pequena série de contos, em que aparecem descritos, com muita verdade e naturalidade, païsagens, costumes e indivíduos bem portugueses.

Trindade Coelho contava os factos com uma graça muito natural.

Para a escola

No velho casarão do convento é que era a aula. Aula de primeiras letras. A porta lá estava, amarela, com fortes pinceladas vermelhas, ao cimo da grande escadaria de pedra, tão suave que era um regalo subi-la. Obra de frades *, os senhores calculam... Já tinha principiado a aula, quando a Helena entrou comigo pela mão. Fêz-se um silêncio nas bancadas, onde os rapazes mastigavam as suas lições e a sua tabuada, num ritmo cadenciado e monótono, cantarolando. E ouviu-se então a voz de Helena dizer para o senhor professor...

— Muito bons-dias. Lá em casa mandam dizer que está aqui a encomendinha.

Oh! Oh! a encomendinha era eu, que ia pela primeira vez à escola. Ali estava a encomendinha!

— Está bem, que fica entregue. ¿E lá em casa como vão?

Enquanto o velho professor me tomava sôbre os joelhos, a Helena enfiava-me no braço o cordão da saquinha vermelha, com borlas, onde ia metido nem eu sabia o quê. Meu pai é que lá sabia... E ali estava eu entre os joelhos do senhor professor, com o boné numa das mãos e a saquinha vermelha na outra, muito comprometido. A Helena, que sorria contrafeita, baixou-se para me dar um beijo e disse-me adeus.

— Adeus, Josézinho, logo venho cá pelo menino. Choraminguei, quis sair na companhia dela.

— Não, agora o menino fica — disse-me a Helena. Isto aqui é a escola, é onde se aprende a ler.

— E, agachando-se diante de mim, disse: — Olhe tanto menino, não vê?

— Mas fica tu também — disse-lhe eu então.

Nas bancadas houve hilaridade geral. O mestre teve de intervir...

Foi então que reparei em tôda aquela rapaziada. Ah! êles eram meus conhecidos. Vivam lá vocês. E estavam alegres, pelos modos. Reanimei-me. Então já eu podia ficar, estavam ali os meus amigalhotes, cheguei mesmo a rir das caretas que me faziam alguns, o Estêvão, principalmente.

— Isto é preciso muita paciência, senhora Helena, muita soma de paciência. Um mestre precisa de ser um santo... Mas está bem, diga lá que a encomendinha cá ficou. Em boa hora entrasse...

TRINDADE COELHO
(Os meus amores)

¿Porque motivo queria o Josèzinho sair com a criada?

¿E porque desejava êle que a criada ficasse também na escola?

¿Porque foi que os rapazes se riram muito?

¿Lembra-se o menino de ir à escola pela primeira vez?

¿Choramingou, como o Josèzinho, ou gostou de ir?

EÇA DE QUEIROZ

Viveu na segunda metade do século XIX êste artista admirável da palavra escrita. Eça de Queiroz cultivou principalmente o romance *, e, neste género, consegue cativar o leitor, já com os entrechos que tece tão finamente, já com o estilo inconfundível, com que os veste.

Dos romances, o melhor é sem dúvida *A Cidade e as Serras*, de sabor tão português, apesar de parte do seu entrecho se passar em Paris.

Regresso a Portugal

O primeiro jantar em Tormes

...«Jacinto ocupou a sede ancestral * — e, durante momentos (de esgazeada ansiedade para o caseiro excelente) esfregou enèrgicamente com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca * colher de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e rescendia. Provou — e levantou para mim, seu camarada de misérias, uns olhos

que brilharam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto: — «Está bom...»

Estava precioso: tinha fígado e tinha moela: o seu perfume enternecia: três vezes fervorosamente ataquei aquêle caldo.

— Também lá volto! — exclamava Jacinto, com uma convicção imensa. — É que estou com uma fome... Santo Deus! Há anos que não sinto esta fome.

E já espreitava a porta, esperando a portadora dos pitéus *, que, enfim, surgiu, e pousou sôbre a mesa uma travessa a transbordar de arroz com favas. Que desconsôlo!

Jacinto, em Paris, sempre abominara favas... Tentou todavia uma garfada tímida — e de novo aquêles seus olhos que o pessimismo enevoara, luziram, procurando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade * que se regala. Depois um brado:

— Óptimo... Ah, destas favas, sim! Oh! que favas! Que delícia!

— Dêste arroz com fava nem em Paris, Melchior amigo.

O homem óptimo sorria, inteiramente desanuviado.

— ¡Pois é cá a comidinha dos moços da quinta! E cada pratada, que até se riam... Mas agora, aqui, o Sr. D. Jacinto também vai engordar e enrijar!

E o meu Príncipe, na verdade, parecia saciar uma velhíssima fome e uma longa saüdade da abundância, rompendo assim, a cada travessa, louvores mais copiosos. Diante do louro frango assado no espêto, e da salada que êle apetecera na horta, agora temperada com um azeite da serra, terminou por bradar: — É divino!»

EÇA DE QUEIROZ — *(A cidade e as serras)*

AUGUSTO GIL

Foi um mimoso poeta que a morte arrebatou cedo, e cujas poesias, de um lirismo * admirável, se decoram sem esfôrço, porque falam à alma e ao coração, numa linguagem simples, enternecedora e correntia.

Como João de Deus, é dos poetas mais populares do nosso tempo; e, se, as suas quadras andam nas cantigas do povo, é porque, falando-lhe ao coração, o povo as compreende e as sente.

A Neve

Batem leve, levemente,
como quem chama por mim...
Será chuva? Será gente?
Gente não é certamente
e a chuva não bate assim...

É talvez a ventania;
mas há pouco, há poucochinho,
nem uma agulha bulia
na quieta melancolia
dos pinheiros do caminho...

¿Quem bate assim levemente,
com tão estranha leveza,
que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva, nem é gente,
nem é vento, com certeza.

Fui ver. A neve caía
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria...
Há quanto tempo a não via!
E que saüdade, Deus meu!

Olho-a através da vidraça.
Pôs tudo da côr do linho.
Passa gente e, quando passa.
os passos imprime e traça.
na brancura do caminho...

Fico olhando êsses sinais
da pobre gente que avança,
e noto, por entre os mais,
os traços miniaturais
de uns pèzitos de criança...

E descalcinhos, doridos...
a neve deixa inda vê-los,
primeiro bem definidos,
—depois em sulcos compridos,
porque não podia erguê-los!...

Que quem já é pecador
sofra tormentos... enfim!
Mas as crianças, Senhor,
porque lhes dais tanta dor?!...
Porque padecem assim?!

E uma infinita tristeza,
uma funda turbação
entra em mim, fica em mim prêsa.
Cai neve na natureza...
—e cai no meu coração.

POR mais pequena que seja a terra onde nascemos, atrai-nos sempre para ela um não sei quê, que anda dentro de todos nós e que nos faz ver as suas casas, as suas ruas, as suas árvores, enfim, todos os seus pequeninos nadas, como grandes mundos de interêsse, que os nossos olhos não divisam por outras terras estranhas.

Quem alguma vez deixou a sua pequenina terra natal, pode lá esquecer de todo, mesmo em pleno bulício * das grandes cidades, a encantadora paz da sua aldeia florida e linda nas primaveras amenas, com o chilrear inconfundível dos pássaros, música sempre festiva, dessa grande orquestra da Natureza.

A casinha onde nascemos, por mais modesta que seja, vale sempre para a nossa saüdade um grande palácio encantado. O campanário da igreja onde nos baptisaram, tem para nós, pelos anos adiante, uma poesia a repicar na mais segura de tôdas as memórias, que é a do coração. Não nos é possvel esquecer as árvores que, quando ainda éramos pequeninos, nos estenderam seus

ramos e suas sombras em acariciadores abraços, como que animando-nos em nossos brinquedos. Olhamo-las como a boas amigas de infância, que connosco cresceram para a vida utilitária, de todos os dias. A casa da Escola gravou em nós uma recordação sempre viva pela existência fora — recordação que todos amamos, que se não apaga, antes se aviva tanto mais quanto mais avançamos em anos.

As crianças de hoje serão homens e mulheres amanhã. Hão-de, durante a sua vida, ter alegrias, hão-de rir ou sofrer, desde a mocidade à velhice desde os grandes deslumbramentos, próprios das grandes cidades, às sensações, tão simples como queridas, experimentadas ao luar das romarias, na santa paz aldeã de uma festa, cheia de fogaça *, de arcos enfeitados a hera e rosmaninho. Por maiores que sejam as felicidades que a sorte nos proporcione, o que jamais esquece longe do lugar onde se nasce — é o pequeno pedaço de terra, onde primeiro se abrem os olhos para a luz, sempre querido e sempre bendito ao nosso coração.

Quem já alguma vez se foi por êste nosso tão encantador Portugal fora, há-de ter notado, aqui e ali, principalmente por terras do norte, que se erguem verdadeiros palácios, em sítios ermos, em meio de ignoradas

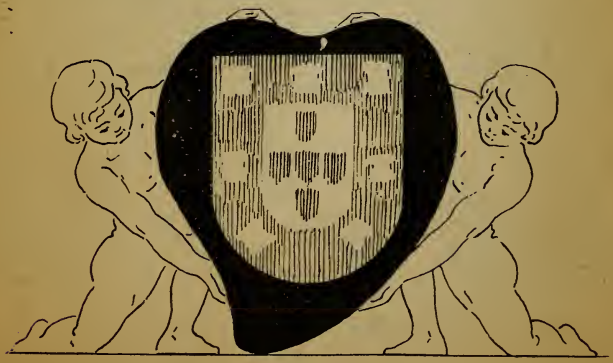
aldeias. Pois se o viajante se der ao trabalho de preguntar de quem é qualquer daquelas lindas vivendas é quási certa a resposta:

—*É do senhor brasileiro.*

O «senhor brasileiro» é, afinal, o genuíno português, que em novo se foi à ventura para êsse Brasil encantado, para onde emigra tanta gente nossa em busca de riqueza, mas de onde tantos voltam pobres, depois de por lá arrastarem uma vida de miséria; o «senhor brasileiro» é dos raros que por lá tiveram sorte; arranjou fortuna, mas, podendo ir gozá-la em esplêndidas cidades, preferiu, modestamente, patriòticamente, acolher-se ao sossêgo da terra onde nasceu.

E como os «senhores brasileiros», quantos outros homens ricos não fazem precisamente o mesmo.

E isto dá-se com freqüência: e isto dá-se, porque o amor à nosa terra, ao nosso casal, é o mais forte elo desta grande cadeia de sentimentos afectivos, que nos faz sempre estremecer de emoção ao pronunciar a santa palavra —*Pátria*—santa no santo amor à famlia, santa no sagrado amor à nossa casa, à nossa terra.



Quadro histórico

¿Quem fêz a 1.ª travessia aérea de Portugal ao Brasil? Que representa esta gravura?

SANTO ORGULHO

Na escola. Maio florido.
À hora do recreio
brincavam as crianças
no pátio umedecido,
com um coração cheio
de riso e de esperanças.

E enquanto algumas vão
e vêem, saltando e rindo,
outras, com mais idade,
falam do seu torrão
natal, formoso e lindo,
já cheias de saüdade...

E ouvindo-as a falar
com tanto mimo e ardor
do seu torrão natal,
do céu, do Sol, do mar,
que tornam um amor
o nosso Portugal,

eu tive o sumo encanto
de ver que em cada peito,
decerto já às vezes
brotava puro e santo
o orgulho são, perfeito,
de serem portugueses.

E ao ver nessas crianças
tão grande e vivo amor,
eu vi as esperanças
de um Portugal melhor.

ALGUMAS REGRAS ORTOGRÁFICAS

c — *Acção; actuar; espectáculo; direcção; reacção; rectidão; contracção; inspecção* — Nestas palavras o *c* que se segue a *a* ou *e* abertos, não tónicos, não se pronuncia. *Acto, directo, recto* — Por analogia não se pronuncia igualmente o *c* nas palavras aparentadas com aquelas, embora a vogal que a precede seja tónica.

h — *Herdar, honra, humano, haver, honestidade* — O *h* inicial é mudo.

Deserdar, desonra, desumano, reaver, desonestidade — Nestes vocábulos, que se compõem de prefixo e de uma palavra autónoma, elimina-se o *h* que entra inicialmente na sua forma simples.

mm — *Emagrecer, emalar.* — Estes vocábulos e outros, resultantes da união dos prefixos *em* — e *in* — escrevem-se apenas com um *m*. Não se escreve, pois, *emmagrecer, emmalar.*

nn — *Enovelar, enodoar* — Estes vocábulos e outros resultantes da união dos prefixos *en* — e *in* —, escrevem-se apenas com um *n*. Não se escreve, pois, *ennovelar, ennodoar.*

r / rr — *Rol, rapaz, rosa, remendo; palrar, honrado, israelita* — Nestas palavras o *r* inicial de *palavra* ou de *sílaba* (não entre vogais) é forte.

Carro, arroz, ferramenta, carrancudo — Nestas palavras, para que o *r* fôsse forte teve de se duplicar.

Ir, andar, virtuoso; frágil, prêto, grande, gramática; cêra, agora, laranjeira — Nas três primeiras destas palavras o *r* está no fim da sílaba; nas três seguintes vem depois de consoante pertencente à mesma sílaba que êle; nas restantes vem entre vogais. Em tôdas elas o *r* é brando. Portanto, o *r* é brando ou tem o valor fraco, quando está

— no fim de sílaba — *andar,*
— depois de consoante pertencente à mesma sílaba — *prêto,*
— entre vogais — *laranjeira.*

s *Sol, sapo; pulso, ânsia; psicólogo, lapso* — Nas duas primeiras palavras o *s* está no princípio; nas duas imediatas está entre consoante e vogal, não pertencente à mesma sílaba; nas restantes vem depois de *p*, pertencente à mesma sílaba. Em tôdas tem o valor de *ç*.

Portanto, o *s singelo* vale *ç:*
— no princípio da palavra,
— entre consoante e vogal, não pertencente à mesma sílaba.
— entre *p* e vogal, embora pertencendo à mesma sílaba.

ss *Passar, assador, assim, passeio* — Nestas palavras os *ss* valem como *ç*. Portanto, entre vogais, o *s* surdo, para valer *ç*, duplica-se.

ui *Construis, azuis.* — Êste ditongo mantém-se nas terminações em *uis*.

z *Zanga, zêlo; capataz, giz* — O *z* tem dois valores: *z* e *x*. Com o valor de *z* emprega-se no comêço de palavra ou sílaba; como *x*, no final de sílaba ou palavra.

Mãezinha, sòzinho, Josèzinho — As palavras com terminação diminutivas em *zinho e zinha*, escrevem-se geralmente com *z*.

(Escreve-se, porém, *rosinha, casinha, mesinha*)

Luís, Tomás, Garcia, Inês, Valdevês — As palavras que designem nome de pessoas e povoações escrevem-se com *s* final, quando *agudas*. Exceptuam-se: *Queluz, Moniz, Vaz*, etc.

ACENTOS

Os acentos, empregados apenas sôbre vogais, são os seguintes:

◤ *acento agudo,*

◥ *acento grave,*

^ *acento circunflexo,*

~ *til,*

●● *trema.*

Escrevem-se com acento agudo:

— as vogais *a, e, o,* quando abertas, finais e tónicas. Exemplos: *alvará, rapé, avó;*

— as vogais abertas de sílabas tónicas em palavras esdrúxulas. Ex.: *pálido, médico, tímido, cómoda, túmulo;*

— as vogais abertas de sílabas tónicas de certas palavras *graves* que, escrevendo-se com as mesmas letras de outras palavras, têm diferente pronúncia e sentido. Ex.: *pára* e para; *péla,* pela; *pêlo,* pelo. pêlo;

— as vogais *i, u,* quando, sòzinhas, formem sílaba tónica e sejam precedidas de outra vogal *a que se não liguem para formar ditongo.* Ex.: *daí, saí, baú, saúde, saída, Luísa.*

— as vogais de sílaba tónica de palavras *graves* terminadas em *i, u não tónicos;* terminadas em consoante, ou ainda em vogal nasal, que não seja *em* ou *ens.* Ex.: *quási, dócil, Vítor, álbum, regímen, órfão, orégão.*

Dispensam acento agudo:

— as vogais da sílaba tónica em palavras *graves,* que, geralmente, dispensam tanto acento agudo como qualquer outro. Ex.: *rega, toga, capa;*

— as palavras agudas terminadas em qualquer das consoantes *l, r, z.* Ex.: *farol, mulher, chafariz;*

— as palavras agudas terminadas nas vogais *i, u,* ditongo, ou ainda vogal nasal que não seja *em* ou *ens.* Ex.: *javali, peru, viu, marau, atum, amêndoim.*

Escrevem-se com acento grave:

— as palavras que, além da vogal tónica, têm outra vogal aberta. Ex.: *pègada, mòlhada, prègar, àquêle;*

— Os advérbios terminados em *mente,* derivados de adjectivos com um acento agudo na sílaba tónica, que mudam tal acento para grave. Ex.: próprio *pròpriamente;* hábil, *hàbilmente;* amável, *amàvelmente;*

A sílaba onde houver um acento grave, nunca pode ser a sílaba ica da palavra.

Escrevem-se com acento circunflexo:

— as palavras esdrúxulas que têm na sílaba tónica uma vogal de som fechado. Ex.: *câmara, pêssego, côvado;*
— as palavras que, por se escreverem com as mesmas letras de outras, oferecem em muitos casos diferente sentido e pronúncia. Ex.: *adôrno,* adorno; *rêgo,* rego; *gôsto,* gosto; *tôda,* toda; *êsse,* esse (nome da letra *s*); *êle,* ele (nome da letra *l*).

A sílaba onde houver um acento circunflexo será sempre tónica, quando na palavra não existir acento agudo.

O *til* emprega-se apenas sôbre as vogais *a, o (ã, õ),* e serve para as nasalar. Ex.: *romã, limão, dispõe; frângão, orégão, zângão.*

Emprega-se o trema:

— para indicar que se lê o *u* de *que, qui, gue, gui.* Ex.: *freqüência, tranqüilidade; argüir, argüente;*
— para indicar que o *u* em certas palavras se lê desligado de outra vogal a que vem junto, passando a formar, sòzinho, *sílaba fraca.* Ex.: *saüdade.*

Quando o i *ou o* u *vierem juntos a outras vogais, mas que com elas não formam ditongo, põe-se-lhes* acento agudo, *se essa sílaba fôr a tónica, e* trema, *se fôr sílaba fraca.* Ex.: *caída, miüdinho.*

PONTUAÇÃO

Na escrita, empregam-se principalmente estes sinais:

Ponto final ..... .

Vírgula ..... ,

Ponto e vírgula ..... ;

Dois pontos ..... :

Ponto de interrogação ..... ?

Ponto de exclamação ..... !

Para melhor compreensão do que se escreve, convém saber colocar estes sinais no seu devido lugar. É com a prática de escrever que isso melhor se aprende, é certo; mas vejamos algumas regras para o seu mais vulgar emprêgo:

. O *ponto final* emprega-se no fim de períodos e também como abreviatura: *D.* (que se lê Dom); *dr.* (que se lê doutor; *sr.* (que se lê senhor), etc.

, A *vírgula* emprega-se para separar nomes, substantivos, adjectivos, etc., quando seguidos e não ligados por conjunções. Exemplos: *António, José e Francisco são ricos, esmoleres, estudiosos e honrados. Têm muitos campos com oliveiras, pereiras, pinhais, trigo, milho e centeio.*

Emprega-se também a vírgula para separar palavras, frases ou orações intercaladas no período. Exemplo: *António,* realmente, *é muito caritativo. Dá,* ao que se diz, *largas esmolas aos pobres.*

; Emprega-se o *ponto e vírgula* para separar orações coordenadas, quando muito extensas e também quási sempre antes de conjunção adversativa. Exemplos: *É bem pequeno Portugal; mas, ainda assim, não predominam por tôda a parte os mesmos produtos. O Alentejo produz principalmente trigo; na Extremadura, abunda a vinha; no Algarve, o figo, a amêndoa, a alfarroba; nas Beiras, o azeite.*

: Os *dois pontos* empregam-se antes de uma citação ou enunciação. Exemplo: — *O professor disse aos alunos: estudem, porque o saber engrandece o homem. As principais condições para se ser feliz, são: ter saúde, ter dinheiro e praticar o bem.*

? O *ponto de interrogação* emprega-se no fim dos períodos, que envolvem uma pregunta. Quando os períodos têm mais de cinco palavras, é de uso colocar no comêço um ponto de interrogação invertido. Exemplo: — *¿ Então quando é que te resolves a estudar?*

! O *ponto de exclamação* emprega-se depois das palavras e frases admirativas, que denotem dor, zanga, entusiasmo, contentamento. Em períodos extensos, é de uso, no comêço, colocar um ponto de admiração invertido. Exemplos:

— *Bravo! Gostei do teu exame! ¡Foi um exame bonito, como há muito tempo não vejo!*

Escrevem-se com letra maiúscula inicial:

— Os nomes próprios e apelidos de pessoas;
— os nomes de nações, povoações, rios, cabos, serras, lagos, etc.;
— os nomes de meses, quando se escreve uma data;
— os nomes de astros: Sol, Terra, Lua, etc.;
— as palavras que designam tratamento: V Ex.ª; V. S.ª;
— a primeira palavra de período;
— a palavra que designe título honorífico aplicado a um nome: D. Henrique, D. Maria, D. Pedro V.

VOCABULÁRIO

A

ABOMINARA — Aborrecera.

ÁGUA-RUÇA—Dá se êste nome nos lagares à água turva junta com o azeite.

AIRADA (vida) — Vida sem preocupações, sem cuidados.

ALADOS — Que têem asas: que correm como se tivessem asas.

ANCESTRAL — Antigo — Que pertence aos antepassados.

ANCORADOURO — Lugar onde o navio lança a âncora. — Lugar onde os navios podem abrigar-se e realizar a carga e descarga de mercadorias ou embarque e desembarque de passageiros.

ANDAR A PÃO — Diz-se das terras mais próprias para cultura de cereais.

ANHO — Cordeiro.

ARREBOL — Vermelhidão que se vê no céu antes do nascer ou depois do pôr do Sol.

AUSCULTAÇÃO — Acção de auscultar, isto é, aplicar o ouvido ao peito, às costas, etc., para conhecer os ruídos dos pulmões, do coração, e deduzir dêles o seu estado.

ASADAS — Bilhas de bôca larga e duas asas. (Têrmo provinciano).

B

BACAMARTE — Arma de fogo, de cano curto e largo.

BÁCORO — Pequeno porco com pouca idade.

BALSA — Matagal, tapume de ramos ou silvas.

BARBACÃ — Muro que se construía fora das muralhas e mais baixo do que elas.

BLOQUEIAM — Põem cêrco.

BRÓDIO — Refeição alegre, patuscada.

BRUNIR — Polir, tornar brilhante.

BULÍCIO — Agitação de coisas ou pessoas, sussurro.

C

CARNIFICINA — Mortandade.

CARRILHÃO — Conjunto de sinos com que se tocam peças de música.

CHÃO — Simples *(No texto)*.

CONDÃO — Dom, faculdade, habilidade.

CONTAMINADO — Infectado, prejudicado pelo contacto ou contágio.

CRECHE — Asilo diurno para criancinhas pobres.

CUBELOS — Torreões de fortaleza antiga.

CUNHO — Carácter, marca.

D

DECORAÇÕES — Adôrno — enfeite.

E

EGOÍSTA — Pessoa que tudo refere a si, que só trata de si, não se preocupando com os outros.

EMBONDEIRO — Árvore de algumas regiões da África.

ESMÊRO — Cuidado extrêmo.

ESPONTANEO — Sem influência exterior ou estranha.

ESTIOLAR — Emagrecer, definhar, perder a côr.

EXORTAÇÕES — Conselhos, incitamentos.

F

FOGAÇAS — Bolos ou presentes oferecidos para serem vendidos, depois de certas festas de igrejas ou capelas.

FORMATURA — Conclusão do curso de uma faculdade universitária.

FRADES — Membros de uma comunidade religiosa de homens.

FRAGRANTE — Que exala aromas, que tem bom cheiro.

FRIGORIFICOS — Aparelhos que produzem frio. No texto refere-se à casa onde funcionam êsses aparelhos.

FUSCA — Sem brilho. O mesmo que *fósca.*

H

HERESIA — Acto ou palavra ofensiva da religião.

HOSTES — Tropas.

I

IDADE MÉDIA — Tempo decorrido entre os anos 476 e 1453.

IGNOTAS — Ignoradas, desconhecidas.

INDÍCIO — Sinal, vestígio.

INVULGAR — Fora do vulgar, comum, trivial.

L

LIMÍTROFES — Confinantes, contíguos.

LIRISMO — Sentimento poético; relativo ao sentimento pessoal do poeta.

M

MARNOTOS — Homens que trabalham nas salinas.

MAUSOLÉU — Túmulo, sepulcro sumptuoso.

MIGRATÓRIA—Relativo à emigração, isto é, ao acto de passar de um país para outro.

MOLIÇO — Planta aquática que se utiliza como adubo de terras.

MONTES — Casais de herdades (usado no Alentejo).

O

OBRA-PRIMA — Trabalho per-

feito — Obra capital ou principal de um escritor.

ORIUNDA — Originária, proveniente.

P

PACAÇAS (BOIS) — Raça de Angola, cujas hastes são cheias de nós.

PÉLAGO — Mar Alto.

PENHAS DOURADAS — Nome dado a uma penedia do alto da Serra da Estrêla.

PERSPICAZ — Que percebe bem, que vê bem, sagaz.

PINTOS — Antigas moedas no valor de 480 réis, ($48).

PISCINAS — Reservatórios de água em que se criam peixes. Tanques para banhos.

PITÉUS—Petiscos, iguarias saborosas.

PLAGAS — Regiões.

POTESTADE — Poder divino, Deus.

PRIMOROSO — Excelente, perfeito.

PRIVILEGIADO — Singular, distinto.

PROTOTIPOS — Diz-se do que serve de modêlo, exemplo.

R

REGIONAL — Relativo a uma região.

REPUGNÂNCIA — Nojo, relutância.

RIPADA — Pancada com ripa. No texto quere dizer: colhida ou tirada à mão.

ROMANCE — Conto, narração.

ROSÁCEAS — Vidraças de côres, geralmente circulares e rendilhadas, mais ou menos parecidas com as rosas.

S

SEGADORES — Ceifeiros.

SÓBRIA — Moderada, com pouca abundância.

SUMPTUOSOS — Aparatosos; de muito luxo.

T

TAREFAS — Depósitos apropriados para, nos lagares, receberem o azeite misturado com água.

TRONCO — Origem de uma família, (no texto).

TULHA — Lugar onde se junta a azeitona; casa onde se depositam cereais em grão.

V

VARONIL—Valoroso, enérgico, heróico.

VENERAÇÃO — Reverência, respeito.

VIRIS — Fortes, esforçados, próprios de homem.

Z

ZAGAL — Pastor.

ZERBUM — Planta rasteira.

ZIMBRO — Planta, cujos bagos esmagados produzem uma bebida alcoólica.

ÍNDICE

	Pág.
Aos educadores	7
A caminho da Escola	9
A paz na família	10
A paz nas nações	12
O filho pródigo	14
Cerejas	16
Como nascem as cerejas	18
Mamíferos herbívoros	21
Ruminantes	22
Belezas de Portugal	24
Órfãos	26
Leitura silenciosa	27
O sal	28
Extracção do sal	30
Crianças	32
O sangue	33
Educação cristã	33
Quadro histórico	35
As más companhias	36
Aves	36
Como algumas aves fazem os ninhos	38
A oliveira	40
Quadro histórico	43
Respeitai os ninhos	44
O porco	45
A árvore e o camponês	46
O ar	48
Água corrente	50
Água corrente (canto)	51
Árvores	52
Labirinto	54
O banho	55
As árvores e as chuvas	56
O lôbo e o cordeiro	58
Territórios portugueses	60
A figueira	61
Climas — Riquezas de Portugal	63
Ordenação lógica	64
Os nossos produtos agrícolas	65
A conquista de Santarém	66
O assalto	68
Os ninhos	70
O homem de ontem e de hoje	74
Nos tempos modernos	76
A caça	78
O coelho bravo	80
Portugal	82
Espertezas	85
Leitura silenciosa	86
Nacionalismo	87
O Papa e a Igreja Católica	90
A formiga e a cigarra	91
Leitura silenciosa	92
Bons portugueses	93
Necessidade de religião	95
O actual Chefe do Estado	96
Justiça curiosa	97
Estradas — Caminhos de Ferro	98
Có-có-ró-có	100
Quadro histórico	103
A perdiz	104
Brasil	106
Leitura silenciosa	107
Quedas de água e minas de carvão	108

Valor do carvão de pedra 110
Leitura silenciosa 111
As cobras 112
A cobra e os pássaros..... 113
Os barcos a vapor 114
Os nossos rios 116
Os pescadores 118
A Serra da Estrêla 120
Quadro histórico 123
A vingança da violeta..... 124
Leitura silenciosa 125
A caixa escolar 126
Bons corações 128
Satisfação do professor... 130
Alegria justificada..... 131
Muitos poucos fazem muito 132
Mãos à obra 134
O livro novo do Jorge... 135
A comoção do Jorge..... 136
Viva a nossa Caixa Escolar! 136
Era uma vez... 139
Ecos do Alentejo (canto) 143
Os Jerónimos — A Casa Pia 144
O convento de Mafra..... 146
Angola 148
As abelhas 150
O telégrafo 152
Telégrafo aéreo 153
Telégrafo eléctrico..... 153
O telefone 155
Moçambique 156
Noite de inverno..... 158
Timor 159
Quadro histórico 160
O Gigante Adamastor..... 161
Quadro histórico..... 163
Padre António Vieira..... 164
O estatuário 164
Padre Manuel Bernardes 165
Quem quere vai, quem não quere manda 165
Mosteiro da Batalha 167
Alexandre Herculano..... 168
O alcaide do Castelo de Faria 169
Almeida Garrett..... 172
António Feliciano de Castilho 174
A rosa 175
Tomás Ribeiro 176
Bênçãos 176
Camilo Castelo Branco... 178
Honradez 178
Júlio Dinis 180
A chegada do correio..... 180
João de Deus 183
Dia de anos 184
Trindade Coelho 186
Para a escola 187
Eça de Queiroz 189
Regresso a Portugal..... 189
Augusto Gil 191
A neve 191
A nossa terra na 193
Quadro histórico 196
Santo orgulho 197
Algumas regras ortográficas 198
Vocabulário 204

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, LOS ANGELES
THE UNIVERSITY LIBRARY
This book is DUE on the last date stamped below

JUN 3 1962
APR 1 0 2001
APR 0 9 '01
OCT 3 0 1950
APR 2 REC'D LD-URL
MAY 2 2 1975
SEP 1 7 1987
URL
SEP 1 0 1987
OCT 0 5 1992
SEP 1 2 1992
OL OCT 1 6
APR 1 9 1994

Form L-9
25m-10,'41(2401)

UNIVERSITY of CALIFORNIA
AT
LOS ANGELES
LIBRARY

3 1158 01211 9755

PC
5069
S94 1
v.4

Obras de **Manuel Subtil, Cruz Filipe, Faria Artur e Gil Mendonça**

INICIAÇÃO DA LEITURA, pelo método global, em harmonia com os modernos princípios pedagógicos, e contendo alguns exercícios de aplicação. Edição abundantemente ilustrada..... 4$00

GUIA DO PROFESSOR, para a aplicação da *Iniciação da Leitura* $50

INICIAÇÃO DA ARITMÉTICA por meio de processos intuïtivos, como preparação agradável e amena para o desenho, para a escrita e para o cálculo, abundantemente ilustrada ..... 3$00

CADERNO DE ARITMÉTICA, para a 2.ª *classe*, com ilustrações, segundo processos intuïtivos ..... 3$00

CADERNO DE ARITMÉTICA, para as classes 3.ª e 4.ª contendo algumas noções de aritmética, sistema métrico e geometria, segundo os programas actuais. Edição ilustrada ..... 3$50

CADERNOS DE APLICAÇÃO de Aritmética, Língua Materna, História e Geografia. Classes 3.ª e 4.ª de ensino primário e admissão aos liceus em 9 cadernos. Quem se exercitar na prática dêstes cadernos ficará habilitado a executar quaisquer *pontos de exame*, visto que nêles se contém tôda a matéria dos programas oficiais ..... cada 2$00

LEITURAS — I Classe — todo original dos autores..... 3$50

LEITURAS — II Classe—todo original dos autores, professores primários, adoptado oficialmente para o ano de 1942-43 ..... 4$00

LEITURAS — III Classe — todo original dos autores, com vocabulário e regras ortográficas, adoptado oficialmente para o ano de 1942-43..... 5$00

LEITURAS — IV Classe — contendo no final, além de vocabulário, algumas regras ortográficas, muito úteis, adoptado oficialmente para o ano de 1942-43..... 6$00

PEQUENO DICIONÁRIO ESCOLAR, com cêrca de 10.000 vocábulos, 8.000 exemplos, 50 ilustrações e mapas e 700 páginas, um belo volume portátil, cart..... 12$00

MODERNO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Principais alterações e dificuldades ortográficas e prosódicas, segundo o Vocabulário da Academia das Ciências de Lisboa, 1 vol. de 102 págs. encadernado, 10$00; brochado..... 6$00

ELEMENTOS DE GRAMÁTICA — em moldes completamente novos — aprovados oficialmente para a 3.ª e 4.ª classes, por Silvestre da Silva e Sanches de Brito ..... 5$00

EDUCATIVAS — Poesias infantis por Manuel Subtil..... 4$00

Mobiliário e material escolar

Carteiras — Secretárias — Quadros pretos — Caixas métricas — Contadores mecânicos — Quadros de moral, de ciências naturais, de história, etc. Mapas de sistema métrico, corográficos e geográficos — Esferas terrestres, celestes e armilares, etc.

LIVRARIA [illegible] DA COSTA — EDITORA

Sede. R. Garrett, 100-10[illegible] *Sucursal*: L. do Poço Novo, 24—LISBOA